

# Relatório de Estágio Profissional

**José Pereira Azevedo Maia**

Setembro, 2010





**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Desporto**

## **Relatório de Estágio Profissional**

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro).

**Orientador:** Professora Doutora Paula Silva

**José Pereira Azevedo Maia**  
**Porto, Setembro de 2010**

### **Ficha de Catalogação**

Maia, J. (2010). *Relatório de Estágio Profissional*. Porto: J. Maia. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVES:** ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, FORMAÇÃO INICIAL, REFLEXÃO.



## **AGRADECIMENTOS**

À minha Orientadora, Professora Doutora Paula Silva, pela sua disponibilidade incondicional.

Aos meus colegas de Faculdade, Fábio e Joel, pela sincera amizade demonstrada durante os 7 anos de Faculdade.

Aos meus colegas que leccionam Actividade Física e Desportiva pela ajuda na tentativa de compatibilizar o trabalho com a conclusão do meu percurso na Faculdade.

Aos meus colegas do Leixões pela ajuda e pela compreensão na troca de horários de treino nesta fase final de mestrado.

Ao meu colega Hélder Silva, por neste mês ter ficado “sozinho” a liderar a Futlife – Associação Juvenil de Apoio Social e Desportivo.

A toda a minha família, nomeadamente os meus pais que sempre se mostraram prontos a ajudar-me.

A todos, o meu muito obrigado

## ÍNDICE GERAL

<b>ÍNDICE DE FIGURAS .....</b>	<b>VII</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS .....</b>	<b>VIII</b>
<b>ÍNDICE DE ANEXOS.....</b>	<b>IX</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>2</b>
1.1 Objectivos.....	6
1.2 Processo de realização do relatório de estágio .....	7
<b>2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO .....</b>	<b>10</b>
<b>3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL .....</b>	<b>13</b>
<b>4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL .....</b>	<b>23</b>
4.1.1 Estágio – “aprender a ensinar” .....	23
4.1.1.1 Aprender a ensinar.....onde se aprende!!! Será possível? .....	25
4.1.2 Competências profissionais .....	27
4.1.3 Conhecimentos do professor de Educação Física .....	29
4.1.3 A reflexão como parte integrante e indispensável na formação do professor..33	
4.1.3.1 Reflexão – caminhando para a melhoria do ensino.....	33
4.1.3.2 Formação teórica ou prática – que valor dar a cada uma delas?.....	35
4.2 Análise das reflexões.....	38
4.2.1 Grelha de Codificação.....	38
4.2.2. Categorias e subcategorias.....	39
4.2.3. Apresentação e análise dos resultados .....	45
<b>5. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>62</b>
<b>SÍNTESE FINAL.....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>XIII</b>

<b>Anexo 1 - Relatórios de aula utilizados para retirar exemplos para o relatório profissional.....</b>	
<b>..... XV</b>	
<b>Anexo 2 – Relatório final de ano.....</b>	<b>XLVIII</b>



## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1 – Modelo de conhecimento do professor de Grossman (1990).

## **ÍNDICE DE QUADROS**

Quadro 1 – Distribuição da codificação pelas categorias e subcategorias em análise.

## ÍNDICE DE ANEXOS

### **Anexo 1 - Relatórios de aula utilizados para retirar exemplos para o relatório profissional.....XII**

Plano de aula 11.....	XVI
Plano de aula 12/13.....	XVII
Plano de aula 18/19.....	XX
Plano de aula 20.....	XXII
Plano de aula 29.....	XXIV
Plano de aula 30/31.....	XXV
Plano de aula 33/34.....	XXVII
Plano de aula 35.....	XXIX
Plano de aula 42.....	XXX
Plano de aula 45.....	XXXI
Plano de aula 70.....	XXXII
Plano de aula 74/75.....	XXXIV
Plano de aula 76.....	XXXVI
Plano de aula 77/78.....	XXXVIII
Plano de aula 81.....	XL
Plano de aula 82/83.....	XLI
Plano de aula 88/89.....	XLIII
Plano de aula 92/93.....	XVL

### **Anexo 2 – Relatório final de ano.....XLVII**

## RESUMO

O Relatório de Estágio Profissional é uma das exigências impostas pelo plano de estudos do mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. O Estágio decorreu na Escola Secundária de Maximinos, num núcleo de estágio constituído por dois elementos.

Este relatório para além de abordar o trabalho desenvolvido nas quatro áreas de desempenho: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, “Participação na Escola”, “Relações com a Comunidade” e “Desenvolvimento Profissional”, também se debruça sobre a análise das reflexões desenvolvidas naquele momento, nomeadamente as reflexões das aulas e reflexão final.

O capítulo “Enquadramento Biográfico” ilustra o meu trajecto de vida, nomeadamente a nível de experiências académicas e desportivas. No capítulo “Enquadramento da Prática Profissional” abordo todo o trabalho desenvolvido durante o ano de estágio nas diferentes áreas de desempenho.

Neste relatório o capítulo “Realização da Prática Profissional” reveste-se de importância fulcral pois é nele que abordo as questões do “aprender a ensinar” e da necessidade imprescindível da reflexão no desenvolvimento profissional do professor de Educação Física. Para além disso, e ainda neste capítulo, analiso as minhas reflexões das aulas, bem como a reflexão final destacando as minhas principais preocupações durante aquele ano de estágio. A análise das reflexões permitiu-me reflectir sobre a imensa preocupação com o desempenho dos alunos naquela altura. Actualmente e passados dois anos, a minha preocupação estaria mais centrada na categoria “conteúdos” pois considero-a fundamental no desenvolvimento de um professor competente.

Por fim, na “Conclusão e Expectativas para o Futuro” enfatizo a importância deste ano de estágio no processo de formação de professores. Para além disso, “olho” para o futuro antevendo caminhos sinuosos mas possíveis de ultrapassar com trabalho e empenho.

**PALAVRAS-CHAVES:** ESTÁGIO PROFISSIONAL, PROFESSOR, FORMAÇÃO INICIAL, REFLEXÃO.

## **ABSTRACT**

The practicum thesis is one of the requirements of the Master in Teaching Physical Education in Primary and Secondary schools. The practicum was held in Escola Secundária de Maximinos with a practicum group composed of two elements.

This report as well as covering the work developed in the four areas of performance, "Organization and Management of Teaching and Learning", "Participation in School", "Community Relations" and "Professional Development", also focuses on the analysis the reflections developed at that time, like the reflections of classes and the final reflection.

The chapter "Biographical background" illustrates my journey of life, including their academic and sporting experiences. In the chapter "Framework for Professional Practice" I approach all work done during the years of practicum in all different areas of performance.

In this thesis the chapter "Realization of Professional Practice" is of vital importance because it is where I discuss the issues of "learning to teach" and the indispensable necessity of reflection on professional development of the physical education teacher. In addition, and still on this chapter, I analyze my reflections of classes and the final reflection highlighting my main concerns during that year of practicum. At this point it becomes clear that my concern to reflect on aspects that currently would not be matter of much attention, but at the time of the practicum became a kind of obsession. The analysis of the reflections allowed me to reflect on the overwhelming concern with student performance at that time. Currently, two years after, my concern would be more focused on the category "content" because I consider it essential to develop a competent teacher.

Finally, in the "Conclusion and Expectations for the Future" I emphasize the importance of this year of practicum in the process of teacher formation. In addition, I take a look at the future, anticipating winding paths that can still be overcome with hard work and commitment.

**KEY WORDS: PRACTICUM, TEACHER, INITIAL TRAINING, REFLECTION.**

## **ABREVIATURAS**

EP – Estágio Profissional

ESMAX – Escola Secundária de Maximinos



## **1. INTRODUÇÃO**



## **1. Introdução**

O relatório de estágio apresenta-se como a tarefa final do Estágio Profissional (EP), unidade curricular do terceiro e quarto semestres do segundo ciclo de estudos, integrado no plano de estudo do mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Embora tenha realizado o estágio no ano lectivo 2007/2008, não foi possível concluir a Licenciatura em Desporto e Educação Física nesse ano. Assim, e em virtude da entrada em vigência do novo plano de estudos, no ano lectivo 2009/2010 surgiu a necessidade de apresentar um relatório de estágio, e posterior defesa pública do mesmo, de forma a poder concluir o mestrado em ensino. Não fazia sentido realizar um relatório de estágio segundo as normas definidas pela faculdade para os estudantes estagiários deste ano lectivo. Não seria possível apresentar um relatório como se estivessemos a terminar o ano de estágio. Desta forma, e após reunião com os orientadores da Faculdade surgiu a hipótese de analisarmos as reflexões produzidas na altura.

Assim sendo, este documento surge no âmbito de um plano de transição entre a unidade curricular de Estágio Pedagógico que eu realmente frequentei e a Estágio Profissional que faz parte do plano de estudos do mestrado em ensino. Na realidade o presente relatório será realizado tendo em conta todo o trabalho efectuado durante a realização do Estágio Pedagógico, mas segundo os novos moldes definidos pela Faculdade para o mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Este EP da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto que concluí a formação no 2º ciclo de estudos em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário é orientado por várias normas com carácter legal, institucional e funcional. Como referi anteriormente, a parte prática do meu estágio foi realizada ainda segundo os moldes do curso pré-bolonha, mas visto este relatório ser referente à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação irei apenas referir as orientações do EP pós-bolonha.

O EP é realizado nos dois últimos semestres do 2º ciclo de estudos, acompanhando um ano lectivo completo de uma turma numa escola básica ou

secundária. Este é realizado segundo as normas estabelecidas nos seguintes documentos: Regulamento geral dos segundos ciclos da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, o Regulamento Geral dos segundos Ciclos da Universidade do Porto, o Regulamento do Curso de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário além das restantes normativas da unidade curricular do EP.

O aluno durante o ano de estágio tem o acompanhamento de um professor cooperante da escola onde o aluno se encontra a estagiar e de um orientador definido pela faculdade. Será o estudante estagiário a conduzir todo o processo de concepção, planeamento e realização do processo pedagógico da turma que lhe for atribuída.

Sabemos como o ano de estágio é importante para a formação do professor e sabendo o importante papel da reflexão nesta evolução, decidimos apresentar um relatório final de estágio, segundo os moldes definidos pela Faculdade, embora o capítulo da Realização da Prática Profissional esteja condicionado pela distância temporal da realização do mesmo. Apesar desta distância temporal e das diferenças legais registadas entre o EP e o Estágio Pedagógico, a nível organizacional os estágios são muito semelhantes. Os estudantes ficam encarregues de leccionar uma turma, durante um ano lectivo, sempre com o apoio de dois professores – professor cooperante (anteriormente designado de professor orientador), pertencente à escola onde se realiza o estágio e um professor orientador (na licenciatura de 5 anos designado por professor supervisor), atribuído pela Faculdade. Durante este ano, o estudante tem que demonstrar e aplicar conhecimentos em 4 áreas de desempenho: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, “Participação na Escola”, “Relações com a Comunidade” e “Desenvolvimento Profissional.

Depois de um longo período em que somos expostos a uma formação em grande parte teórica, o estágio surge como a oportunidade de congregar as diversas disciplinas que constituem a componente académica do curso, através da sua articulação com situações reais (Ralha et al., 1996). Apesar de em anos anteriores da nossa formação, termos sido confrontados com experiências esporádicas de prática de ensino supervisionada, o estágio pedagógico surgiu como uma oportunidade de estar do outro lado, constituindo a nossa

verdadeira “estreia” na profissão. O conhecimento científico, pedagógico e didáctico adquiridos durante a frequência do curso só têm valor se aplicados em contextos reais, com alunos, turmas e escolas que existem na realidade (Rodrigues, 2009).

Nesta etapa final da sua formação académica, o estudante estagiário tem a oportunidade de aprender praticando, cometendo erros e corrigindo os erros através da reflexão. É, ao mesmo tempo, uma oportunidade para começar a pôr em prática os conhecimentos que adquiriu ao longo do curso, relacionando os conhecimentos teóricos com as situações práticas, e para começar a construir o seu próprio estilo de actuação (Oliveira, 1992, Matos & Costa, 1993; Ryan et al., 1996).

Cada vez mais, o professor é colocado perante dificuldades que vão muito além do simples acto de leccionar. Além de gestor da aula, o professor actual deve ser um gestor de relações pessoais e de conflitos, um gestor administrativo, um gestor de tarefas de interacção entre os diversos elementos da comunidade escolar (alunos, pais/encarregados de educação, outros professores, funcionários, membros do Conselho Executivo...), e ainda gestor da interacção com a comunidade (Silva, 2009). De facto, é necessário que o estudante estagiário aprenda a dominar um extenso rol de conhecimentos, procedimentos, rotinas e destrezas nos diferentes “palcos” em que actua.

É necessário que nesta fase seja desenvolvida a capacidade de tomar as melhores decisões e de resolver os problemas levantados pelos outros intervenientes educativos no imediato. A este respeito, Silva (2009) refere que os conhecimentos académicos e o senso comum podem ajudar, mas ao mesmo tempo evoca a necessidade do professor ter uma apreensão rápida das situações, articulando quase em simultâneo o pensamento e acção, além da indispensável gestão dinâmica das relações sociais.

Na mesma linha de pensamento, Matos (1989) alude à multiplicidade de tarefas inerentes à actividade docente, exigindo do professor conhecimentos como forma de as resolver.

No panorama actual é imprescindível que o professor vá para além da simples planificação da aula. Partindo de uma análise cuidada do currículo, é necessária a sua adequação à comunidade educativa em causa. Ou seja,

partindo de uma análise meticulosa do Currículo Nacional Educação Física e de toda a envolvente desportiva do contexto educativo onde se situa, o professor deve ser capaz de planificar um Projecto Curricular de Educação Física para a escola onde se encontra. Este projecto deve ter consideração os dois elementos referidos anteriormente – Currículo Nacional de Educação Física e o Contexto Educativo onde se insere a escola. Após esta análise e posterior planificação do Projecto Curricular de Educação Física para a escola o professor deve ser ainda capaz de elaborar um Projecto Curricular de turma que se adapte às características individuais dos seus alunos.

Numa sociedade em constante evolução é necessária a rápida adaptação do professor a estes tempos conturbados. A escola tem sido colocada perante situações a que não estava habituada até há bem pouco tempo. Desta forma, parece-nos pertinente a análise feita por Hargreaves (1994, p.9) a propósito do papel do professor na escola actual: *“Nos últimos anos tivemos de reconhecer que o professor é a chave derradeira para a mudança na educação e para a melhoria da escola”*. O mesmo autor reforça a ideia ao ponto de considerar essencial o que o professor faz, as tarefas que propõe e o clima de aprendizagem que proporciona. Podemos desta forma constatar a importância dada ao professor e à sua directa responsabilidade pela qualidade do ensino. Neste sentido torna-se importante compreender como os profissionais resolvem os conflitos, que competências manifestam quando colocam em prática uma inovação e quais os saberes que compõem o seu conhecimento profissional (Guimarães, 1996).

O estágio reveste-se de um carácter importantíssimo para o desenvolvimento de um profissional multifacetado, capaz de intervir em diversas áreas. Pretende formar um professor no seu todo, não somente nas vertentes técnica e procedimental, mas nas múltiplas facetas do seu desenvolvimento - conhecimentos, comportamentos, relações e afectos, identidade e personalidade (Caires, 2003).

Nesta etapa de formação é pedido ao estudante estagiário que seja capaz de aprofundar e aplicar todos os conhecimentos adquiridos ao longo de muitos anos de formação, num contexto real de ensino. É este o desafio colocado pelo estágio e é no fundo também a sua grande vantagem. Coloca-nos perante

situações reais, que criam problemas acrescidos mas ao mesmo tempo desenvolvem em nós conhecimentos e competências impossíveis de adquirir de outra forma

### **1.1 Objectivos**

O Estágio pedagógico assume um papel fundamental na nossa formação como futuros professores de Educação Física. Durante o ano de estágio somos solicitados a realizar diversas tarefas que nos colocam perante situações reais de ensino. Este período pretende contextualizar o conhecimento teórico adquirido ao longo dos vários anos de formação académica, com situações práticas de ensino, vividas em situação real de docência. Pretende-se a formação de um professor profissional, capaz de conduzir um ensino de qualidade, assente numa reflexão profunda e permanente sobre a realidade de ensino com que se depara.

Assim, e segundo o Regulamento de Estágio Pedagógico do ano 2007/2008, o principal objectivo do estágio era a integração do estudante estagiário no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo desta forma as competências profissionais que promovam nos futuros professores um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.

Para além deste objectivo geral, o estágio comportava outros objectivos inerentes às várias áreas de desempenho. O aluno-estagiário deveria:

- § Construir uma estratégia de intervenção, regida por objectivos pedagógicos, respeitando o conhecimento válido no ensino da Educação Física, ao mesmo tempo que conduz com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula de Educação Física;
- § Colaborar na melhoria do sucesso educativo, reforçando o papel do professor e da disciplina na escola, através de uma intervenção contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora na comunidade escolar;

- § Conhecer e integrar as componentes significativas da identidade da comunidade onde a escola se insere de forma promover actividades relevantes e inovadoras para a comunidade educativa;
- § Reflectir acerca da necessidade do desenvolvimento profissional multilateral. Compreender a importância da reflexão contínua sobre as condições do exercício da actividade, da experiência, da investigação e de outros recursos de desenvolvimento profissional.

### **1.2 Processo de realização do relatório de estágio**

Tendo como intenção cumprir com os objectivos definidos na transição para a unidade curricular de EP, o presente Relatório de Estágio está estruturado de acordo com os seguintes pontos:

- § A Introdução com uma análise geral sobre o Estágio, a sua pertinência e importância para a formação do professor de Educação Física e questões gerais do ser professor e da actividade docente. Nesta é também apresentada os objectivos do Estágio Profissional, bem como as finalidades e o processo de realização do Relatório de Estágio;
- § O Enquadramento biográfico onde é identificado o estudante estagiário, o seu trajecto de vida e o seu percurso a nível pessoal e desportivo;
- § O Enquadramento da prática profissional onde se sustentará o cerne do presente Relatório, descrevendo o estado actual de conhecimentos e de boas práticas para que se entenda o quadro de problematização do exercício profissional considerado. Ainda neste capítulo, será exposta a metodologia utilizada para análise das reflexões, bem como os principais resultados. Esta parte específica do documento é de vital importância pois é aqui que se centrará a análise das reflexões produzidas durante o ano de estágio pedagógico;

- § No capítulo Conclusões e perspectivas para o futuro pretendemos reflectir acerca dos ensinamentos retirados assim como das intenções que se seguirão à realização deste Relatório de Estágio;
- § Referências bibliográficas utilizadas;
- § A Síntese final comporta um resumo geral de tudo o que foi abordado no Relatório, que poderá posteriormente ser publicada;
- § Anexos, onde incluo as reflexões de onde retirei excertos apresentados no relatório.

## **2. ENQUADRAMENTO BIOGRÁFICO**



## **2. Enquadramento biográfico**

O desporto teve sempre um significado especial ao longo da minha vida. Embora no ambiente familiar não fosse incentivado a praticar desporto, desde que iniciei o meu percurso escolar, sempre pratiquei alguma modalidade e, muitas das vezes mais do que uma ao mesmo tempo. A nível federado, sou praticante de futebol, a minha modalidade de eleição desde os 10 anos. Fiz os escalões todos de formação até chegar aos séniores, onde estive durante um ano como profissional. Actualmente continuo a jogar futebol, mas como atleta amador na Associação de Futebol do Porto.

Para além de jogar futebol (Salgueiros 08), acumulo as funções de treinador das escolinhas João Faneco – Leixões SC, função que já desempenho há 5 anos, de treinador dos Infantis B do mesmo clube e treinador adjunto dos Juniores. Ao mesmo tempo desempenho funções de observador no Gabinete de Prospekção do clube.

No âmbito do Desporto Escolar, participei nas mais diversas modalidades. Estas participações estiveram sempre condicionadas pela disponibilidade de horário e de condições de participação.

O meu percurso escolar foi realizado sempre sem grandes dificuldades na transposição dos vários níveis de ensino. Já na faculdade, e concretamente nos dois primeiros anos tive algumas dificuldades de compatibilização de horários com a minha vida profissional. Na altura jogava futebol a nível profissional.

Assim, nos quatro anos de formação, procurei adquirir um conjunto variado de conhecimentos teóricos, práticos, pedagógicos e didácticos, que puderam ser alvo de aplicação durante o ano de estágio.

Neste sentido, e encarando o Estágio Pedagógico como uma situação privilegiada, enquanto prática supervisionada e orientada, em que se pode contar com a ajuda dos colegas do Núcleo de Estágio, da Área Disciplinar de Educação Física, dos Órgãos de Gestão, dos Auxiliares da Acção Educativa e dos Professores de outras disciplinas, pretende-se melhorar o desempenho enquanto agente de ensino, contribuindo assim para a minha formação profissional.

O ano de estágio revestia-se de uma enorme importância na minha vida enquanto estudante. Logo à partida porque fui colocado numa escola bastante longe do local onde morava. A não realização de uma disciplina (Estudos Práticos I), não me permitiu escolher uma escola perto da minha residência. Assim sendo, fui colocado na Escola Secundária de Maximinos (ESMAX) pertencente ao distrito de Braga. Lembro-me perfeitamente do primeiro dia em que fui à escola. Tudo era novo para mim. Sentia-me um estranho dentro do meu próprio mundo.

No entanto, e apesar de todos os problemas levantados pela distância considerei o estágio como uma oportunidade de aplicar os conhecimentos aprendidos ao longo dos últimos anos e de me capacitar de novas competências que me permitiram progredir e crescer enquanto professor.

Iniciei esta nova fase de aprendizagem com a certeza que encontraria muitas dificuldades e muitas “pedras no caminho”. No entanto e apoiando-me nas palavras de Fernando Pessoa, acredito que a nossa evolução é tanto maior quanto a grandeza das “pedras” com que nos deparámos constantemente.

*“Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes,  
mas não esqueço de que minha vida  
é a maior empresa do mundo...  
E que posso evitar que ela vá à falência.  
Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver  
apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.  
Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e  
se tornar um autor da própria história.  
É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar  
um oásis no recôndito da sua alma.  
É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.  
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.  
É saber falar de si mesmo.  
É ter coragem para ouvir um “não”.  
É ter segurança para receber uma crítica,  
mesmo que injusta...  
Pedras no caminho?  
Guardo todas, um dia vou construir um castelo”*

(autor desconhecido)

### **3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

### **3. Enquadramento da Prática Profissional**

A nível legal o estágio frequentado no ano lectivo 2007/2008 estruturava-se de forma diferenciada em relação ao estágio actual que se designa de Estágio Profissional. Sendo este um documento obrigatório no âmbito deste tipo de estágio, abordarei de seguida a legislação que regulamenta o estágio em causa.

O modelo actual de Estágio Profissional adoptado pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) no ano lectivo 2009/2010, está de acordo com os princípios decorrentes das orientações legais constantes nos Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março e no Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro que regulamenta o acesso ao grau de Mestre e à obtenção de habilitação profissional para a docência, neste caso da Educação Física.

Segundo o Decreto-lei nº43/2007 de 22 de Fevereiro o grau de mestre é concedido:

*“1 – O grau de mestre é conferido aos que obtenham o número de créditos fixado para o ciclo de estudos de mestrado, através:*

*a) Da aprovação em todas as unidades curriculares que integram o plano de estudos do curso de mestrado; e,*

*b) Da aprovação no acto público de defesa do relatório da unidade curricular relativa à prática de ensino supervisionada.*

*2 – O grau de mestre numa das especialidades a que se referem os n.º 5 a 17 do anexo é conferido aos que satisfazendo as condições previstas no número anterior obtenham, cumulativamente, os créditos mínimos de formação na área de docência fixados para a especialidade em causa no mesmo anexo.”*

Da mesma forma, o mesmo Decreto-lei regulamenta a habilitação profissional para a docência:

*“1 – Têm habilitação profissional para a docência nos domínios a que se referem os n.º 1 a 4 do anexo, os titulares do grau de licenciado em Educação Básica e do grau de mestre na especialidade correspondente obtidos nos termos fixados pelo presente decreto-lei.*

*2 – Têm habilitação profissional para a docência nos domínios a que se referem os nº 5 a 17 do anexo, os titulares do grau de mestre na especialidade correspondente obtido nos termos fixados pelo presente decreto-lei.*

*3 – As especialidades do grau de mestre correspondentes a cada domínio de habilitação para a docência são as constantes do anexo ao presente decreto-lei.”*

Através da análise do descrito no mesmo Decreto-lei, confirmamos que o mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário habilita para o exercício da profissão no Ensino Básico e Secundário.

No que se refere ao enquadramento do Estágio Profissional na FADEUP, ele apresenta-se como uma unidade curricular referente ao segundo ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário e decorre durante dois semestres.

O Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro também regulamenta o perfil de professor cooperante, antes chamado de orientador. Desta forma, este professor deve preencher os seguintes requisitos: “a) Posse das competências adequadas às funções a desempenhar; e, b) Prática docente nas respectivas áreas curriculares ou disciplinas, nunca inferior a cinco anos.” Para além deste professor cooperante, o acompanhamento do estágio é realizado por um orientador da Faculdade. Todo o processo que conduz à realização das tarefas inerentes ao estágio é supervisionado pelo professor cooperante e acompanhado pelo orientador.

Sendo o objectivo do estágio a integração dos professores-estagiários no exercício da vida profissional como docentes habilitados de conhecimentos e competências, pretende-se que esta integração seja feita num contexto real de trabalho. Estas competências desenvolvidas neste ano de estágio estão legalmente definidas pelo Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de Agosto, que estabelece o Perfil Geral de Desempenho do Educador e do Professor e o agrupa em quatro grandes áreas de desempenho profissional:

- I. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem
- II. Participação na Escola
- III. Relação com a Comunidade
- IV. Desenvolvimento Profissional

Ao nível da organização e gestão do ensino e da aprendizagem, o Modelo de Estruturas de Conhecimento (MEC) concebido por Vickers, foi o modelo referência.

Uma das primeiras tarefas realizadas no estágio pedagógico foi a análise do Currículo Nacional de Educação Física (competências gerais e transversais) e do Projecto Curricular de Educação Física da escola sob o ponto de vista da articulação das suas componentes (finalidades, objectivos, conteúdos e orientações metodológicas).

A análise crítica dos programas de Educação Física é extremamente importante, uma vez que existem bastantes divergências entre a proposta de programação nacional actual e as condições reais existentes quer a nível de instalações e materiais da instituição, quer a nível das capacidades e competências dos alunos. Sabemos que um professor é muito mais que um simples técnico que se limitará ao cumprimento incondicional do programa. Ao professor compete para além de uma análise prática do programa, uma reflexão profunda acerca do mesmo como ponto de partida para a programação. Assim, o meu objectivo era encarar e conceber a planificação através de uma adaptação curricular, adequação e enriquecimento dos pressupostos gerais do programa atendendo à especificidade territorial do meio onde o iria aplicar.

Desta forma, examinamos o Projecto Educativo, o Projecto Curricular de Escola e o Regulamento Interno de modo a adequar o Currículo Nacional à especificidade da escola e dos alunos. Quanto ao projecto educativo é de salientar a missão da escola em preparar cidadãos dotados dos valores estruturantes da nossa sociedade e das necessárias competências para um bom desempenho profissional ou correcta opção em termos de formação superior, mas também, desenvolver valores da democracia e do humanismo, como a solidariedade e a tolerância, a responsabilidade e o rigor. Procurei não perder de vista este conceito de escola ao longo do trabalho que desenvolvi de forma a contribuir para a formação de indivíduos cultos, entusiastas, competentes, responsáveis e minimamente autónomos.

Para além da análise a nível documental foi necessário contemplar o meio no qual os alunos se encontram inseridos, isto é, a escola e o espaço

envolvente, as condições de aprendizagem e os recursos materiais disponíveis. A este nível foi realizada uma caracterização do meio envolvente, de forma a adquirir um conhecimento mais aprofundado de onde os alunos são provenientes. Também a nível desportivo foi importante saber quais as condições e variedades de prática oferecidas aos alunos.

Ao nível das instalações desportivas para a leccionação da disciplina de Educação Física, a ESMAX possuía um campo exterior com piso de alcatrão que possibilitava a prática de todos os desportos colectivos previstos nos programas. À volta desse campo encontra-se uma pista de atletismo com 180 metros de comprimento e uma caixa de saltos. Existiam ainda, três mini-campos em que podiam ser abordados os desportos colectivos de uma forma reduzida. A utilização destes espaços foi sempre condicionada pelas condições climatéricas. Existiam ainda, quatro balneários de apoio ao espaço exterior.

A escola tinha ainda um Ginásio que possibilitava a prática de Ginástica (solo e alguns aparelhos), Badmington, Voleibol e Basquetebol.

A escola tinha ainda a possibilidade de utilizar o Pavilhão e a Piscina de Maximinos que se situam perto da escola. No entanto esta utilização só acontecia em metade da semana, uma vez que, na outra metade, estava ocupado pela escola preparatória. No meu caso esta utilização não se verificou.

O grupo de professores de Ed. Física da escola era um grupo jovem que demonstrava ter bastante vontade de dinamizar actividades para a comunidade escolar e não escolar.

No sentido de adequar a minha prática pedagógica às características dos alunos, realizei a caracterização dos alunos, aplicando questionários individuais de forma a obter um conjunto de informações relevantes, que pudessem ajudar-me na escolha das actividades e estratégias a adoptar.

Esta forma de conceber a organização e gestão do ensino e da aprendizagem foi proposta por Vickers (1990), com base no Modelo de Estruturas de Conhecimentos. Em linhas gerais, este modelo permite identificar todo o conteúdo da minha actividade e organizá-lo numa hierarquia de conhecimentos que constantemente informará e influenciará o processo de ensino e de aprendizagem.

O planeamento teve por base o Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC), de Vickers (1990) e foi elaborado nos três níveis: Plano Anual, Planos das Unidades Didácticas e Planos de Aula.

Segundo Bento (1987), os planos são modelos de actuação didáctico-metodológica, contêm decisões acerca de determinadas categorias didácticas, nos diferentes níveis do decurso temporal do processo de ensino aprendizagem.

Tentei sempre que a minha planificação apresentasse objectivos e as vias da sua realização, contivesse decisões, determinasse meios e operações metodológicas correspondentes aos aspectos anteriores e fosse sempre um instrumento de acção. Desta forma, a planificação seria o elo de ligação entre as pretensões inerentes ao sistema de ensino e aos programas da nossa disciplina e a sua realização prática. Ao mesmo tempo, nunca se pode esquecer que a planificação implica reflexão e procura de melhores resultados no ensino, como resultante do confronto diário com problemas teóricos e práticos.

Outra questão fundamental no planeamento foi a procura constante pelo essencial. Ou seja, se queremos ensinar com eficácia, dotando os alunos com conhecimentos e capacidades sólidas no escasso tempo que temos disponível, temos que ajustar o conteúdo do programa à situação pedagógica concreta. As exigências apresentadas aos alunos foram objectivas, tendo por base o programa, mas perspectivadas de acordo com as possibilidades subjectivas dos alunos e com as condições concretas (materiais e temporais) da escola onde me encontrava.

O plano de Unidade Didáctica assim como os Planos de Aula subsequentes foram produzidos após uma avaliação inicial realizada antes da abordagem de cada modalidade, com o objectivo de determinar o nível inicial da turma, os conteúdos a abordar e a forma de o fazer.

O planeamento anual foi realizado em conjunto pelo Grupo de Educação Física, e a planificação para o 7º ano feita pelo núcleo de estágio. Nessa planificação decidimos abordar os seguintes conteúdos: Ginástica (solo e aparelhos – plinto e mini-trampolim), Atletismo (velocidade, estafetas e salto em comprimento), Andebol, Basquetebol, Voleibol, Futebol e Condição Física.



A realização do Plano de Aula foi uma tarefa considerada imprescindível na minha actuação. Deste modo, em cada planeamento tive em atenção a matéria, os pressupostos dos alunos e as condições de ensino e os dados fornecidos pela análise das etapas anteriores, tendo lugar uma precisão dos seus objectivos e sendo planificado o seu decurso metodológico e temporal.

A realização propriamente dita inclui a intervenção no processo de ensino-aprendizagem, leccionando a turma de que fiquei incumbido ao longo do ano lectivo. Obviamente que esta etapa teve em conta toda a fase de planeamento referida, sendo os conteúdos abordados de forma ponderada e reflectida. Este momento transfere para a prática tudo aquilo que foi pensado e organizado segundo uma determinada lógica se aplica, verificando-se então se surte o efeito esperado nos alunos ou não.

Durante as aulas, a fim de garantir o carácter de totalidade do processo de ensino em Educação Física e de alcançar os efeitos ajustados ao impulsionamento do desenvolvimento do rendimento e da personalidade dos alunos, tentei que houvesse uma observância das funções e das tarefas didácticas, o aperfeiçoamento das capacidades condicionais e coordenativas, juntamente com a formação de habilidades motoras, com a apropriação de conhecimentos e a educação dos alunos. Penso ter mantido de forma constante uma acção pedagógica ao longo de toda a aula, agindo sempre com objectivos educativos; variando a organização e disposição dos diferentes conteúdos e na metodologia das aulas, o que acredito ter forte influência na motivação dos alunos; integrando os alunos em igualdade de intenções na aula mas tendo em conta as suas diversidades e capacidades particulares. Foquei a minha atenção para a organização da aula que deve possibilitar um curso fluente e sem perturbações do ensino, primando por uma boa ordem e disciplina de trabalho. A posterior reflexão da aula revestiu-se de um carácter imprescindível em todo este processo de evolução profissional.

O controlo e a avaliação foram partes integrantes e necessárias de todo o processo pedagógico, constituindo uma das fases do processo integral de aprendizagem. Tentei utilizar a avaliação não apenas para aferir e apreciar os resultados da apropriação dos conhecimentos mas também o decurso deste processo, as suas fases intermédias, os resultados parciais de forma a ter

informações acerca de como os alunos apropriam as habilidades e conhecimentos; das dificuldades ou inseguranças a eliminar; dos momentos em que são particularmente relevantes ajudas e repetições. O sucesso dos alunos é também em parte, o sucesso do professor, por isso, procurei tirar também algumas conclusões acerca da minha própria prestação como professor. Uma melhoria de desempenho dos alunos, leva-nos a crer que as estratégias adoptadas para o ensino de determinada matéria foram as mais adequadas para o desenvolvimento daqueles alunos em particular.

Foram usadas 3 modalidades de avaliação: Avaliação Inicial para determinar o nível em que se encontravam os alunos em cada matéria de ensino; a Avaliação Formativa para controlar o processo de ensino-aprendizagem e a Avaliação Sumativa que permitia analisar a evolução dos alunos após a prática.

A segunda área – participação na escola, englobou todas as actividades não lectivas realizadas, tendo em vista a minha integração na escola e a dinamização da comunidade escolar. Estas dividiram-se em duas áreas: Actividades extra-curriculares e Direcção de Turma.

O meu principal objectivo foi participar de uma forma activa na dinamização da comunidade escolar, contribuindo para a promoção do sucesso educativo, no reforço do papel de estudante estagiário de Educação Física na escola e no reforço da Educação Física com uma intervenção contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora.

Com o objectivo de dinamizar a comunidade escolar e na tentativa de procurar maior interdisciplinaridade, tão proclamada nos programas curriculares e fundamental para o desenvolvimento das competências, foram realizadas pelo Grupo de Educação Física, as seguintes actividades de dinamização interna:

Corrida de Orientação;

Torneio de Andebol Masculino (5x5) para o Ensino Básico;

Torneio de Voleibol Feminino (2x2) para o Ensino Básico;

Torneio de Futsal Masculino e Feminino (5x5) para os Ensinos Básico e Secundário;

Torneio de Badminton, para o Ensino Secundário;

Torneio de Voleibol Misto, para o Ensino Secundário.

A nível de Núcleo de Estágio foram realizados Cursos de Árbitros de Futsal e de Natação. Estes cursos tiveram como objectivo dotar os alunos interessados, de competências no domínio da cultura desportiva, nomeadamente a nível das regras e regulamentos das modalidades referidas.

Outras das actividades desenvolvidas durante o ano de estágio esteve relacionada com o acompanhamento e compreensão do papel do Director de Turma. Penso que essa actividade foi benéfica, até porque me permitiu perceber quais os problemas da turma, as suas dificuldades e motivações e as formas encontradas de resolução dos problemas. Assim, procedi à caracterização da turma, bem como a participação em todas as reuniões de turma.

A área – relação com a comunidade, englobou actividades que contribuíram para um conhecimento do meio regional e local tendo em vista a realização de acções promotoras de práticas sociais com relevância educativa. O conhecimento e o estreitamento de laços com a comunidade envolvente são fundamentais para a compreensão da escola, enquanto célula de um organismo sócio-cultural.

Assim, desde o início, tivemos a preocupação em caracterizar ambas, nomeadamente em relação ao associativismo desportivo, cultural, ambiental e das infra-estruturas afins à Área de Educação Física e Desporto, promovendo relações e intercâmbios entre as mesmas, de modo a que o dia-a-dia da escola fosse o mais risonho e apoiado possível.

Ainda dentro da dinamização interna, agora aberta à comunidade e destinada ao Ensino Básico, o núcleo de estágio promoveu duas actividades inter-escolas:

- No 1º Período, uma Gincana Aquática;
- No 2º período um Mini-Torneio de Pólo Aquático.

Para o efeito, convidou a escola vizinha (EB2,3 Frei Caetano Brandão), cujos alunos frequentam os mesmos níveis de ensino (7º, 8º e 9º anos).

A área desenvolvimento profissional, diz respeito às actividades que visam a aquisição de competências profissionais, de forma a providenciar um contributo directo para a melhoria do meu desempenho enquanto professor. Foi

uma das áreas mais importantes de todo o Estágio Pedagógico, uma vez que me permitiu reflectir acerca da actividade profissional e do meu desempenho apoiando-me na experiência, na investigação e em outros recursos de desenvolvimento pessoal.

O ensino constitui, pela sua necessidade prática, uma investigação. A atitude prospectiva e investigadora é algo que foi cultivado na faculdade e que tentei aprofundar durante este ano. Através da realização do Estudo sobre as matérias de ensino abordadas em cada ano de escolaridade, coloquei em prática os meus conhecimentos sobre como realizar um trabalho de investigação. Acredito que uma das finalidades da formação seja formar o "inovador pedagógico potencial" que não assimila apenas conhecimentos terminais mas que seja capaz de descobrir métodos e vias mais eficazes, tenha um espírito criador e produtivo não procurando receitas.

Para além deste estudo, também realizamos uma análise genérica do Sistema Educativo e da profissão. Nesse trabalho, procuramos enquadrar legalmente o Desporto Escolar e sua relação com a disciplina de Educação Física.

Para finalizar, referir ainda que a realização de um Dossier Individual e o Relatório Final tiveram uma importância fundamental no meu desenvolvimento profissional. Estes documentos "obrigaram-me" a organizar todo o trabalho desenvolvido e reflectir sobre tudo o que era realizado.

#### **4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

## **4. Realização da prática profissional**

O quarto capítulo deste trabalho visa analisar o meu trabalho reflexivo, assente nas reflexões produzidas durante o período de Estágio. Com a noção de que já passaram vários anos desde a realização das reflexões, e que por via disso e de uma constante evolução, já não me revejo em muitas das análises efectuadas, procedi à análise do trabalho desenvolvido a esse nível. Iniciarei esta análise com uma breve revisão bibliográfica sobre o papel do estágio na formação do professor. Outro dos pontos analisados será as competências e os conhecimentos necessários para o bom ensino. Sendo o acto reflexivo o fio condutor do desenvolvimento profissional do professor, abordarei a importância da reflexão e da prática reflexiva na permanente evolução do professor.

### **4.1.1 Estágio – “aprender a ensinar”**

*“Mais do que em qualquer outra profissão, o primeiro ano de exercício da docência surge como um desafio em que cada nova experiência se assume mais como um teste para avaliar a capacidade de sobrevivência do que como uma fase indispensável ao processo de desenvolvimento profissional”.*

Marques da Silva (1997, p.55)

A entrada no mundo de trabalho é sempre um momento difícil e encarado com receio seja qual for o contexto em que este processo ocorre. Naturalmente que a entrada num meio complexo como é o ensino se torna mais difícil dado ser inserido num contexto em que estamos simultaneamente perante o papel de professores e de estudantes.

É óbvio que o estudante estagiário tem um bagagem de muitos anos de confronto com as situações de ensino. A observação do trabalho desenvolvido

pelos nossos professores é uma base em que nos apoiamos para resolver problemas com que nos deparamos frequentemente. Como diz Formosinho (2001, p.47), “a formação de professores tem algumas especificidades em relação à formação de outros profissionais, mesmo em relação a outros profissionais de serviço. Há especificidades intrínsecas à profissão docente – a docência é uma profissão que se aprende pela vivência da discência. Em primeiro lugar, a docência é uma profissão que se aprende desde que se entra na escola pela observação do comportamento dos nossos professores.”

Apesar desta aprendizagem contínua, o estágio deve ser um período essencial na aquisição de autonomia e de competências para o desenvolvimento da prática docente. Este momento de prática é o espaço privilegiado de integração de competências e conhecimentos, embora, isto apenas se concretize se houver uma reflexão sistemática por parte do professor sobre o que faz e porque o faz (Alarcão, 1996). O início do estágio apresenta particularidades interessantes que se destacam pelas incertezas e dificuldades do estudante estagiário. Veenman (1984) e Silva (1997) denominam este período de “choque com a realidade”. De facto este período é caracterizado pela insegurança e pela ansiedade do professor nesta etapa inicial da sua actividade. A relação com os alunos, o contacto com outros docentes, a necessidade de constantemente resolver problema levantados pela prática, são tarefas que colocam ao professor um enorme peso. É desta forma natural que os estudantes estagiários prefiram que lhes seja dito o que devem fazer, pela simples razão de que se sentem fora, perdidos, novatos como referem os estudos realizados por Copeland (1980).

Apesar da longa familiaridade com o ensino poder levar o estagiário a encará-lo algo fácil, natural, simples e no qual tem poucas coisas a aprender (Calderhead, 1996), o início de uma nova etapa pode-se revelar um período de tensões com constantes aprendizagens, num contexto ainda novo para o professor estagiário. Como diz Feiman-Nemser (2001), nesta etapa os professores vêem-se envolvidos em duas funções – o ensino e o aprender a ensinar. Este aprender a ensinar não é de todo uma tarefa simples. Aliás, o ensino reveste-se de características próprias que tornam o acto de ensinar deveras complexo. A este propósito Alarcão e Sá Chaves (1994) referem que

para compreender a complexidade do aprender a ensinar, é necessário atender os diversos contextos e as diversas interações que se estabelecem entre e dentro do meio escolar.

Para Britzman (1991, p.8) esta etapa da formação em que se pretende passar do papel de aluno para professor “não é meramente uma questão de se aplicarem competências descontextualizadas ou de reproduzir imagens pré-determinadas. Trata-se de um momento em que o passado do indivíduo, o seu presente e futuro são colocados numa tensão dinâmica. Aprender a ensinar – tal como o ensinar em si mesmo – é sempre o processo de se tornar um tempo de formação e transformação, de escrutínio em relação àquilo que está a fazer, e em relação àquilo em que se pode tornar.” Nesta linha de pensamento, Galvão (2000) aponta esta aquisição de conhecimentos como um processo de descobertas de natureza humana e social, técnica e de natureza relacional.

### **4.1.1.1 Aprender a ensinar.....onde se aprende!!! Será possível?**

Como diz Bento (1995, p.64), “as situações pedagógicas são como os momentos da vida: são únicas e nunca se repetem”. Desta frase podemos retirar a necessidade de sermos confrontados com o contexto real de ensino durante o nosso processo de formação. Se as situações pedagógicas são únicas, devemos-nos colocar perante elas para que consigamos adquirir competências e conhecimentos que nos permitam resolver situações imprevistas de forma imediata.

Para vários autores, as aprendizagens com mais significado e duradouras são as que se socorrem de experimentação directa dos agentes em formação no contexto real de trabalho (Knowles, 1980; Schön, 1987; Lave & Wenger, 1991; Glickman, Gordon & Ross-Gordon, 1998).

Esta experiência em contexto real de ensino permite ao professor estagiário uma experiência prática única e defendida como essencial por diversos autores ao nível da formação de professores (Siedentop, 1983; Rodrigues, 2001; Silva, 2009; Rodrigues, 2009)



De uma forma metafórica, Perrenoud (1983) afirma que ninguém aprende a nadar através da leitura e estudo teórico dos livros sobre natação. Segundo o mesmo autor, podemos considerar uma formação teórica que prepare o formando para o contexto de trabalho, no entanto, é *in loco* que ele vai aprender realmente o seu próprio método de ensino.

É através do seu confronto com situações de prática real, da necessidade de resolver problemas concretos e de forma imediata e da interação com outros participantes da comunidade escolar que o professor estagiário terá oportunidade de construir uma ideia geral do que é a prática da comunidade em que se pretende inserir (Lave & Wenger, 1991).

Para Rodrigues (2001), a formação para o exercício da actividade docente requer dois tipos de formação: uma vertente mais teórica em que se dê uma boa formação científica na área do ensino e das ciências da educação e uma vertente mais prática onde o formando esteja em contacto directo com as vicissitudes reais do ensino. Como defende Bento (1995) a este propósito, não é possível separar estas duas vertentes. Elas coexistem e no ensino elas apenas fazem sentido se forem compreendidas na sua totalidade.

Um dos grandes defensores do valor da prática pedagógica, Schön (1997), refere-se à mesma como um momento excepcional de integração de competências. É através da inclusão do estudante-estagiário em grupos de análise do sistema educativo (reuniões das mais variadas e às quais se tem acesso pela primeira vez), com a utilização de saberes e linguagem própria ao momento, que o professor em formação toma consciência das dificuldades, limitações e dos caminhos sinuosos que terá que percorrer no futuro. Esta lógica de “aprender a fazer fazendo”, permite ao estagiário construir a sua forma própria de abordar os problemas e de encontrar soluções para os resolver.

Quando se encontram em contextos reais de ensino, os professores conseguem adquirir conhecimentos úteis no momento em que são confrontados com situações novas e inesperadas (Glickman et al., 1998). Na mesma linha de pensamento Sternberg (1990) alude à importância desta inserção no contexto real de trabalho no aumento da capacidade de responder

de forma quase imediata às situações de rotina e de lidar eficazmente com situações inesperadas.

#### **4.1.2 Competências profissionais**

Não será estranho referir a importância da competência no bom desempenho docente. Neste período torna-se fulcral a aquisição de competências técnicas, didáticas, de conhecimento da matéria de ensino e de relacionamento inter-pessoal com outros professores e com alunos.

Para Alarcão (1996) a competência integra de forma global um complexo conjunto de saberes, capacidades e atitudes que se relacionam entre si e que permitem ao professor agir de forma interligada na multiplicidade de contextos da sua profissão. Para Jacinto (2003, p.39) a competência profissional do professor é definida “em termos de comportamento ou desempenho, sendo sinónimo de acção, conduta docente e aparece directamente relacionada com a situação de ensino. A competência revela-se através da demonstração de comportamentos ou desempenhos identificáveis, específicos e limitados. Esta aceção de competência traduz-se na fragmentação das metas de aprendizagem em elementos denominados frequentemente, de competências e que aparecem como sinónimo de objectivos comportamentais. A individualidade e a criatividade são desvalorizadas em prol duma especialização, da racionalização da prática pedagógica, que as ciências comportamentais legitimaram na organização do currículo e da aprendizagem”.

Como vemos a competência profissional do professor engloba várias vertentes e a sua interligação permite ao professor resolver os problemas com que se depara. Para Siedentop (1983) a competência pedagógica desenvolve-se à medida que o professor vai exercendo a sua profissão, pois ela comporta todos os domínios da actividade do professor no acto educativo. Na mesma linha de pensamento, Stenhouse (1975) acredita que a competência não se adquire por mero desejo, esta surge com o decorrer do tempo através da formação constante no sentido de eliminar gradualmente os aspectos negativos e valorização dos aspectos positivos. Como diz Domingos (2003, p.55),

“podemos dizer que a competência profissional é aquilo que capacita a classe docente para assumir determinadas responsabilidades, mas que dificilmente será possível desenvolver a sua competência sem a exercitar, isto é, se carece de autonomia profissional”.

Os problemas que a escola coloca ao professor actualmente, exigem que este esteja sempre apto a intervir na condução do processo ensino-aprendizagem. No seguimento desta ideia, Rodrigues (2007) aborda esta questão referindo que as competências exigidas ao professor actual são cada vez mais “complexas e diversificadas”. Para o mesmo autor, “espera-se que o professor seja competente num largo espectro de domínios que vão desde o conhecimento científico da matéria que ensina, à sua aplicação psico-pedagógica, assim como em metodologias de ensino, de animação de grupos, atenção à diversidade” (idem, p.11).

Segundo Medeiros (2006), as competências necessárias para o bom desenvolvimento da actividade docente são: a) competências relativas ao compromisso com os valores inspiradores da sociedade democrática; b) competências referentes à compreensão do papel social da escola; c) competências pertencentes ao domínio dos conteúdos a serem socializados, dos seus significados em diferentes contextos e da sua articulação interdisciplinar; d) competências relacionadas com o domínio do conhecimento pedagógico; e) competências referentes ao conhecimento dos processos investigacionais que conduzem ao aperfeiçoamento da prática pedagógica; e, f) competências que envolvem a correcta gestão do próprio desenvolvimento/enriquecimento profissional.

Aspecto crucial no desenvolvimento das competências do professor é o seu aperfeiçoamento pedagógico. Esta evolução necessária e obrigatória nos dias de hoje, apenas se torna possível através da adopção de uma postura reflexiva. O desenvolvimento de uma prática reflexiva, que englobe todos os contextos onde ocorre a prática lectiva, gera conhecimentos e saberes que contribuem para desenvolver a competência profissional do professor e que se apresenta mais como uma competência intelectual do que a simples competência técnica (Giroux, 1990; Smyth, 1987).

A competência do professor engloba também a forma como ele conduz as relações pessoais, quer com alunos como com colegas de profissão. A sua compreensão para os fenómenos que ocorrem durante o processo educativo, bem como se deixa envolver e influencia os mesmos pode modificar o grau de competência que lhe é reconhecido.

Em jeito de conclusão, parece-nos pertinente afirmar que o alicerce base é e será sempre o conhecimento do professor. No entanto, e dado a complexidade da escola actual, este factor nunca poderá ser considerado como o único a influenciar a competência profissional do professor.

### **4.1.3 Conhecimentos do professor de Educação Física**

Os conhecimentos necessários para uma boa prática docente nem sempre foram tema central nas investigações em ensino. De facto, o conhecimento da matéria de ensino sempre foi sobrevalorizado em detrimento do conhecimento pedagógico. Ou seja, o que interessava era o saber sobre determinada matéria. A forma como este saber era transmitido era pouco relevante.

Para Formosinho (2002), os professores trabalham com um saber em constante evolução, alicerçam a sua actividade na capacidade comunicativa e focam a comunicação na actividade relacional que é orientada e dirigida intencionalmente pela pessoa do professor.

Segundo vários autores, o aprender a ensinar implica o desenvolvimento de diferentes formas de conhecimento as quais, quando entendidas de forma global, dão origem ao “conhecimento profissional” (Elbaz, 1983; Shulman, 1986; Grossman, 1990; Graça 1999)

Para Schempp (2003), as áreas de conhecimento do professor compreendem várias categorias: a) o conhecimento da matéria; b) o conhecimento dos alunos (é necessário que os professores saibam em que nível de aprendizagem sobre um determinado tema se encontram os seus alunos); c) formas de instrução; d) conhecimento curricular ( indispensável para uma correcta selecção e organização dos programas, bem como os meios

necessários para o ensino dos mesmos); e) conhecimento dos ambientes escolares; e, f) conhecimento pedagógico do conteúdo (amalgama entre o conteúdo e a pedagogia).

Segundo Shulman (1987) o conhecimento do professor engloba sete categorias divididas em duas grandes áreas. A primeira diz respeito aos conhecimentos e informações necessárias à prática docente, mas que não se relaciona directamente com a matéria de ensino. Esta área comporta as seguintes categorias:

- a) Conhecimento pedagógico geral;
- b) Conhecimento dos alunos e das suas características;
- c) Conhecimento do contexto educativo; e,
- d) Conhecimento acerca dos objectivos e propósitos educativos, bem como do próprio sistema educativo.

A outra área comporta as categorias referentes à especificidade do conteúdo curricular:

- e) Conhecimento do conteúdo da matéria da disciplina – exige a compreensão holística de toda a estrutura da matéria a ensinar;
- f) Conhecimento curricular do conteúdo – refere-se ao conhecimento do conteúdo e de programas adequados ao desenvolvimento dos alunos, nos diferentes níveis de ensino; e,
- g) Conhecimento pedagógico do conteúdo – o conhecimento do conteúdo não faz com que o professor o saiba transmitir aos alunos de forma adequada. Este conhecimento permite que ele adopte estratégias correctas para tornar a matéria compreensível para os alunos.

Esta última categoria é no entender de Shulman o ponto que separa os professores especialistas de determinada disciplina em relação a outros especialistas (no caso, não professores) dessa disciplina (Graça, 1997). Esta necessidade de adaptar o conhecimento da matéria às exigências levantadas pelo contexto de ensino torna-se na questão fulcral na investigação sobre o conhecimento pedagógico do conteúdo (Graça, 1997).

Este conceito – conhecimento pedagógico do conteúdo, foi apresentado por Shulman em 1987 através da expressão “Pedagogical Content Knowledge”,

para designar uma categoria particular do conhecimento, resultante das transformações realizadas pelo professor no conteúdo da sua disciplina, com o intuito de tornar a matéria de ensino mais compreensível para os seus alunos (Graça, 1997).

Mais tarde, Grossman (1990) apoiando-se no modelo de Shulman propôs um modelo de conhecimento assente em quatro componentes gerais: conhecimento pedagógico geral; conhecimento da matéria; conhecimento pedagógico do conteúdo e conhecimento contextual. Mais uma vez, o conhecimento pedagógico do conteúdo surge como alicerce de todo o conhecimento necessário à boa prática docente. A vantagem deste modelo é a relação que o autor aponta entre as diferentes categorias de conhecimento. Na figura 1 está apresentada de forma esquemática a relação entre as diversas formas de conhecimento.

**MODELO DE CONHECIMENTO DO PROFESSOR**

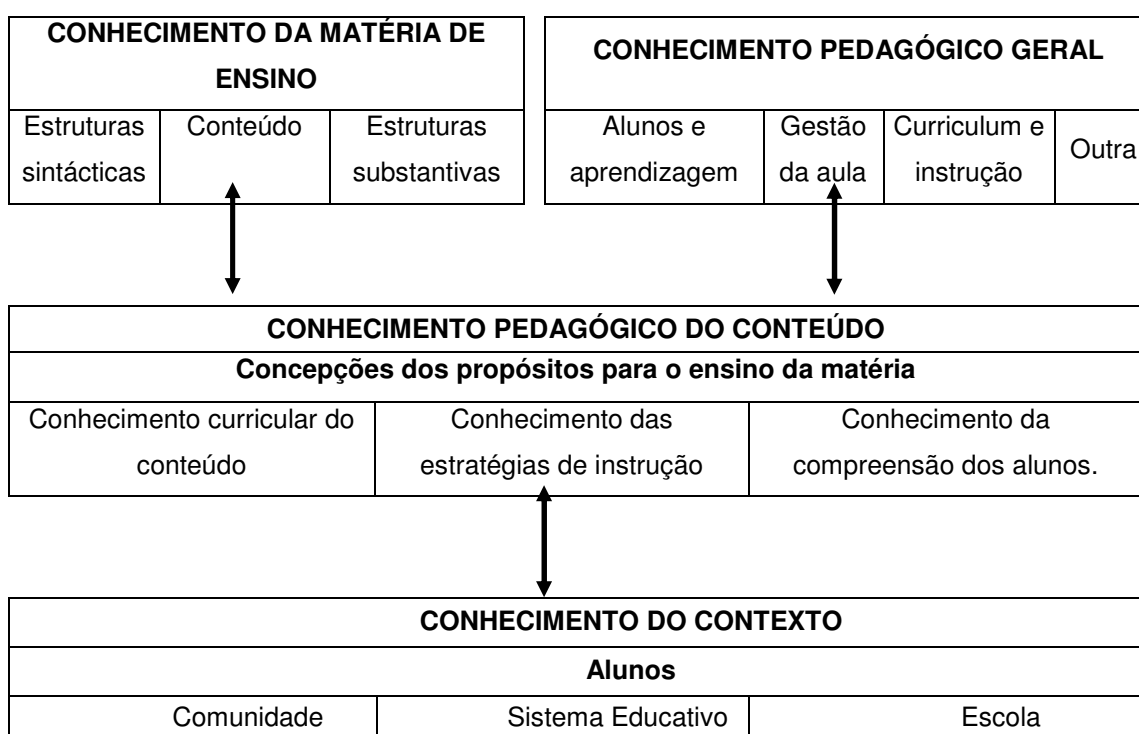


Figura 1 – Modelo de conhecimento do professor de Grossman (1990)

Como podemos analisar pela figura anterior, no topo do conhecimento encontra-se o conhecimento da matéria de ensino e o conhecimento

pedagógico geral. Podemos afirmar que esta é a suporte adquirida ao longo dos vários anos de formação. Todos estes mecanismos de intervenção foram abordados durante os anos de formação na faculdade. Neste momento necessitamos de intervir sobre os “actores” do ensino. Assim surge o conhecimento do contexto, apenas possível de conhecimento através da experiência directa com o mesmo. É no terreno, no contacto com a comunidade escolar, interagindo em todas as tarefas escolares, tomando conta de todos os mecanismos legais, institucionais e organizacionais do sistema educativo que o professor estagiário evolui. O conhecimento pedagógico do conteúdo é neste modelo a base onde se centra todo o conhecimento. Como diz Shulman (1987, p.8), este conhecimento é uma “amalgama” de todos os diferentes tipos de conhecimento. De um ponto de vista simplista, é a forma como tornamos o conteúdo a ensinar, acessível e compreensível para os alunos. Quais as estratégias indicadas para determinados alunos, como se processa a aprendizagem das matérias por parte deles e qual o nosso entendimento acerca das suas aprendizagens, são temas enquadrados neste tipo de conhecimento.

Como podemos atestar pelo analisado anteriormente um dos grandes pressupostos para a construção do conhecimento para o ensino é o conhecimento do contexto. Todo e qualquer tipo de conhecimento apenas tem valor real se for experimentado em situações reais de prática. O conhecimento para a docência deve ser construído na e através da prática educativa. Como diz Domingos (2003), a aprendizagem e o desenvolvimento profissional não deverão ser fruto exclusivamente de uma boa capacidade teórica, mas sim através da constante análise e reflexão sobre a prática profissional, pois é a mobilização enquadrada dos saberes e conhecimentos que faz a diferença na qualidade da intervenção pedagógica (Alarcão, 2002).

### **4.1.3 A reflexão como parte integrante e indispensável na formação do professor.**

#### **4.1.3.1 Reflexão – caminhando para a melhoria do ensino**

Foi através de Dewey e da sua obra *How we think* (1910, 1933) e *Logic: The theory of inquiry* (1938) que se deu início à discussão sobre a dimensão reflexiva na formação de professores. Através desta obra, o autor pretendia realçar a importância da reflexão na actividade docente, em contraponto com uma atitude rotineira vigente na maioria dos professores. Dewey (1933) através da sua obra realça o risco de os professores entrarem em actos de rotina que lhes marquem a forma de actuar perante os problemas, tornando-os previsíveis, automáticos e mecanicistas. Para que esta prática reflexiva desponte é necessário haver o reconhecimento de um problema, de um dilema e a aceitação por parte do professor de uma incerteza que o leve a questionar-se. Este pensamento crítico tem como condição imprescindível a avaliação contínua das crenças, princípios e hipóteses face a um conjunto de dados e de possíveis interpretações desses dados. Zeichner (1993, p.18) define a acção reflexiva como sendo “uma acção que implica uma consideração activa, persistente e cuidadosa daquilo que se acredita ou que se pratica, à luz dos motivos que a justificam e das consequências a que conduz”.

Segundo Dewey (1959), a função do pensamento reflexivo é acima de tudo transformar situações problemáticas, caracterizadas pela incerteza e pelo conflito, em situações coerentes e lógicas. O pensamento reflexivo não é, portanto, um exercício espontâneo mas antes deliberado e consciente.

Esta acção reflexiva não é regida por um conjunto de passos ou procedimentos específicos que os professores apliquem, mas sim uma forma de encarar e responder aos problemas, desempenhando um importante papel na produção de conhecimentos sobre o acto educativo. Já em 1933, Dewey distinguia o acto reflexivo do acto rotineiro, encarando o acto rotineiro como aquele que é guiado pelo impulso e subjugado a uma autoridade pré-



estabelecida, enquanto o acto reflexivo é questionador, não se limitando a aplicar teorias mas sim procurando respostas lógicas e racionais para os problemas levantados pela prática.

Desta compreensão inovadora do ensino, surge a necessidade de formar professores que venham a reflectir sobre a prática nas escolas, na expectativa que a reflexão sistemática constitua um instrumento de desenvolvimento do pensamento e acção do professor, tornando-o num profissional mais adaptado à constante evolução escolar. Este aspecto leva a que a reflexão seja um conceito utilizado constantemente por investigadores e formadores de professores como uma nova tendência na formação de professores (Garcia, 1992). Zeichner (1993, p.15) corrobora desta opinião ao afirmar que “na última década, os termos prático reflexivo e ensino reflexivo tornaram-se slogans da reforma do ensino e da formação de professores de todo o mundo”. Assim, ao formar-se o professor reflexivo é-lhe atribuída a responsabilidade de gerir as suas próprias aprendizagens numa “tentativa de restituir aos professores a identidade perdida” (Alarcão, 1996, p. 175).

Outro autor que se preocupou com o papel da reflexão na formação inicial e continuada da prática docente foi Donald Schön (1983, 1987). Este autor, através das obras *“The reflective practitioner”* e *“Educating the reflexive practitioner”* critica de forma generalizada o modelo da racionalidade técnica, propondo como alternativa uma nova epistemologia da prática, dando significado acrescido ao conhecimento que emerge da prática inteligente e reflectida, em oposição à redutora aplicação dos conhecimentos científicos aos problemas levantados pela prática. A respeito desta visão de Donald Schön, Alarcão (1996, p.17) salienta que o “valor epistemológico da prática é revalorizar o conhecimento que brota da prática inteligente e reflectida, desafiando os profissionais não apenas a seguirem as aplicações rotineiras de regras e princípios mas também a dar resposta a questões novas, problemáticas, através da invenção de novos saberes e novas técnicas (...). É o conhecimento contextualizado, a alinhar-se ao lado dos conhecimentos declarativo e processual desenvolvidos por uma epistemologia científica e técnica”.

A teoria de Schön teve como principal inovação, a atribuição de um novo estatuto ao campo da prática, defendendo a necessidade de os professores em formação reflectirem sobre situações práticas reais. Segundo este autor (1987), este é o caminho a seguir para que o professor seja capaz de enfrentar situações únicas e diferentes com que vai deparar na vida real e de tomar as decisões apropriadas nas zonas de incerteza que a caracterizam. Para Garcia (1992), esta visão de Schön permitiu realçar uma característica fundamental no ensino. O professor necessita de um conhecimento específico para a sua actividade, conhecimento este ligado de forma intrínseca à acção e que apenas se pode conseguir através da própria prática, pois trata-se um conhecimento tácito, pessoal e intransmissível, não sendo de forma alguma sistemático. Este pensamento reduz a distância que durante algumas décadas separou a teoria da prática (Canário, 1993).

### 4.1.3.2 Formação teórica ou prática – que valor dar a cada uma delas?

Ao contrário do que se possa pensar, Schön não pretende desvalorizar todo o conhecimento teórico adquirido ao longo de tantos anos de formação. Esta dicotomia entre o valor atribuído ao conhecimento profissional baseado nas teorias derivadas da investigação e o conhecimento profissional construído a partir da experiência e da reflexão sobre o acto educativo, permitiu questionar qual a relação entre a vertente teórica e prática da formação. A propósito desta questão, Smyth (1989) refere que este pensamento de Schön significou uma grande mudança para a educação, pois passou-se de um reconhecimento inquestionável da superioridade do conhecimento resultante da investigação científica para um entendimento do conhecimento prático, como sendo uma inesgotável fonte de novos saberes.

Schön (1987) propôs a noção de *professional artistry* para designar as competências reveladas pelos profissionais em situações caracterizadas muitas das vezes pela incerteza, singularidade e pelo conflito. O *professional artistry* consegue actuar no indeterminado e baseia o seu comportamento num conhecimento tácito, muita das vezes impossível de ser descrito e transmitido

verbalmente. Este comportamento resulta da conjugação das suas acções, da ciência e da técnica e apenas pode ser descrito através da observação e reflexão sobre as suas acções. Segundo o mesmo autor, a formação assenta numa constante comparação e reflexão sobre o que é observado e as experiências vividas, conduzindo desta forma à construção activa do conhecimento na acção segundo uma metodologia de “aprender a fazer fazendo”.

Schön (1987) refere a necessidade do professor desenvolver diversos tipos de reflexão. Segundo o mesmo autor, estes diferentes níveis de reflexão permitem ao professor o desenvolvimento do *artistry* referido anteriormente. A classificação de Schön (1987) é muito clara quanto à definição dos diferentes níveis de reflexão:

- § *Reflexão na acção* – ocorre durante a própria acção, no confronto imediato com as diversas situações;
- § *Reflexão sobre a acção* – frequentemente verbal e de carácter avaliativo ocorre posteriormente à acção (sobretudo prospectiva);
- § *Reflexão sobre a reflexão na acção* – posterior à reflexão sobre a acção, é o que leva o profissional a progredir no seu desenvolvimento e a construir o seu próprio conhecimento (Alarcão, 1996) (sobretudo retrospectiva).

É através deste processo de reflexão os professores adquirem a verdadeira “arte da prática”, que dificilmente pode ser ensinada, embora seja passível de ser aprendida (Schön, 1983, p.38).

Por sua vez, Zeichner (1993) considera essencial que o professor reflexivo tenha as seguintes qualidades: abertura de espírito (ser capaz de ouvir as opiniões dos colegas e admitir que existem outras alternativas), responsabilidade (ter noção das consequências das suas acções) e empenho (mostrar-se motivado e com vontade de desenvolver as suas acções, lutando contra as rotinas e sendo capaz de se auto-renovar). O mesmo autor (1994) estabeleceu três níveis distintos de reflexão: técnica, prática e crítica.

*“Na reflexão técnica, a preocupação é com a eficiência dos meios usados para atingir os fins que são aceites como dados. Na reflexão prática, a tarefa é de explicar e clarificar as soluções e predisposições subjacentes à actividade*

*de ensino, e avaliar a adequação dos objectivos educacionais a que a acção conduz. Aqui, toda acção é vista como ligada ao comportamento com determinados valores e o actor considera a bondade dos fins educacionais alternativos, assim como, em que medida, os objectivos de aprendizagem particulares, para que ele está a trabalhar, estão a ser alcançados pelos alunos. Finalmente, a reflexão crítica incorpora critérios morais e éticos no discurso da acção prática. Aqui as questões principais são os objectivos educacionais, as actividades e experiências que possam conduzir a formas de vida que sejam mais justas, equitativas e por aí fora.” (Zeichner, 1994, p.12)*

Na mesma linha de pensamento, van Manem (1977) considera a existência de três níveis de reflexão: técnico, prático e crítico ou emancipatório. No primeiro caso, a reflexão tem em linha de conta a aplicação técnica do conhecimento educacional e dos princípios básicos, sem que os objectivos ou fins a que se aplicam determinadas técnicas sejam discutidos. A nível prático existe a preocupação com os propósitos, os valores e as consequências aos quais as acções estão intimamente ligadas. A este nível existe uma avaliação das implicações educativas e das consequências das nossas acções após uma análise profunda das relações entre princípios, concepções e práticas de ensino. A nível crítico, os focos de atenção são de origem ética, social e política que podem de algum modo e em algum momento restringir a liberdade de acção do indivíduo ou até mesmo impedir a sua acção.

De facto todas estas definições de níveis de reflexão são importantes para o nosso desenvolvimento profissional. Independentemente se ele é sustentado neste ou naquele tipo de reflexão o importante é o nosso crescimento como profissionais competentes. De uma forma geral e resumida o desenvolvimento profissional é o processo que refina os conhecimentos, as competências e as atitudes dos professores (Sparks e Loucks-Horsley, 1990). Ainda sobre este tema, Nóvoa (1992, p.25) define desenvolvimento profissional como “*um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal*”.

Tal como afirma Stenhouse (1981), não é possível que o professor desenvolva o seu currículo sem o desenvolvimento e constante modificação das suas práticas com base na reflexão sobre essa mesma prática.

## **4.2 Análise das reflexões**

A análise das reflexões reveste-se de uma importância fulcral na realização deste relatório de estágio, que como vimos anteriormente reveste-se de particularidades singulares, muito por culpa do momento em que ele é realizado. Ao contrário dos meus colegas que analisam todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano, no meu caso específico terei que analisar as reflexões efectuadas durante o meu ano de estágio. Apesar de neste momento, não me rever em muito do trabalho realizado naquele ano de estágio, considero-o importante na minha evolução como professor. Tudo tem que partir de alguma coisa, de erros, falhanços e posterior análise dos mesmos. Assim, esta parte do relatório será uma fase em que analiso todas as reflexões escritas realizadas durante o ano de estágio. Esta análise do meu processo reflexivo é importante no sentido de verificar o meu desenvolvimento como professor capaz de reflectir acerca das reflexões das acções.

Assim sendo, procedi à análise e codificação de todas as reflexões das aulas, no sentido de verificar quais as minhas principais preocupações durante aquele ano.

A codificação foi realizada, com recurso ao programa NVivo8, após a formatação das reflexões na modalidade de texto (txt). Para a definição das categorias apoie-me no trabalho de Silva (2009).

Numa parte final, também me socorri do relatório final para justificar alguns pontos de vista sobre a minha capacidade reflexiva.

### **4.2.1 Grelha de Codificação**

As categorias para a análise das reflexões das aulas foram as utilizadas por Silva (2009).

As três grandes categorias definidas *à priori* foram determinadas segundo os elementos estruturantes do processo de ensino aprendizagem: “professor”, “aluno” e “conteúdos” (tarefas).

Estas categorias foram depois divididas em subcategorias de forma a detalhar mais pormenorizadamente o conteúdo presente em cada uma das reflexões.

Na categoria de “professor” foram definidas quatro dimensões de intervenção pedagógica consideradas por Siedentop (1998): “instrução”, “gestão”, “clima” e “disciplina”.

Quanto à categoria “aluno” foram consideradas as categorias “motivação”, “desempenho” e “agentes de ensino”.

Por fim, na categoria “conteúdo” foi adoptado como referência a tomada de decisão nos três momentos de aplicação: decisões *pré-activas*, *interactivas* e *pós-activas* (Pacheco, 1995). Conforme Silva (2009) foram considerados três momentos em três subcategorias: “concepção-planeamento”, “adaptações” e “estratégias”.

#### **4.2.2. Categorias e subcategorias**

##### **1. Professor**

a) **Clima** – Incide sobre as interacções professor/aluno.

*“Um dos alunos passou com demasiada força para uma colega e a bola bateu-lhe na cara. Depois ainda chutou a bola para a rede. Após este acontecimento o aluno foi mandado correr à volta do campo exterior, tarefa que o aluno não cumpriu de forma adequada. No final da aula, tivemos uma conversa com o aluno e foi explicado que aquele não era um comportamento adequado para a aula e que deveria ter um comportamento distinto nas próximas aulas senão seria feita participação à Directora de Turma.” (Relatório aula 30/31)*

b) **Disciplina** – Refere-se às acções tomadas em relação aos comportamentos apropriados e não apropriados dos alunos.

*“Esta foi uma aula de transição, pois, e no seguimento do que já foi referido na reflexão anterior, esta turma precisa de um tratamento diferente no eu diz respeito às questões de disciplina. Desta forma optamos por ter uma atitude mais rígida com os alunos. Este aspecto levou a que a aula decorresse de uma*

*forma bastante agradável e sem grandes interrupções por falta de atenção ou indisciplina.” (Relatório aula 18/19)*

- c) **Gestão** – Engloba todas as intervenções referentes à organização das tarefas propostas, dos alunos, espaços, matérias e até mesmo do tempo de aula.

§ Alunos – forma como se organizam os alunos nos diferentes espaços da aula.

*“De seguida realizou-se a avaliação do serviço por baixo. Os alunos foram divididos em dois grupos que alternavam a execução do serviço dos dois lados da rede.” (Relatório aula 92/93)*

§ Espaços e materiais – escolha, organização e utilização dos materiais usados durante a aula.

*“Enquanto um dos grupos realizava os elementos de maior grau de dificuldade a partir de um plano elevado (plinto), o outro grupo realizava o salto em extensão e salto engrupado no mini-trampolim. Após algumas exercitações, os alunos trocavam de aparelho.” (Relatório aula 29)*

§ Tarefas – refere-se às situações de aprendizagem, rotinas, regras e organização das mesmas.

*“Apenas no serviço por baixo já denotam algumas melhorias. Quanto à situação de jogo esta praticamente não existe. Mesmo permitindo que a bola ressalte no chão uma vez estas não conseguem desenvolver uma jogada de ataque, acabando sempre por não devolver a bola para o campo contrário.” (Relatório aula 88/89)*

§ Tempo – relaciona-se com a forma como o tempo de aula é utilizado (instrução, espera, preparação dos exercícios, transições, e em exercitação).

*“Em duas colunas os alunos realizavam os exercícios propostos pelo professor. Pensamos que este tipo de organização é o mais adequado para este tipo de*

*aulas, pois permite uma melhor gestão do reduzido tempo de aula.” (Relatório aula 35)*

- d) **Instrução** – Diz respeito à informação transmitida pelo professor. Será dividida em quatro subcategorias (demonstração, feedback, informação e questionamento)

§ Demonstração – realização das tarefas por parte do professor, de forma a fornecer “imagens” aos alunos dos aspectos essenciais durante a realização das mesmas.

*“Nos exercícios de flexibilidade pensamos que deverei executar o exercício durante o tempo todo de exercitação e não apenas durante alguns segundos.” (Relatório aula 12/13)*

§ Feedback – momento em que o professor interage com os alunos durante a realização das tarefas. O feedback pode ter vários objectivos: avaliar (desempenho), descrever (forma de fazer), prescrever (como fazer), interrogar (como está a fazer) ou afectivo (encorajar a executar a tarefa).

*“No entanto, acabou por resultar muito bem pois ao mesmo tempo que o aluno demonstrava eu conseguia corrigir de forma individual cada um dos alunos.” (Relatório aula 82/83)*

§ Informação – refere-se à interceptação verbal e não verbal referente aos objectivos e à matéria a ensinar. De forma sucinta, relaciona-se com o quê e no porquê da realização de certas actividades de aprendizagem.

*“De seguida foram realizados dois exercícios que tinham como objectivo ensinar a técnica de transmissão e a realização da transmissão. No primeiro exercício os alunos tiveram algumas dificuldades em perceber que a transmissão é realizada de uma mão do transmissor, para a mão contrária do receptor. Alguns alunos recebiam o testemunho numa mão, trocavam para a mão contrária e só depois é que efectuavam a transmissão. Após algumas*



*correções, os alunos demonstraram perceber a técnica de transmissão. Foi importante explicar que uma boa transmissão permite ganhar tempo na corrida.” (Relatório aula 20)*

§ Questionamento – materializa-se na colocação de questões sobre os conteúdos abordados anteriormente.

*“Aproveitei o momento seguinte à chamada para abordar algumas questões relativas às regras do jogo de Andebol. Os alunos foram interpelados a referir algumas regras que tenham sido alvo de ensino em anos anteriores.” (Relatório aula 11)*

## **2. Aluno**

a) **Motivação** – refere-se à forma como os alunos participam e se envolvem nas actividades propostas.

*“Do lado do grupo mais de menor nível foram realizados alguns exercícios de controlo de bola num curto espaço de campo. Mais uma vez, e no seguimento do registado em aulas anteriores, as alunas não se empenharam na tarefa. A falta de empenhamento na realização das aulas é notória apesar do nosso esforço em diversificar as actividades.” (Relatório aula 77/78)*

b) **Desempenho** – forma como os alunos executam as tarefas propostas. Nível de execução demonstrado pelo aluno durante a realização das tarefas.

*“Do lado do grupo mais fraco, foi pedido que as alunas realizassem determinadas exercícios de adaptação à bola. Pensamos que embora estes exercícios sejam adequados ao nível demonstrado pelas alunas, não estão a ter o devido aproveitamento por parte das mesmas, muito por culpa da falta de empenhamento na sua realização.” (Relatório aula 70)*

c) **Agentes de Ensino** – esta subcategoria diz respeito às tarefas atribuídas aos alunos, que não são de exercitação motora. Podem ser de demonstração, instrução, controlo e de autoavaliação).

*“De seguida realizou-se os habituais alongamentos. Desta feita optei por escolher um aluno para demonstrar os alongamentos.”* (Relatório de aula 82/83)

### **3. Conteúdo**

- a) **Concepção/Planeamento** – refere-se à tomada de decisão antes da aula. Inclui decisões relativas às tarefas, tal como a sua selecção, sequência, e articulação com os objectivos definidos para a aula e para a unidade didáctica em questão.

*“Para além da avaliação sumativa de estafetas e de velocidade também estava prevista a avaliação inicial de salto em comprimento. No entanto esta avaliação não se registou em virtude de estar tempo de chuva e a caixa de saltos estar com água, não permitindo desta forma o cumprimento deste objectivo da aula.”* (Relatório aula 35)

- b) **Adaptações** – diz respeito a todas as alterações, realizadas durante o decorrer da aula, nomeadamente ao nível de alteração de tarefas e/ou da sua estrutura.

*“Estava prevista para o Ginásio, mas em virtude de na próxima aula os alunos terem avaliação sumativa prática a Andebol e de o professor que utilizaria a pista, não realizar aula prática foi-nos possível a troca.”* (Relatório aula 30/31)

- c) **Estratégias** – engloba toda a informação relacionada com decisões pós-activas, na tentativa de melhorar o processo ensino-aprendizagem.

§ **Clima motivacional** – diz respeito às estratégias a tomar de futuro, no sentido de aumentar a motivação dos alunos durante a aula.

*“Para terminar a aula os alunos realizaram um concurso de salto em comprimento que mais uma vez motivou de sobremaneira os alunos. Pensamos que podemos introduzir sempre estes concursos pois motiva os alunos.”* (Relatório de aula 45)

- § Gestão – abarca as possíveis alterações futuras relativamente à organização das tarefas, alunos, espaços, materiais e até mesmo a nível temporal (gestão do tempo da aula).

*“Para a realização deste exercício optamos por colocar de início uma aluna a controlar o ritmo da corrida. Nenhum dos alunos podia ultrapassar a colega nem ficar muito para trás. Passados alguns minutos a aluna já andava a passo e optamos por colocar dois níveis diferenciados. Pensamos que esta é a melhor solução e deverá ser esta a opção a tomar em futuras aulas.”* (Relatório aula 18/19)

- § Instrução – diz respeito à escolha do conteúdo informativo a utilizar em futuras intervenções.

*“Quanto ao meu desempenho penso que foi positivo embora deva referir com mais insistência os critérios de êxito durante a realização do exercício. Penso que não me devo cingir à organização do exercício mas também preocupar-me com a correcção dos alunos. Nesta aula verificou-se uma constante falta de qualidade na mancha o que se deve ao facto de os alunos não conseguirem colocar os braços de forma correcta. Na próxima aula devo corrigir com mais frequência este aspecto.”* (Relatório aula 76)

- § Tarefas – refere-se às decisões pós-activas no sentido de intervir ao nível da planificação das tarefas, nomeadamente a sua selecção, sequência e articulação com os objectivos definidos previamente.

*“De seguida passamos a um concurso de salto em comprimento que motivou bastante os alunos. Pensamos que este exercício poderá ser novamente aplicado em futuras aulas, pois para além da vertente lúdica que os alunos gostam bastante, também tem uma parte importante no ensino do salto em comprimento, visto que pede aos alunos que tentem saltar o mais à frente possível, tentando chegar aos locais que dá mais pontos.”* (Relatório aula 45)

### 4.2.3. Apresentação e análise dos resultados

No quadro que se segue podemos observar os resultados da categorização da informação. Para cada categoria e subcategoria será apresentado o registo de frequências e de frequências relativas. Através destes dados será possível analisar o conteúdo das reflexões.

Categorias definidas à priori			Nº de fontes	Referências	
Professor	Clima		7	7	2,97%
	Disciplina		3	5	2,12%
	Instrução	Demonstração	6	8	3,39%
		Feedback	4	4	1,69%
		Informação	11	12	5,08%
		Questionamento	3	3	1,28%
		<b>Sub Total</b>		<b>27</b>	<b>11,43%</b>
	Gestão	Alunos	5	6	2,54%
		Espaço e Materiais	4	5	2,12%
		Tarefas	3	3	1,27%
		Tempo	11	12	5,08%
		<b>Sub Total</b>		<b>26</b>	<b>11,01%</b>
		<b>Sub Total</b>		<b>65</b>	<b>27,53%</b>
Aluno	Agentes de ensino		2	2	0,86%
	Desempenho		53	62	26,27%
	Motivação		19	25	10,59%
		<b>Sub Total</b>		<b>89</b>	<b>37,71%</b>
Conteúdo	Adaptações		17	22	9,32%
	Concepção e planeamento		23	38	16,10%
	Estratégias	Clima motivacional	3	4	1,69%
		Gestão	6	7	2,97%
		Instrução	2	3	1,27%
		Tarefas	7	8	3,39%
		<b>Sub Total</b>		<b>22</b>	<b>9,32%</b>
		<b>Sub total</b>		<b>82</b>	<b>34,74%</b>
		<b>Total</b>		<b>236</b>	<b>100%</b>

Quadro 1 – Distribuição da codificação pelas categorias e subcategorias em análise.

Numa análise superficial ao quadro anterior, conseguimos tirar várias ilações de forma imediata. Uma das quais prende-se com o facto de todas as categorias e subcategorias serem alvo de referência, embora cada uma delas tenha preponderância diferenciada. De facto e ao contrário do sucedido no trabalho de Silva (2009), as três categorias em análise – Professor, Aluno e Conteúdo - não tiveram uma discrepância tão grande (27,53%, 37,71% e 34,74% respectivamente). Durante o ano tive uma preocupação constante com as três categorias embora dentro de cada uma delas tenha tido uma maior preocupação por determinadas subcategorias em detrimento de outras.

A subcategoria mais em evidência nos relatórios foi a que se debruçava sobre o “desempenho dos alunos” com 26,67% do total de referências nos relatórios. Este facto não é de estranhar, pois tal como diz Shulman (1987), existe uma enorme preocupação em ver resultados práticos durante os primeiros anos de docência. Durante este período de estágio entendemos que a nossa prestação reflecte-se na prestação dos nossos alunos. Temos a ideia que se os alunos melhoram o nível de execução das habilidades, isso deve-se à nossa eficiente prestação. Este resultado vai ao encontro das preocupações levantadas por Marcelo (1998) quando refere que os estagiários reflectem sobretudo sobre a sua actividade e sobre os resultados práticos dos alunos.

*“O primeiro exercício consistia num exercício de passe em estrutura. Mais uma vez os alunos realizaram este exercício sem dificuldades de maior. Estiveram bastante concentrados na tarefa e retiraram dela um bom aproveitamento. Do lado do grupo mais de menor nível foram realizados alguns exercícios de controlo de bola num curto espaço de campo. Mais uma vez, e no seguimento do registado em aulas anteriores, as alunas não se empenharam na tarefa. A falta de empenhamento na realização das aulas é notória apesar do nosso esforço em diversificar as actividades.”* (Relatório da aula 74/75)

*“De seguida os alunos em grupos de 4 realizavam passe lateral, utilizando a estrutura utilizada no jogo de Andebol e com progressão para a baliza. Ao chegar à baliza os alunos rematavam utilizando o remate em apoio ou em suspensão. Pensamos que de início o exercício não foi bem sucedido muito por*

*culpa do espaço ser reduzido e de os alunos terem algumas dificuldades na realização do passe.” (Relatório aula 30/31)*

Esta categoria – “desempenho dos alunos”, torna-se de vital importância na reflexão do professor, pois é através dela que o professor consegue evoluir e adquirir uma compreensão mais adequada da realidade, reformulando assim a sua acção (Shulman, 1987). Assim o professor consegue adaptar o seu planeamento e métodos utilizados ao desempenho verificado nos seus alunos.

É nesta linha de pensamento que surge a segunda subcategoria com mais referências em todas as reflexões – “concepção e planeamento” (16,10%). Após uma reflexão cuidada do desempenho dos alunos o professor torna-se capaz de alterar ou apenas ajustar as tarefas ao desempenho verificado anteriormente.

Esta preocupação encontra relevância nas palavras de Alarcão (1996), quando afirma que os professores desempenham um papel fundamental na produção de conhecimentos acerca da forma como os alunos adquirem novas aprendizagens. Segundo a mesma autora, eles têm um papel vital na educação, na medida que se conseguem adaptar à real necessidade dos alunos, não se servindo de receitas pré-determinadas e muita das vezes sem sentido prático.

*“Quanto à parte fundamental da aula os alunos com uma bola cada um realizaram vários exercícios de manejo da bola. Como foi referido na análise da avaliação inicial, esta turma está dividida em dois grupos com um nível bastante diferente. Neste exercício simples notou-se esta divisão pois um grupo de alunos realizava o exercício sem qualquer tipo de dificuldade enquanto o outro tinha bastante dificuldade em manusear a bola. Penso que deveremos ter em atenção este facto e preparar aulas com exercícios com diferente grau de dificuldade para os dois níveis.” (Relatório aula 42)*

Pela análise do quadro de referências nos relatórios, verificamos a existência de uma preocupação semelhante pelas subcategorias – “gestão” e “instrução”, da categoria “Professor” e “motivação” da categoria “Alunos”.

Parece-me óbvia a natural preocupação pela subcategoria “gestão” (11,01%), numa fase em que nos preocupamos com a organização funcional da aula. O constante movimento dos alunos, o desenvolvimento de diversas actividades em simultâneo e a incapacidade do professor estar em todos os “palcos de acção”, leva-nos naturalmente a uma maior preocupação com esta subcategoria.

*“De seguida passou-se à realização dos exercícios de plinto, bock e mini trampolim para a avaliação dos alunos. Nesta parte da aula estavam preparadas 3 estações diferentes. Em cada uma delas os alunos dispunham de uma tentativa para realizar o exercício que iria ser alvo de avaliação.”* (Relatório aula 33/34)

No que se refere à “instrução”, esta subcategoria pertencente à categoria “Professor”, teve 11,43% das referências. Considero normal este valor, pois existiu sempre uma enorme preocupação em informar os alunos sobre o porquê da realização de determinadas tarefas. Não era suficiente a sua compreensão do exercício se não soubesse a finalidade do mesmo. Dentro desta subcategoria, os aspectos ligados à demonstração e à informação foram os mais referidos com 3,39% e 5,08% das referências respectivamente.

No que diz respeito à subcategoria “motivação”, esta preocupação esteve sempre presente. Apoiando-me em Neves e Boruchovitch (2007), quando estes consideram a motivação um elemento fundamental no desenvolvimento completo do ser humano considero que tive sempre preocupado com a motivação dos alunos para a aula e para a realização das diferentes tarefas.

*“No entanto este é um aspecto que já vem sendo hábito ao longo do ano e principalmente neste 3º período. Para além disso não devo continuar a perder tanto tempo com alunas que não querem pura e simplesmente fazer a aula. Isto já foi referido por mais do que uma vez nas reflexões anteriores, mas continua a ser um problema meu. Continuo a beneficiar alunas que não querem aprender em detrimento de alunos que se empenham e se mostram motivados para a aula.”* (Relatório aula 81)

Segundo Neves e Boruchovitch (2007), parece haver uma estreita relação entre a motivação e o posterior desempenho escolar.

Decrescendo no número de referências nas reflexões das aulas, aparecem duas subcategorias pertencentes à categoria “Conteúdo” – “adaptações” e “estratégias”, com 9,32% das referências totais.

De facto estas duas subcategorias são importantes no constante acto reflexivo do professor. Torna-se fundamental que o professor desenvolva a capacidade de constantemente se adaptar às circunstâncias com que se depara frequentemente.

*“Em relação à aula prevista verificou-se uma mudança em virtude de estar tempo de chuva e de ser impossível utilizar a caixa de saltos para fazer a introdução ao salto em comprimento. Desta forma e porque o professor que ia dar aula no campo exterior deu orientação, foi possível utilizar o campo exterior e fazer a introdução à unidade didáctica de Basquetebol.” (Relatório aula 42)*

Quanto à subcategoria “estratégias”, o aparecimento dela nas reflexões também foi uma constante devido à necessidade intrínseca de alterar/reformular/adaptar novas estratégias de ensino, no sentido de tirar o máximo de proveito de cada uma das aulas.

*“O segundo exercício consistia na realização de vários tipos de passe, recepção e remate em grupos de dois, frente a frente. Este exercício poderia ter sido realizado em deslocamento a toda a largura do campo. Este aspecto é bastante importante para obrigar os alunos a realizarem o exercício em movimento. Pensamos que eles têm a tendência para não realizarem o movimento “piston” e este tipo de organização do exercício poderá levar a uma melhoria significativa neste aspecto.” (Relatório aula 11)*

*“O primeiro exercício da aula consistia na realização do jogo “bola ao capitão” e penso que correu bem. No entanto ainda se denota pouca participação das raparigas no jogo. Pensamos que devem ser introduzidas algumas regras que*



*obriguem a uma maior participação delas. Para além disso, podemos aproveitar este exercício para incluir algumas regras de Andebol (3' com a bola na mão, dribles, passos).” (Relatório aula 11)*

*“Apenas foi realizada a exercitação das habilidades introduzidas na semana transacta. De referir que a generalizada dos alunos já executa de uma forma bastante satisfatória o salto em extensão e engrupado, revelando apenas algumas dificuldades no salto com ½ pirueta. Teremos que adoptar estratégias mais simplificadas e provavelmente sem aparelhos para a realização da ½ pirueta com corrida preparatória.” (Relatório aula 12/13)*

Esta breve análise do quadro de distribuição das referências em cada uma das reflexões vai ao encontro dos resultados observados no trabalho desenvolvido por Silva (2009). Algumas das categorias menos referenciadas teriam, na minha opinião, uma crescente importância se o mesmo trabalho fosse realizado actualmente. No entanto, e porque esta análise reporta-se ao trabalho desenvolvido durante o ano de estágio, penso que esta análise não ficaria completa sem a análise do relatório final de ano, relatório este que se serviu de “espelho fiel” de todas as transformações sentidas durante aquele ano.

#### 4.2.3.1 Análise do relatório final

No relatório final debruçei-me não só sobre a minha prática como professor dentro da sala de aula, mas também sobre o ensino em geral e todos os problemas que a ele estão associados. Tal como diz Zeichner (1993), ao professor exige-se que reflecta não só sobre o acto de ensinar e sobre a aula, mas também sobre a envolvente criada à volta do ensino. Todos os problemas encontrados nos currículos nacionais, a dificuldade de aplicabilidade dos mesmos e desenquadramento destes em relação à realidade da maioria das escolas a nível nacional foram alvo de reflexão e de questionamento.

*“No que concerne a este ponto, considero que o programa por nós analisado é apenas um modelo onde os conteúdos a abordar nos diferentes anos estão estruturados de uma forma algo desadequada. É frequente ouvir dizer que os alunos passam de ano consecutivamente sem terem atingido competências supostamente exigidas em anos anteriores. Esta situação dá azo a uma permanente iniciação das modalidades nos vários anos. No entanto, considero ser papel do professor de Educação Física a adequação dos conteúdos programáticos aos vários contextos que enquadram a escola.”*

Como refiro é essencial que o professor tenha esta capacidade de adaptação às diferentes realidades e contextos onde se encontra. Esta capacidade de adaptação aos diferentes contextos educativos é-nos apresentada por diversos autores (Shulman, 1987; Grossman, 1990; Schempp, 2003) como uma das áreas de conhecimento do professor. Esta é indispensável e o seu desenvolvimento torna-se fulcral no “crescimento” profissional do professor.

Outra das ideias essenciais no relatório final é a importância dada ao aluno e às suas características individuais. Cada aluno revela uma identidade própria e carece de tratamento diferenciado. Quanto maior for a adequação da aula, dos objectivos da mesma e das tarefas propostas maior proveito e maior satisfação conseguiremos ter do aluno e num aspecto mais global da turma. A preocupação com esta vertente foi uma constante, tentando adequar ao máximo os objectivos e os exercícios da aula, à enorme heterogeneidade verificada na turma.

*“No que diz respeito a aspectos mais ligados à metodologia utilizada, procurei recorrer a mecanismos de diferenciação pedagógica, de acordo com as avaliações iniciais, individualizando deste modo o ensino. Procurei leccionar a maioria das minhas aulas com tarefas distintas para diferentes níveis de desempenho, o que veio a revelar-se profícuo numa turma de enorme heterogeneidade.”*

*“Tendo como objectivo a condução da aula de acordo com as tarefas didácticas e diferentes dimensões de intervenção pedagógica de forma eficaz, a fase de realização foi perspectivada e operacionalizada recorrendo a mecanismos de*

*diferenciação pedagógica de forma a colmatar e dar resposta à diversidade de alunos, quer ao nível de desempenhos motores e capacidades cognitivas quer ao nível de diferenças particulares de personalidade. Diferenças essas, que carecem de abordagens diferenciadas com vista a existência de um ambiente de “justiça”. Pois justo não é tratar todos de igual forma, mas abordar todos de acordo com aquilo que cada um necessita para a promoção de situações de aprendizagens significativas para o desenvolvimento da noção de competência nos alunos.”*

Como podemos ver, houve sempre a necessidade de ajustar o ensino às características individuais de cada aluno.

Outra preocupação presente no relatório final foi a importância do aluno em todo o processo de ensino-aprendizagem. Actualmente, considero este aspecto fundamental. Se estou a ensinar alguma coisa e não preocupo com a qualidade da transmissão dos conhecimentos como é que depois exijo da parte dos alunos uma boa realização das tarefas. O nosso foco deve ser sempre o aluno e a nossa preocupação deve ser a de transmitir o conhecimento de forma compreensível. Como aprendemos em didáctica, não chega saber fazer. Tal como diz Graça (1997), quando fala de uma das categorias do conhecimento – conhecimento pedagógico do conteúdo, é necessário tornar o conteúdo da matéria a ensinar compreensível aos alunos. Esta preocupação está latente no relatório final quando refiro que a *“...a qualidade de apreensão de conhecimentos está intimamente ligada à qualidade de instrução, esta careceu de ser reflectida de forma a ser o mais contextualizada e clara possível, não dando margem para dúvidas. Penso ter evoluído bastante neste aspecto, concentrando-me cada vez mais no essencial beneficiando desta forma a qualidade das minhas instruções.”*

Através da análise do documento final apercebo-me de uma das componentes que considero fundamental no ensino actualmente. Com uma descaracterização permanente da família e de todos os laços paternos, torna-se imprescindível que o professor se torne um veículo de normas de conduta, de regras e de disciplina mas ao mesmo tempo de afectos, de carinhos e de uma palavra de conforto. Não querendo substituir a família, nem sequer

confundir amizade com competência (este aspecto é fundamental, pois muitas vezes o “bom professor”/ “bom treinador” é confundido com aquele que torna as tarefas mais simples e faz a vontade dos alunos), penso que os laços afectivos são uma questão indispensável à actividade docente. Já na altura, da realização do estágio este tema foi alvo de preocupação como revela o seguinte excerto do relatório final.

*“Da minha convivência com os alunos apercebi-me que as aulas não devem ser apenas um veículo para transmissão de conteúdos, mas igualmente um local privilegiado para a educação, sendo que, sem descaracterizar a disciplina de Educação Física, procurei que a actividade física pudesse, de alguma forma, desenvolver nos alunos não só a sua componente motora, como também a sua componente moral, social e afectiva.”*

Uma das questões levantas no relatório final é a importância da reflexão como algo necessário à minha evolução como professor. Esta necessidade de reflectir torna-se um elemento fundamental no exercício da profissão. No relatório existe uma chamada de atenção para a evolução verificada ao longo do ano e para o reconhecimento da necessidade de esta reflexão ser um acto contínuo à realização da aula.

*“Este aspecto torna-se uma das minhas principais evoluções ao longo do ano. A reflexão sobre a aula ganha maior importância se for realizada de forma quase contínua com o momento da sua realização. Penso ter evoluído bastante principalmente a partir do momento em que este aspecto foi melhorado. Esta reflexão tem um valor superior à reflexão realizada vários dias depois da realização da aula. Nesta reflexão mais longínqua no tempo perdem-se alguns “sentimentos” sobre a forma como decorreu a aula. Aspectos estes importantes para a melhoria continuada do processo ensino-aprendizagem.”*

Tal como reconheço durante a realização deste relatório de estágio, a reflexão sobre o ensino é uma peça fundamental para a evolução do professor. Hoje em dia, penso que este elemento se tornou um hábito na minha prática como professor e como treinador. Como refiro no excerto anterior esta rotina foi uma das minhas maiores conquistas durante o ano de estágio.

No entanto, e passados dois anos da realização do estágio manifesto algumas mudanças em relação à base das reflexões realizadas naquele momento. De facto hoje em dia denoto maior preocupação com os conteúdos e com a forma de os transmitir aos alunos.

Tal como diz Graça (1997), quando aborda esta questão, o conhecimento pedagógico do conteúdo não se resume ao simples facto de o conhecer. É necessário saber como o transmitir aos alunos de forma coerente e compreensível. Penso que esta capacidade se vai adquirindo com a prática e com a aplicação/experimentação de novas estratégias, adaptando-se de forma contínua às exigências encontradas no confronto com a realidade de ensino. Tal como referi anteriormente na revisão bibliografia, um aspecto crucial no desenvolvimento das competências profissionais do professor é o seu aperfeiçoamento pedagógico. Este aperfeiçoamento apenas é possível através de uma atitude reflexiva e sempre na procura de novas estratégias de ensino. Não sendo de descurar a importância da reflexão sobre os mais diversos contextos em que se realiza a prática pedagógica, parece-me evidente a necessidade de reflectir sobre os conteúdos nas suas diversas vertentes – adaptações, concepção e planeamento e estratégias, para que seja possível um “encontro” com as reais necessidades dos alunos.

Para além desta mudança, penso que as questões relacionadas com a gestão, não seriam alvo de preocupação constante durante as reflexões. Esta questão é um dos aspectos melhorados com a prática e que passados dois anos, penso ter melhorado de forma significativa. Considero ter sido importante a reflexão contínua sobre esta categoria de conhecimento, pois só a partir deste acto reflexivo consegui adoptar e ter a capacidade para modificar de uma forma quase imediata as condições de exercitação das tarefas propostas. Ainda hoje me lembro de uma afirmação que a minha professora orientadora dizia quando eram realizados os planos de aula. Segundo ela era necessário “ver o que iria acontecer durante a realização dos exercícios”, pois só assim conseguíamos ter uma imagem do que poderia ocorrer durante o mesmo. Esta capacidade de antecipar o que poderia ocorrer durante a aula torna-se importante na planificação da mesma, pois permite a resolução de problemas, antes mesmo da sua aparição.

A nível reflexivo penso ser estas as mudanças mais significativas entre as reflexões realizadas naquele momento e a atitude reflexiva praticada actualmente. Penso ser necessária uma constante renovação de conhecimentos, sendo esta "reciclagem" tanto maior quanto maior for a nossa "abertura" à reflexão e à procura de novas formas de transmitir conhecimentos.

## **5. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO**

## **5. Conclusão e Perspectivas para o Futuro**

Como é óbvio, não poderei abordar este capítulo como se estivesse a finalizar o Estágio. Passados dois anos, penso já ter evoluído bastante principalmente no que diz respeito à forma como vejo o ensino e principalmente como olho para trás e vejo a importância deste período na minha formação profissional.

De facto, e após dois anos a leccionar nas aec's (actividades de enriquecimento curricular), sinto que o estágio foi um ponto preponderante na minha formação como professor de educação física. Não quero com isto, tirar o mérito a todas as disciplinas frequentadas e a todos os anos de ensino anteriores ao estágio, mas sim realçar a importância deste período na formação docente. Este período, visto por muitos como um momento de choque com as questões reais de ensino, reveste-se de importância capital na capacitação profissional de qualquer professor. Como referimos no capítulo anterior, existem competências e conhecimentos necessários para uma boa actividade docente que apenas adquirimos através da prática lectiva, da reflexão sobre a mesma prática e da reflexão sobre essa mesma reflexão. Ou seja, por muito bom que seja o nosso *background* de conhecimentos teóricos, existem outros que apenas adquirimos pela experimentação, pelo confronto com problemas reais e pela necessidade imediata de os resolver. É neste momento de confrontação com a verdadeira realidade escolar que se dá a verdadeira escola e em que nós realmente aprendemos o que é ser professor.

Uma das maiores conquistas durante o ano de estágio, foi a necessidade de reflectir sobre tudo o que era realizado. Durante esse ano, lembro-me perfeitamente de não gostar de fazer relatórios, de ter reuniões de reflexão a seguir às aulas, de passar para o papel tudo o que era realizado no âmbito escolar. Recordo também, a transformação entre a fase inicial do estágio e a fase final em que esta necessidade de reflectir, analisar, questionar se tornou algo imprescindível na minha acção pedagógica. Esta evolução deve-se à minha capacitação de que quando reflectia sobre o que tinha acontecido a minha prestação melhorava bastante. Este momento de transformação das minhas crenças e de consciencialização da importância da reflexão é na minha



opinião o maior ganho do estágio. Habitualmente socorro-me desta ferramenta para reflectir sobre o meu papel como professor/treinador. Analisar o treino e a aula, apontar pontos positivos e negativos, falhas no planeamento, alterações pontuais durante a realização das mesmas, analisar os comportamentos/reacções dos atletas/alunos aos exercícios propostos, prever alternativas para situações semelhantes que ocorram no futuro, prever estratégias para melhorar comportamentos, etc., são conquistas apenas possíveis porque considere num determinado momento que a reflexão era algo imprescindível para a minha evolução como professor/treinador.

A oportunidade dada pela Faculdade de ser confrontado com um contexto real de ensino, mesmo que em anos anteriores já tenhamos passado pela escola mas de forma esporádica, foi uma experiência única e realmente importante para o meu desenvolvimento profissional. Podemos encarar o estágio como mais um momento de aprendizagem, mas ele revela-se algo mais do que isso. É “o momento” em que passamos de simples alunos, para o papel de professor. A forma como encaramos a comunidade escolar, de repente transforma-se e somos colocados na pele da pessoa que ensina, embora naquele preciso momento estejamos a aprender bem mais do que ensinar. Todas as experiências vivenciadas nesse ano poderão ser consideradas momentos únicos de aprendizagem.

De futuro pretendo continuar a investir na minha formação e capacitação profissional. Não vejo a conclusão do mestrado como um encerrar de portas, mas sim como uma ponte para novas aprendizagens e experiências. Considero importante a contínua renovação de conhecimentos e de métodos de ensino quer seja para o contexto do ensino na escola como a nível de treino desportivo. Numa sociedade competitiva e em constante evolução como a actual, esta necessidade de evoluir constantemente torna-se uma questão obrigatória.

Mais concretamente os meus planos para o futuro passam pelo exercício docente através das actividades de enriquecimento curricular, actividade que actualmente já exerço. Sabendo de antemão que não será fácil a minha colocação no concurso nacional de professores nos primeiros anos, irei candidatar-me às ofertas de escola na expectativa de ser colocado.

De facto, o exercício da função docente na escola é um dos meus sonhos, no entanto, o que realmente me levou a seguir este caminho universitário foi o fascínio pelo treino desportivo, nomeadamente na área do treino desportivo de alto rendimento – futebol. Esta foi e será sempre a minha principal preocupação e para qual estou disposto a investir na minha formação sem limites, sempre na esperança de evoluir e de crescer como treinador. Actualmente, exerço funções no Leixões S.C. com várias actividades (treinador de vários escalões, observador, e treinador da escolinha de futebol) e pretendo continuar ligado a este clube, embora com menos funções. Neste momento, ganhei um concurso para a gestão das camadas jovens de um clube do concelho de Matosinhos, tarefa que me ocupará durante os próximos três anos. Para além de coordenar/gerir as camadas jovens do clube, criei uma escola de futebol de forma a rentabilizar as condições excepcionais que o clube tem à disposição. Como disse anteriormente, paralelamente a esta actividade continuarei como treinador do Leixões mas apenas num escalão. Ainda dentro do plano desportivo, fundei em parceria com um colega uma associação juvenil (Futlife – Associação Juvenil de Apoio Social e Desportivo) de forma a colocar em prática diversas actividades, para crianças com poucos recursos e que habitualmente se vêm privadas de certas actividades (campos de férias, actividades de ocupação de tempos livres, oficinas de artes, convívios desportivos, etc.). Esta vertente social é algo que me cativa, pois em criança nunca tive a oportunidade de participar em actividades deste género e vejo a criança desta associação como uma oportunidade única de permitir um bom desenvolvimento social e desportivo a crianças que por outros meios estariam privadas destas actividades.

De futuro e ainda na vertente do treino desportivo, pretendo evoluir e capacitar-me de condições para que essa evolução ocorra. Assim sendo, a curto prazo pretendo inscrever-me no 2º nível de curso de treinadores de forma a evoluir a este nível. Tentarei, ao mesmo tempo, estagiar em alguns clubes de elite, para observar *in loco* o trabalho desenvolvido a esse nível. Estas oportunidades já surgiram, mas por diversas razões não me foi possível concretizar este desejo. Procurarei criar condições para que de futuro estas oportunidades não sejam rejeitadas.

Em jeito de conclusão, apraz-me dizer como diria o poeta espanhol António Machado, que o caminho se faz caminhando. A questão do “ser professor” nos dias de hoje carece de uma constante evolução e desenvolvimento pessoal e profissional. A estagnação será a fronteira entre o professor e a pessoa comum que transmite de forma técnica conhecimentos e saberes. Termino este capítulo com um excerto de um poema do autor referido anteriormente e que reflecte a minha ideia de professor e da sua constante evolução. Não existe um professor ideal, nem um professor “acabado”. Existe sim, um caminho que o professor deve percorrer e no qual deve inscrever a sua marca, a sua identidade. Evoluir é isto mesmo, marcar e ser marcado.

*“Caminhante, as tuas pegadas  
São o caminho e nada mais;  
Caminhante não há caminho,  
O caminho faz-se ao andar.  
Ao andar faz-se o caminho  
E ao olhar-se para atrás,  
Vê-se a senda que jamais,  
Se há-de voltar a pisar.  
Caminhante não há caminho,  
Somente sulcos no mar”.*  
António Machado (1999, p.151)

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Referências Bibliográficas**

- § Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, pp.9-39.
- § Alarcão, I. (2002). Escola reflexiva e desenvolvimento Institucional: que novas funções supervisivas?. In Freire, J. e Oliveira Formosinho, J. (org.), *A Supervisão na Formação de Professores: da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora, pp. 218-238.
- § Alarcão, I., & Sá-Chaves, I. (1994). Supervisão de professores e desenvolvimento humano. Uma perspectiva ecológica. In Tavares, J. (org.), *Para Intervir em Educação*. Contributos dos Colóquios CIDInE. Aveiro: Edições CIDInE, pp. 203-232.
- § Bento, J. (1987). Planeamento e avaliação em educação física. Lisboa: Livros Horizonte.
- § Bento, J. (1995). *O Outro Lado do Desporto* (1ªed.). Porto: Campo de Letras – Editores, S.A.
- § Britzman, D. P. (1991). *Practice makes practice: A critical study of learning to teach*. Albany: State University of New York Press.
- § Calderhead, J. (1996). Teachers: Belief and Knowledge. In D. Berliner & R. Calfee (Eds.), *Handbook of Educational Psychology*. New York: Macmillan, pp. 709-725.
- § Canário, R. (1993). O professor e a produção de inovações. *Colóquio Educação e Sociedade*, 4, pp. 97-121.
- § Copeland, W. D. (1980). Affective dispositios of teachers en training toward examples of supervisory behavior. *Journal of Educational Research* (74), pp. 37-42.
- § Dewey, J. (1933). *How we think*. London: Heath.
- § Dewey, J. (1938). *Logic: The theory of inquiry*. New York: Holt, Rinehart e Winston.
- § Dewey, J. (1959). *Como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição* (3ªed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- § Domingos, J. C. (2003). *A Autonomia da Classe Docente*. Porto: Porto Editora.
- § Elbaz, F. (1983). *Teacher thinking: A study of practical knowledge*. London: Croom Helm.
- § Feiman-Nemser, S. (2001). Helping Novices Learn to Teach: lessons from an exemplary support teacher. *Journal of Teacher Education*, vol. 52 (1), pp.17-30.
- § Fernandes, S.(2003). “Vivências e percepções do estágio pedagógico - A perspectiva dos estagiários da Universidade do Minho”, Dissertação apresentada para obtenção do grau de Doutor em Psicologia - especialidade de Psicologia da Educação - no Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Consultado em 21 de Maio de 2010 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3246/1/TeseDOUTCaiores.pdf>
- § Formosinho, J. (2001). A formação prática de professores: da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica na escola. In Campos, B. P. (org.), *Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*. Porto: Porto Editora, pp. 46-64.
- § Formosinho, J. (2002). Introdução. In J.O. Formosinho (Ed.), *A Supervisão na Formação de Professores*. Porto: Porto Editora, vol II, pp.10.
- § Galvão, C. (2000). Da formação à prática profissional. *Inovação*, 13 (2-3), 57-82.
- § García, C. M. (1992). A Formação de Professores: Novas Perspectivas Baseadas na Investigação sobre o Pensamento do Professor. In. Nóvoa, A. *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Dom Quixote e IIE, pp. 51-76.
- § Giroux, H. A. (1990). Los Profesores Como Intelectuales. Hacia Una Pedagogia Critica del Aprendizaje. Barcelona/Madrid: Paidós/MEC.
- § Glickman, C. D., Gordon, S. P., & Ross-Gordon, J. M. (1998). *Supervision of instruction: A developmental approach* (4<sup>th</sup> ed.). Massachusetts: Allyn & Bacon.

- § Graça, A.(1997). *O conhecimento pedagógico do conteúdo no ensino do basquetebol*. Porto: A. Graça. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- § Graça, A. (1999). O conhecimento do professor de educação física. In Bento J., Garcia R. e Graça A. (eds.), *Contextos da pedagogia do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 167-263.
- § Grossman, P. (1990). *The Making of a Teacher: Teacher Knowledge and Teacher Education*. New York: Teachers College Press.
- § Guimarães, M.F. (1996). O conhecimento profissional do professor de matemática: Dois estudos de caso. Lisboa: M. F. Guimarães. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa.
- § Hargreaves, A. (1994). *Changing Teachers, Changing Times. Teachers' Work and Culture in the Postmodern Age*. London: Cassell.
- § Jacinto, M. (2003). *Formação Inicial de Professores: Concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- § Knowles, M. S. (1980). *The modern practice of adult education: From pedagogy to andragogy* (2<sup>nd</sup> ed.). Chicago: Association/Follett.
- § Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Press.
- § Machado, A. (1999). *Antologia Poética* (2<sup>a</sup> eds). Editora Cotovia.
- § Marcelo, C. (1998). Pesquisa sobre a formação de professores: O conhecimento sobre aprender e ensinar [Versão electrónica]. *Revista Brasileira de Educação*, 9, 51-75. Consultado em 12 de Agosto de 2010, disponível em [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde09/rbde09\\_06\\_carlos\\_marcelo.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde09/rbde09_06_carlos_marcelo.pdf)
- § Matos, P. M., & Costa, M. E. (1993). Supervisão em psicoterapia e aconselhamento psicológico: Uma experiência em contexto universitário. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 9, 19-28.
- § Matos, Z. (1989). Para uma definição do conceito e dos pressupostos do desenvolvimento da competência pedagógica. Porto: Z. Matos. Dissertação de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentada à Universidade do Porto.

- § Medeiros, M. (2006). Competências: Diferentes lógicas para diferentes expectativas. Recife: Edupe.
- § Mendes, D.; Almeida, T.; Alegria, M & Loureiro, M. (2007). Articulando teoria e prática no ensino da natação na Educação Física. Documento de trabalho da Comissão ad hoc do CRUP para a formação de professores
- § Neves, E. e Boruchovitch, E. (2007). Escala de avaliação da motivação para aprender de alunos do Ensino Fundamental (EMA). *Psicologia: Reflexão e Crítica* (20), pp. 406-413.
- § Nóvoa, A. (1992). "Formação de professores e profissão docente". In A. Nóvoa (org.), *Os professores e a sua Profissão*, Coleção Temas de Educação, Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp.15-33.
- § Oliveira, L. (1992). O clima e o diálogo na supervisão de professores. *Cadernos CIDInE*, 5, pp. 13-22.
- § Pacheco, J.A. (1995). *O pensamento e a acção do professor*. Porto: Porto Editora.
- § Perrenoud, P. (1983). La pratique pedagogique entre l'improvisation reglée et le bricolage. *Education et recherches*, 5, pp. 198-222.
- § Ralha, E., Dias, G., Pacheco, J. A., Lima, L. C., Pereira dos Santos, M., Silva, M., Valença, R., & Castro, R. V. (1996). O 5º ano das Licenciaturas em Ensino: Algumas reflexões e uma proposta de reorganização. *Revista Portuguesa de Educação*, 9(1), pp. 165-175.
- § Rodrigues, A. (2001). A formação de formadores para a prática na formação inicial de professores. Comunicação apresentada no Seminário Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores, Faculdade Psicologia e Ciências da Educação da U.L. Consultado 21 de Maio de 2010. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/arodrigues.pdf>
- § Rodrigues, D. (2007). *Investigação em Educação Inclusiva*, 2. Lisboa: F.M.H.
- § Rodrigues, E. (2009). *Supervisão Pedagógica - desenvolvimento da autonomia e da capacidade reflexiva dos estudantes estagiários*. Porto: Dissertação de 2ºciclo de Estudos apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto



- § Ryan, G., Toohey, S., & Hughes, C. (1996). The purpose, value and structure of the practicum in the Higher Education: A literature review. *Higher Education*, 31, pp. 355-377.
- § Schempp, P. (2003). The role of Knowledge and experience in expert sport instruction (Electronic Version). *E-journal de la recherche sur l'intervention en Éducation Physique et Sport*, 3, pp. 3-22.
- § Schön, D. A. (1983). *The Reflective Practitioner. How professionals think in action*. London: Temple Smith.
- § Schön, D. A. (1987). *Educating the Reflective Practitioner. Toward a New Design for Teaching and Learning en the Professions*. San Francisco Jossey-Bass.
- § Shulman, L. (1986). Those who understand: Knowledge growth in teaching. *Educational Researcher*, 15(2), pp. 4-14.
- § Shulman, L. (1987). Knowledge and Teaching: Foundations of the new reform. *Harvard Educational Review*, 57, pp. 1-22.
- § Siedentop, D. (1976). *Developing teaching skills in Physical Education*, 2<sup>nd</sup>. Ohio: Mayfield Publish Company
- § Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (2<sup>nd</sup> ed.). Palo Alto, California: Mayfield Publishing Company.
- § Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la Educación Física*. Zaragoza: Inde Publicaciones
- § Silva, M. "O primeiro ano de docência: o choque com a realidade". In Estrela, M.(1997) (org). *Viver e Construir a Profissão Docente*, Coleção Ciências da Educação, nº26, Porto: Porto Editora, pp.51-60.
- § Silva, T. (2009). Elementos para a Compreensão da Reflexão em Situação de Estágio Pedagógico: estudo de caso de um Estudante-Estagiário de Educação Física. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- § Smyth, J. (1987). *Educating Teachers: Chaging The Nature of Pedagogical Knowledge*. Barbacombe, Lewes: The Falmer Press.
- § Smyth, J. (1989). Developing and Substaining Critical Reflection in Teacher Education. *Journal of Teacher Education* (2).

- § Sparks, D.; Loucks-Horsley, S. (1990). "Models of staff development" in W.R. Houston (ed.). *Handbook of research on teacher education*. Nova Iorque: McMillan, pp. 234-251.
- § Stenberg, R. J. (1990). *Metaphors of mind: Conceptions of the nature of intelligence*. New York: Viking.
- § Stenhouse, L. (1975). *An introduction to curriculum research and development*. London: Heineman Educational.
- § Stenhouse, L. (1981). *Investigación y Desarrollo del Currículum*. Madrid: Morata.
- § Van Manen, M. (1977). *Linking ways of knowing ways of being practical*. Curriculum Inquiry, vol. 6 (n.º 3), pp. 205-228.
- § Veenman, S. (1984). Perceived problems of beginning teachers. Review of Educational Research, 54(2), pp. 143-178.
- § Vickers, J. (1989). *Instructional Design for Teaching Physical Activities*. Human Kinetics Books.
- § Vickers, J.N. (1990). *Instructional design for teaching physical activities: a knowledge structures approach*. Champaign: Human Kinetics.
- § Zeichner, K. (1993). *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.
- § Zeichner, K. M. (1994). Research on teacher thinking and different views of reflective practice in teaching and teacher education. In I. Carlgren; G. Handal; S. Vaage (Eds.), *Teachers' minds and actions: Research on teachers' thinking and practice*, pp. 9-27. Falmer Press, London; Washington, D.C.

Foram ainda consultados os seguintes documentos:

- §Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março;
- §Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro;
- §Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de Agosto.



**SÍNTESE FINAL**

## **Síntese Final**

O relatório de estágio apresenta-se como a tarefa final do Estágio Profissional (EP), unidade curricular do terceiro e quarto semestres do segundo ciclo de estudos, integrado no plano de estudo do mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Depois de um longo período em que somos expostos a uma formação em grande parte teórica, o estágio surge como a oportunidade de congregar as diversas disciplinas que constituem a componente académica do curso, através da sua articulação com situações reais (Ralha et al., 1996). O conhecimento científico, pedagógico e didáctico adquiridos durante a frequência do curso só têm valor se aplicados em contextos reais, com alunos, turmas e escolas que existem na realidade (Rodrigues, 2009).

O ano de estágio revestia-se de uma enorme importância na minha vida enquanto estudante. Logo à partida porque fui colocado numa escola bastante longe do local onde morava. A não realização de uma disciplina (Estudos Práticos I), não me permitiu escolher uma escola perto da minha residência. Assim sendo, fui colocado na Escola Secundária de Maximinos (ESMAX) pertencente ao distrito de Braga.

Sendo o objectivo do estágio a integração dos professores-estagiários no exercício da vida profissional como docentes habilitados de conhecimentos e competências, pretende-se que esta integração seja feita num contexto real de trabalho. Estas competências desenvolvidas neste ano de estágio estão legalmente definidas pelo Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de Agosto, que estabelece o Perfil Geral de Desempenho do Educador e do Professor e o agrupa em quatro grandes áreas de desempenho profissional:

- I. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem
- II. Participação na Escola
- III. Relação com a Comunidade
- IV. Desenvolvimento Profissional

Ao nível da organização e gestão do ensino e da aprendizagem, o Modelo de Estruturas de Conhecimento (MEC) concebido por Vickers, foi o modelo referência.

Uma das primeiras tarefas realizadas no estágio pedagógico foi a análise do Currículo Nacional de Educação Física (competências gerais e transversais) e do Projecto Curricular de Educação Física da escola sob o ponto de vista da articulação das suas componentes (finalidades, objectivos, conteúdos e orientações metodológicas).

Para além da análise a nível documental foi necessário contemplar o meio no qual os alunos se encontram inseridos, isto é, a escola e o espaço envolvente, as condições de aprendizagem e os recursos materiais disponíveis. Desta forma foi realizada uma caracterização do meio envolvente, de forma a adquirir um conhecimento mais aprofundado de onde os alunos são provenientes. Também a nível desportivo foi importante saber quais as condições e variedades de prática oferecidas aos alunos.

No sentido de adequar a minha prática pedagógica às características dos alunos, realizei a caracterização dos alunos, aplicando questionários individuais de forma a obter um conjunto de informações relevantes, que pudessem ajudar-me na escolha das actividades e estratégias a adoptar.

Esta forma de conceber a organização e gestão do ensino e da aprendizagem foi proposta por Vickers (1990), com base no Modelo de Estruturas de Conhecimentos. De forma geral, este modelo permite identificar todo o conteúdo da minha actividade e organizá-lo numa hierarquia de conhecimentos que constantemente informará e influenciará o processo de ensino e de aprendizagem.

O planeamento teve por base o Modelo de Estrutura do Conhecimento (MEC), de Vickers (1990) e foi elaborado nos três níveis: Plano Anual, Planos das Unidades Didácticas e Planos de Aula.

Segundo Bento (1987), os planos são modelos de actuação didáctico-metodológica, contêm decisões acerca de determinadas categorias didácticas, nos diferentes níveis do decurso temporal do processo de ensino aprendizagem.

O controlo e a avaliação foram partes integrantes e necessárias de todo o processo pedagógico, constituindo uma das fases do processo integral de aprendizagem. Foram usadas 3 modalidades de avaliação: Avaliação Inicial para determinar o nível em que se encontravam os alunos em cada matéria de ensino; a Avaliação Formativa para controlar o processo de ensino-aprendizagem e a Avaliação Sumativa que permitia analisar a evolução dos alunos após a prática.

A segunda área – participação na escola, englobou todas as actividades não lectivas realizadas, tendo em vista a minha integração na escola e a dinamização da comunidade escolar. Estas dividiram-se em duas áreas: Actividades extra-curriculares e Direcção de Turma. Dentro desta área foram realizadas as seguintes actividades: Corrida de Orientação; Torneio de Andebol Masculino (5x5) para o Ensino Básico; Torneio de Voleibol Feminino (2x2) para o Ensino Básico; Torneio de Futsal Masculino e Feminino (5x5) para os Ensinos Básico e Secundário; Torneio de Badminton, para o Ensino Secundário; Torneio de Voleibol Misto, para o Ensino Secundário; Cursos de Árbitros de Futsal e de Natação.

Outras das actividades desenvolvidas durante o ano de estágio esteve relacionada com o acompanhamento e compreensão do papel do Director de Turma. Penso que essa actividade foi benéfica, até porque me permitiu perceber quais os problemas da turma, as suas dificuldades e motivações e as formas encontradas de resolução dos problemas.

A área – relação com a comunidade, englobou actividades que contribuíram para um conhecimento do meio regional e local tendo em vista a realização de acções promotoras de práticas sociais com relevância educativa. A área desenvolvimento profissional, diz respeito às actividades que visam a aquisição de competências profissionais, de forma a providenciar um contributo directo para a melhoria do meu desempenho enquanto professor. Foi uma das áreas mais importantes de todo o Estágio Pedagógico, uma vez que me permitiu reflectir acerca da

actividade profissional e do meu desempenho apoiando-me na experiência, na investigação e em outros recursos de desenvolvimento pessoal.

O estágio deve ser um período essencial na aquisição de autonomia e de competências para o desenvolvimento da prática docente. Este momento de prática é o espaço privilegiado de integração de competências e conhecimentos, embora, isto apenas se concretize se houver uma reflexão sistemática por parte do professor sobre o que faz e porque o faz (Alarcão, 1996). O início do estágio apresenta particularidades interessantes que se destacam pelas incertezas e dificuldades do estudante estagiário. Veenman (1984) e Silva (1997) denominam este período de “choque com a realidade”.

Para Britzman (1991, p.8) esta etapa da formação em que se pretende passar do papel de aluno para professor “não é meramente uma questão de se aplicarem competências descontextualizadas ou de reproduzir imagens pré-determinadas.

Como diz Bento (1995, p.64), “as situações pedagógicas são como os momentos da vida: são únicas e nunca se repetem”. Esta experiência em contexto real de ensino permite ao professor estagiário uma experiência prática única e defendida como essencial por diversos autores ao nível da formação de professores (Siedentop, 1983; Rodrigues, 2001; Silva, 2009; Rodrigues, 2009).

Neste período torna-se fulcral a aquisição de competências técnicas, didáticas, de conhecimento da matéria de ensino e de relacionamento inter-pessoal com outros professores e com alunos. Segundo Alarcão (1996) a competência integra de forma global um complexo conjunto de saberes, capacidades e atitudes que se relacionam entre si e que permitem ao professor agir de forma interligada na multiplicidade de contextos da sua profissão.

Aprender a ensinar implica o desenvolvimento de diferentes formas de conhecimento as quais, quando entendidas de forma global, dão origem ao “conhecimento profissional” (Elbaz, 1983; Shulman, 1986; Grossman, 1990; Graça 1999).

Através de uma compreensão diferenciada e inovadora do ensino, surge a necessidade de formar professores que venham a reflectir sobre a prática nas escolas, na expectativa que a reflexão sistemática constitua um instrumento de desenvolvimento do pensamento e acção do professor, tornando-o num profissional mais adaptado à constante evolução escolar. Este aspecto leva a que a reflexão seja um conceito utilizado constantemente por investigadores e formadores de professores como uma nova tendência na formação de professores (Garcia, 1992).

Para Schön (1987) o caminho a seguir é mesmo o da reflexão contínua para que o professor seja capaz de enfrentar situações únicas e diferentes com que vai deparar na vida real e de tomar as decisões apropriadas nas zonas de incerteza que a caracterizam. O mesmo autor refere a necessidade do professor desenvolver diversos tipos de reflexão. Este autor distingue três níveis de reflexão: *reflexão na acção* (ocorre durante a própria acção, no confronto imediato com as diversas situações); *reflexão sobre a acção* (frequentemente verbal e de carácter avaliativo ocorre posteriormente à acção) e *reflexão sobre a reflexão na acção* –

posterior à reflexão sobre a acção, é o que leva o profissional a progredir no seu desenvolvimento e a construir o seu próprio conhecimento (Alarcão, 1996).

É através deste processo de reflexão que os professores adquirem a verdadeira “arte da prática”, que dificilmente pode ser ensinada, embora seja passível de ser aprendida (Schön, 1983, p.38).

Zeichner (1993) considera essencial que o professor reflexivo tenha as seguintes qualidades: abertura de espírito (ser capaz de ouvir as opiniões dos colegas e admitir que existem outras alternativas), responsabilidade (ter noção das consequências das suas acções) e empenho (mostrar-se motivado e com vontade de desenvolver as suas acções, lutando contra as rotinas e sendo capaz de se auto-renovar). O mesmo autor (1994) estabeleceu três níveis distintos de reflexão: técnica, prática e crítica.

Na mesma linha de pensamento, van Manen (1977) considera a existência de três níveis de reflexão: técnico, prático e crítico ou emancipatório.

A análise das reflexões reveste-se de uma importância fulcral na realização deste relatório de estágio, que como vimos anteriormente reveste-se de particularidades singulares, muito por culpa do momento em que ele é realizado.

Assim sendo, procedi à análise e codificação de todas as reflexões das aulas, no sentido de verificar quais as minhas principais preocupações durante aquele ano.

A codificação foi realizada, com recurso ao programa NVivo8, após a formatação das reflexões na modalidade de texto (txt). Para a definição das categorias apoie-me no trabalho de Silva (2009). Numa parte final, também me socorri do relatório final para justificar alguns pontos de vista sobre a minha capacidade reflexiva. As categorias para a análise das reflexões das aulas foram as utilizadas por Silva (2009).

As três grandes categorias definidas *à priori* foram determinadas segundo os elementos estruturantes do processo de ensino aprendizagem: “professor”, “aluno” e “conteúdos” (tarefas). Estas categorias foram depois divididas em subcategorias de forma a detalhar mais pormenorizadamente o conteúdo presente em cada uma das reflexões. Na categoria de “professor” foram definidas quatro dimensões de intervenção pedagógica consideradas por Siedentop (1998): “instrução”, “gestão”, “clima” e “disciplina”. Quanto à categoria “aluno” foram consideradas as categorias “motivação”, “desempenho” e “agentes de ensino”. Por fim, na categoria “conteúdo” foi adoptado como referência a tomada de decisão nos três momentos de aplicação: decisões *pré-activas*, *interactivas* e *pós-activas* (Pacheco, 1995). Conforme Silva (2009) foram considerados três momentos em três subcategorias: “concepção-planeamento”, “adaptações” e “estratégias”.

Da análise dos dados conseguimos tirar várias ilações de forma imediata. Uma das quais prende-se com o facto de todas as categorias e subcategorias serem alvo de referência, embora cada uma delas tenha preponderância diferenciada. Durante o ano tive uma preocupação constante com as três categorias embora dentro de cada uma delas tenha tido uma maior preocupação por determinadas subcategorias em detrimento de outras.



A subcategoria mais em evidência nos relatórios foi a que se debruçava sobre o “desempenho dos alunos” com 26,67% do total de referências nos relatórios. Este facto não é de estranhar, pois tal como diz Shulman (1987), existe uma enorme preocupação em ver resultados práticos durante os primeiros anos de docência. Durante este período de estágio entendemos que a nossa prestação reflecte-se na prestação dos nossos alunos. Temos a ideia que se os alunos melhoram o nível de execução das habilidades, isso deve-se à nossa eficiente prestação. Este resultado vai ao encontro das preocupações levantadas por Marcelo (1998) quando refere que os estagiários reflectem sobretudo sobre a sua actividade e sobre os resultados práticos dos alunos.

Esta categoria – “desempenho dos alunos”, torna-se de vital importância na reflexão do professor, pois é através dela que o professor consegue evoluir e adquirir uma compreensão mais adequada da realidade, reformulando assim a sua acção (Shulman, 1987). Assim o professor consegue adaptar o seu planeamento e métodos utilizados ao desempenho verificado nos seus alunos.

É nesta linha de pensamento que surge a segunda subcategoria com mais referências em todas as reflexões – “concepção e planeamento” (16,10%). Após uma reflexão cuidada do desempenho dos alunos o professor torna-se capaz de alterar ou apenas ajustar as tarefas ao desempenho verificado anteriormente.

Esta preocupação encontra relevância nas palavras de Alarcão (1996), quando afirma que os professores desempenham um papel fundamental na produção de conhecimentos acerca da forma como os alunos adquirem novas aprendizagens. Segundo a mesma autora, eles têm um papel vital na educação, na medida que se conseguem adaptar à real necessidade dos alunos, não se servindo de receitas pré-determinadas e muita das vezes sem sentido prático.

Pela análise do quadro de referências nos relatórios, verificamos a existência de uma preocupação semelhante pelas subcategorias – “gestão” e “instrução”, da categoria “Professor” e “motivação” da categoria “Alunos”. Parece-me óbvia a natural preocupação pela subcategoria “gestão” (11,01%), numa fase em que nos preocupamos com a organização funcional da aula. O constante movimento dos alunos, o desenvolvimento de diversas actividades em simultâneo e a incapacidade do professor estar em todos os “palcos de acção”, leva-nos naturalmente a uma maior preocupação com esta subcategoria. No que se refere à “instrução”, esta subcategoria pertencente à categoria “Professor”, teve 11,43% das referências. Considero normal este valor, pois existiu sempre uma enorme preocupação em informar os alunos sobre o porquê da realização de determinadas tarefas. Dentro desta subcategoria, os aspectos ligados à demonstração e à informação foram os mais referidos com 3,39% e 5,08% das referências respectivamente. No que diz respeito à subcategoria “motivação”, esta preocupação esteve sempre presente. Apoiando-me em Neves e Boruchovitch (2007), quando estes consideram a motivação um elemento fundamental no desenvolvimento completo do ser humano considero que tive sempre preocupado com a motivação dos alunos para a aula e para a realização das diferentes tarefas.

Decrescendo no número de referências nas reflexões das aulas, aparecem duas subcategorias pertencentes à categoria “Conteúdo” – “adaptações” e “estratégias”, com 9,32% das referências totais.

De facto estas duas subcategorias são importantes no constante acto reflexivo do professor. Torna-se fundamental que o professor desenvolva a capacidade de constantemente se adaptar às circunstâncias com que se depara frequentemente.

Quanto à subcategoria “estratégias”, o aparecimento dela nas reflexões também foi uma constante devido à necessidade intrínseca de alterar/reformular/adaptar novas estratégias de ensino, no sentido de tirar o máximo de proveito de cada uma das aulas.

No relatório final debruçei-me não só sobre a minha prática como professor dentro da sala de aula, mas também sobre o ensino em geral e todos os problemas que a ele estão associados. Tal como diz Zeichner (1993), ao professor exige-se que reflecta não só sobre o acto de ensinar e sobre a aula, mas também sobre a envolvente criada à volta do ensino. Todos os problemas encontrados nos currículos nacionais, a dificuldade de aplicabilidade dos mesmos e desenquadramento destes em relação à realidade da maioria das escolas a nível nacional foram alvo de reflexão e de questionamento.

Como refiro é essencial que o professor tenha esta capacidade de adaptação às diferentes realidades e contextos onde se encontra. Esta capacidade de adaptação aos diferentes contextos educativos é-nos apresentada por diversos autores (Shulman, 1987; Grossman, 1990; Schempp, 2003) como uma das áreas de conhecimento do professor. Esta é indispensável e o seu desenvolvimento torna-se fulcral no “crescimento” profissional do professor.

Outra das ideias essenciais no relatório final é a importância dada ao aluno e às suas características individuais. Cada aluno revela uma identidade própria e carece de tratamento diferenciado. Quanto maior for a adequação da aula, dos objectivos da mesma e das tarefas propostas maior proveito e maior satisfação conseguiremos ter do aluno e num aspecto mais global da turma. A preocupação com esta vertente foi uma constante, tentando adequar ao máximo os objectivos e os exercícios da aula, à enorme heterogeneidade verificada na turma.

Outra preocupação presente no relatório final foi a importância do aluno em todo o processo de ensino-aprendizagem. O nosso foco deve ser sempre o aluno e a nossa preocupação deve ser a de transmitir o conhecimento de forma compreensível. Como aprendemos em didáctica, não chega saber fazer. Tal como diz Graça (1997), quando fala de uma das categorias do conhecimento – conhecimento pedagógico do conteúdo, é necessário tornar o conteúdo da matéria a ensinar compreensível aos alunos.

Uma das questões levantas no relatório final é a importância da reflexão como algo necessário à minha evolução como professor. Esta necessidade de reflectir torna-se um elemento fundamental no exercício da profissão. Tal como reconheço durante a realização deste relatório de estágio, a reflexão sobre o ensino é uma peça fundamental para a evolução do professor.

No entanto, e passados dois anos da realização do estágio manifesto algumas mudanças em relação à base das reflexões realizadas naquele momento. De facto hoje em dia denoto maior preocupação com os conteúdos e com a forma de os transmitir aos alunos.

Tal como diz Graça (1997), quando aborda esta questão, o conhecimento pedagógico do conteúdo não se resume ao simples facto de o conhecer. É necessário saber como o transmitir aos alunos de forma coerente e compreensível. Penso que esta capacidade se vai adquirindo com a prática e com a aplicação/experimentação de novas estratégias, adaptando-se de forma contínua às exigências encontradas no confronto com a realidade de ensino. Para além desta mudança, penso que as questões relacionadas com a gestão, não seriam alvo de preocupação constante durante as reflexões. Considero ter sido importante a reflexão contínua sobre esta categoria de conhecimento, pois só a partir deste acto reflexivo consegui adoptar e ter a capacidade para modificar de uma forma quase imediata as condições de exercitação das tarefas propostas. A nível reflexivo penso ser estas as mudanças mais significativas entre as reflexões realizadas naquele momento e a atitude reflexiva praticada actualmente. Penso ser necessária uma constante renovação de conhecimentos, sendo esta "reciclagem" tanto maior quanto maior for a nossa "abertura" à reflexão e à procura de novas formas de transmitir conhecimentos.

De facto, e após dois anos a leccionar nas aec's (actividades de enriquecimento curricular), sinto que o estágio foi um ponto preponderante na minha formação como professor de educação física. Não quero com isto, tirar o mérito a todas as disciplinas frequentadas e a todos os anos de ensino anteriores ao estágio, mas sim realçar a importância deste período na formação docente. Este período, visto por muitos como um momento de choque com as questões reais de ensino, reveste-se de importância capital na capacitação profissional de qualquer professor. Como referimos no capítulo anterior, existem competências e conhecimentos necessários para uma boa actividade docente que apenas adquirimos através da prática lectiva, da reflexão sobre a mesma prática e da reflexão sobre essa mesma reflexão. Ou seja, por muito bom que seja o nosso *background* de conhecimentos teóricos, existem outros que apenas adquirimos pela experimentação, pelo confronto com problemas reais e pela necessidade imediata de os resolver. É neste momento de confrontação com a verdadeira realidade escolar que se dá a verdadeira escola e em que nós realmente aprendemos o que é ser professor.

A questão do "ser professor" nos dias de hoje carece de uma constante evolução e desenvolvimento pessoal e profissional. A estagnação será a fronteira entre o professor e a pessoa comum que transmite de forma técnica conhecimentos e saberes.

## **Referências Bibliográficas**

- § Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, pp.9-39.

- § Bento, J. (1987). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- § Bento, J. (1995). *O Outro Lado do Desporto* (1ªed.). Porto: Campo de Letras – Editores, S.A.
- § Britzman, D. P. (1991). *Practice makes practice: A critical study of learning to teach*. Albany: State University of New York Press.
- § Elbaz, F. (1983). *Teacher thinking: A study of practical knowledge*. London: Croom Helm.
- § Graça, A.(1997). *O conhecimento pedagógico do conteúdo no ensino do basquetebol*. Porto: A. Graça. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- § Graça, A. (1999). O conhecimento do professor de educação física. In Bento J., Garcia R. e Graça A. (eds.), *Contextos da pedagogia do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 167-263.
- § Grossman, P. (1990). *The Making of a Teacher: Teacher Knowledge and Teacher Education*. New York: Teachers College Press.
- § Marcelo, C. (1998). Pesquisa sobre a formação de professores: O conhecimento sobre aprender e ensinar [Versão electrónica]. *Revista Brasileira de Educação*, 9, 51-75. Consultado em 12 de Agosto de 2010, disponível em [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde09/rbde09\\_06\\_carlos\\_marcelo.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde09/rbde09_06_carlos_marcelo.pdf)
- § Neves, E. e Boruchovitch, E. (2007). Escala de avaliação da motivação para aprender de alunos do Ensino Fundamental (EMA). *Psicologia: Reflexão e Crítica* (20), pp. 406-413.
- § Pacheco, J.A. (1995). *O pensamento e a acção do professor*. Porto: Porto Editora.
- § Ralha, E., Dias, G., Pacheco, J. A., Lima, L. C., Pereira dos Santos, M., Silva, M., Valença, R., & Castro, R. V. (1996). O 5º ano das Licenciaturas em Ensino: Algumas reflexões e uma proposta de reorganização. *Revista Portuguesa de Educação*, 9(1), pp. 165-175.
- § Rodrigues, A. (2001). A formação de formadores para a prática na formação inicial de professores. Comunicação apresentada no Seminário Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores, Faculdade Psicologia e Ciências da Educação da U.L. Consultado 21 de Maio de 2010. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/arodrigues.pdf>
- § Rodrigues, E. (2009). *Supervisão Pedagógica - desenvolvimento da autonomia e da capacidade reflexiva dos estudantes estagiários*. Porto: Dissertação de 2ºciclo de Estudos apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
- § Schempp, P. (2003). The role of Knowledge and experience in expert sport instruction (Electronic Version). *E-journal de la recherche sur l'intervention en Éducation Physique et Sport*, 3, pp. 3-22.

- § Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (2<sup>nd</sup> ed.). Palo Alto, California: Mayfield Publishing Company.
- § Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la Educación Física*. Zaragoza: Inde Publicaciones
- § Silva, T. (2009). Elementos para a Compreensão da Reflexão em Situação de Estágio Pedagógico: estudo de caso de um Estudante-Estagiário de Educação Física. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- § Silva, M. "O primeiro ano de docência: o choque com a realidade". In Estrela, M.(1997) (org). *Viver e Construir a Profissão Docente*, Coleção Ciências da Educação, nº26, Porto: Porto Editora, pp.51-60.
- § Schön, D. A. (1983). *The Reflective Practitioner. How professionals think in action*. London: Temple Smith.
- § Schön, D. A. (1987). *Educating the Reflective Practitioner*. Toward a New Design for Teaching and Learning in the Professions. San Francisco Jossey-Bass.
- § Shulman, L. (1986). Those who understand: Knowledge growth in teaching. *Educational Researcher*, 15(2), pp. 4-14.
- § Shulman, L. (1987). Knowledge and Teaching: Foundations of the new reform. *Harvard Educational Review*, 57, pp. 1-22.
- § Van Manen, M. (1977). *Linking ways of knowing ways of being practical*. Curriculum Inquiry, vol. 6 (n.º 3), pp. 205-228.
- § Veenman, S. (1984). Perceived problems of beginning teachers. *Review of Educational Research*, 54(2), pp. 143-178.
- § Vickers, J.N. (1990). Instructional design for teaching physical activities: a knowledge structures approach. Champaign: Human Kinetics.
- § Zeichner, K. (1993). *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.

Foram ainda consultados os seguintes documentos:

§ Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de Agosto.



**ANEXOS**

**Anexo 1 – Relatórios de aula utilizados para retirar  
exemplos para o relatório profissional**



## Relatório de Aula 11

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 11	<b>Hora:</b> 15.15h-16h
<b>Unidade Didáctica:</b> Andebol	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Introdução	<b>Local/Espaço:</b> Exterior	
<b>Sessão nº</b> 2 em 10		

Esta aula de Ed. Física foi realizada no Exterior da escola e teve a presença de 16 alunos. Não houve dispensas

Os objectivos da aula foram cumpridos na íntegra e passavam pela introdução às habilidades técnicas predominantes do jogo de Andebol.

A aula começou como de costume com a realização da chamada. De assinalar que nesta aula não houve atrasos. Aproveitei o momento seguinte à chamada para abordar algumas questões relativas às regras do jogo de Andebol. Os alunos foram interpelados a referir algumas regras que tenham sido alvo de ensino em anos anteriores.

O primeiro exercício da aula consistia na realização do jogo “bola ao capitão” e penso que correu bem. No entanto ainda se denota pouca participação das raparigas no jogo. Pensamos que devem ser introduzidas algumas regras que obriguem a uma maior participação delas. Para além disso, podemos aproveitar este exercício para incluir algumas regras de Andebol (3' com a bola na mão, dribles, passos).

O segundo exercício consistia na realização de vários tipos de passe, recepção e remate em grupos de dois, frente a frente. Este exercício poderia ter sido realizado em deslocamento a toda a largura do campo. Este aspecto é bastante importante para obrigar os alunos a realizarem o exercício em movimento. Pensamos que eles têm a tendência para não realizarem o movimento “piston” e este tipo de organização do exercício poderá levar a uma melhoria significativa neste aspecto.

O exercício que se seguiu consistia na realização de passe em deslocamento e remate em apoio. O exercício de uma forma geral foi bem executado, no entanto, pensamos que ele poderia ser realizado com um menor número de passes entre os alunos. Os alunos deveriam realizar apenas dois passes, que simularia o “passe e vai” com posterior remate. Este aspecto também iria anular alguns dos problemas registados neste exercício como a corrida lateral executada por alguns dos alunos.

No último exercício, o principal objectivo era que numa primeira fase, os alunos compreendessem a organização do mesmo, para que em aulas futuras o tempo de explicação seja menor em detrimento do tempo de exercitação. Pensamos que este objectivo foi cumprido e que em futuras aulas já será melhor executado.

Quanto ao meu desempenho penso que ele poderia ter sido melhor, principalmente no exercício do passe de frente. Penso que os critérios de êxito poderão ser melhor especificados se forem referidos antes da realização do exercício. Penso que já referi este aspecto numa reflexão anterior e continuo a ter o mesmo comportamento. Apenas refiro alguns critérios e depois vou abordando individualmente outros,

repetindo muitas das vezes o mesmo. Este aspecto deverá ser alvo de uma maior atenção da minha parte.

## Relatório de Aula 12/13

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 12/13	<b>Hora:</b> 8.25h – 9.55h
<b>Unidade Didáctica:</b> Ginástica – Aparelhos	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>º</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Introdução/Exercitação	<b>Local/Espaço:</b> Ginásio	
<b>Sessão nº</b> 3 em 8		

Esta aula de Ed. Física foi leccionada no Ginásio da Escola Secundária de Maximinos e teve a presença de 15 alunos. Dois alunos pediram dispensa durante a aula, pois apresentavam dores nas costas.

Os objectivos da aula passavam pela introdução ao salto de eixo e salto entre mãos no plinto e no bock, que deveria ter sido realizada na aula anterior mas que por falta de tempo não se concretizou. Para além destes objectivos, esta aula também contemplava a exercitação do salto em extensão, engrupado e com  $\frac{1}{2}$  pirueta no mini-trampolim. Desta vez os objectivos foram cumpridos na integra.

A aula correu de uma forma bastante agradável, com os alunos a terem uma participação activa e a mostrar interesse pela prática das diferentes habilidades. No seguimento do que sucedeu na última aula os alunos continuam a melhorar o desempenho no que se refere à preparação e arrumação do material utilizado durante a aula. Este é um aspecto em que os alunos têm tido um progresso assinalável. Em nossa opinião, este facto deve-se em grande parte à motivação que os alunos têm para a prática da modalidade, o que os leva a participar mais activamente na preparação/arrumação do material.

O primeiro exercício da parte inicial foi alterado por sugestão da professora orientador e consistiu na realização de corrida continua à volta do Ginásio com a realização de um exercício ao meu apito. Os alunos podiam realizar dois/três exercícios diferentes consoante o número de vezes que eu apitasse (1apito – circundação dos MS à frente; 2apitos – Circundação dos MS à retaguarda). Pensamos que este exercício correu bastante bem e é mais uma forma de organizar um aquecimento.

De seguida passou-se à realização dos exercícios de plinto e bock que deveriam ter sido realizados na aula anterior, mas que por falta de tempo não foram realizados. Optamos por colocar o Plinto transversalmente de forma a ser mais fácil a execução das habilidades motoras, nomeadamente o salto entre mãos. Este salto poderá ser efectuado no Plinto longitudinal mas isto dependerá da evolução dos alunos ao longo das aulas. Pensamos que de uma forma geral os alunos não revelam muitas dificuldades na realização destes exercícios, nomeadamente os rapazes que já se sentem bastante à vontade.

Quanto aos exercícios de mini-trampolim, nesta aula não foi introduzido nenhum elemento novo. Apenas foi realizada a exercitação das habilidades introduzidas na semana transacta. De referir que a generalizada dos alunos já executa de uma forma bastante satisfatória o salto em extensão e engrupado, revelando apenas algumas dificuldades no salto com  $\frac{1}{2}$  pirueta. Teremos que adoptar estratégias mais simplificadas e provavelmente sem aparelhos para a realização da  $\frac{1}{2}$  pirueta com corrida preparatória.

Quanto ao meu desempenho penso que ao contrário do que sucedeu na aula anterior, já foi mais organizado no que diz respeito ao tempo da aula. Desta forma, já foi possível realizar tudo o que estava planeado e isso traduz-se numa maior satisfação por parte dos alunos, pois têm mais tempo de exercitação de habilidades diferentes, o que torna a aula menos monótona. Um aspecto que poderá ser melhorado é o meu desempenho na parte final da aula. Nos exercícios de flexibilidade pensamos que deverei executar o exercício durante o tempo todo de exercitação e não apenas durante alguns segundos. As correcções que habitualmente faço, poderão muito bem ser realizadas enquanto executo o exercício.

## Relatório de Aula 18/19

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 18/19	<b>Hora:</b> 8.25h – 9.55h
<b>Unidade Didáctica:</b> Atletismo/Andebol	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Introdução/Exercitação	<b>Local/Espaço:</b> Pista	
<b>Sessão nº 3 em 8 de Andebol</b>		
<b>Sessão nº 1 em 5 de Atletismo</b>		

Esta aula de Ed. Física foi leccionada na Pista da Escola Secundária de Maximinos e teve a presença de 16 alunos. No final da aula registaram-se duas saídas da aula. Um dos alunos sentiu-se indisposto (Miguel) e o outro foi informado da morte de um familiar. Nesta aula não se registaram dispensas.

Os objectivos da aula passavam pela introdução à corrida de velocidade e corrida de estafetas. Para além disso, também dizia respeito a esta aula, a exercitação da defesa individual no Andebol em situação de jogo reduzido.

Esta foi uma aula de transição, pois, e no seguimento do que já foi referido na reflexão anterior, esta turma precisa de um tratamento diferente no eu diz respeito às questões de disciplina. Desta forma optamos por ter uma atitude mais rígida com os alunos. Este aspecto levou a que a aula decorresse de uma forma bastante agradável e sem grandes interrupções por falta de atenção ou indisciplina. Para além disso os alunos mostraram-se bastante empenhados e motivados para a realização dos exercícios propostos.

O primeiro exercício da aula consistia na realização de 5 minutos de corrida continua na pista de Atletismo. Para a realização deste exercício optamos por colocar de início uma aluna a controlar o ritmo da corrida. Nenhum dos alunos podia ultrapassar a colega nem ficar muito para trás. Passados alguns minutos a aluna já andava a passo e optamos por colocar dois níveis diferenciados. Pensamos que esta é a melhor solução e deverá ser esta a opção a tomar em futuras aulas.

O exercício que se seguia consistia na realização de exercícios variados de mobilização muscular. Neste exercício, e para além da óbvia preocupação na mobilização do organismo para a actividade, a nossa principal preocupação consistia na transmissão de algumas rotinas de execução da actividade.

O primeiro exercício da parte fundamental, tinha um aspecto lúdico, mas sempre com uma maior incidência sobre o conteúdo da aula. Consistia na realização de um jogo em que à indicação do professor os alunos pares ou ímpares teriam que fugir, e os adversários apanha-los. Se isto se verifica-se os alunos apanhados teriam como castigo a realização de 5 flexões.

Este exercício decorreu de uma forma bastante agradável e deu-nos a ideia de que este tipo de jogos lúdicos deve ser mais vezes utilizado nas aulas.

O exercício que se seguiu consistia na realização de sprints contrariados por um colega que se encontrava da na sua frente. Pensamos que este exercício foi realizado durante tempo excessivo, o que prejudicou um pouco o ritmo da aula.

De seguida fizemos uma divisão da turma em dois grupos. Um grupo de 6 alunos que ficou a jogar Andebol, num campo de dimensões reduzidas e um grupo de 10 elementos que foi realizar os sprints num plano inclinado e de seguida a estafeta humana.

Quanto à estafeta humana, que era o exercício que mais nos preocupava nesta aula, pensamos que ela decorreu de uma forma bastante satisfatória. Os alunos compreenderam os objectivos do exercício e cumpriram o previsto. Apenas a salientar que alguns dos alunos por distração não transmitiam o testemunho (colega) de uma mão para a mão contrária do parceiro. Apesar de este aspecto ser fulcral no exercício e de ter sido alvo de redobrada atenção na explicação do mesmo, foram vários os alunos que por distração ou falta de concentração na tarefa não cumpriram este critério de êxito. No entanto, pensamos que este exercício, para uma primeira aula decorreu de uma forma bastante agradável.

A aula terminou à hora prevista e com um clima bastante agradável, o que comprova que os alunos ficaram satisfeitos e que se empenharam na realização dos exercícios.

Quanto ao meu desempenho penso que ele foi bom, principalmente ao nível da organização dos exercícios. Penso que foi perdido pouco tempo na transição entre exercícios o que se revelou crucial no bom ritmo da aula. Também em relação à transmissão dos feedbacks organizacionais antes da realização da tarefa, penso que estou bastante melhor em relação ao que se verificava no início das aulas.

## Relatório de Aula 20

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 20	<b>Hora:</b> 15.15h-16h
<b>Unidade Didáctica:</b> Atletismo	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Exercitação	<b>Local/Espaço:</b> Pista	
<b>Sessão nº</b> 2 em 5		

Esta aula de Ed. Física foi realizada na Pista da escola e teve a presença de 16 alunos. Duas alunas pediram dispensa. Uma delas por estar constipada e outra por não ter equipamento de Ed. Física.

Os objectivos da aula foram cumpridos na íntegra e passavam pela exercitação da corrida de estafetas: partida, aceleração e transmissão (técnica ascendente).

A aula teve início com a habitual chamada. Alguns alunos (principalmente as raparigas) continuam a chegar atrasadas à aula. Pensamos que a solução passa por começar a marcar faltas de atraso e se a medida não resultar efeitos práticos, comunicar à directora de turma o facto.

De seguida os alunos realizaram o aquecimento. Foi adoptada uma organização um pouco diferente do habitual. Pensamos que é bastante importante variar o tipo de aquecimento, para que os alunos adquiram diferentes rotinas de trabalho.

Quanto à parte fundamental da aula, não foi realizado o primeiro exercício que estava previsto no plano de aula. Pensamos que este exercício poderá ser realizado em outra aula. Nesta, e devido ao facto de ser de apenas 45 minutos a sua realização iria condicionar a realização dos restantes exercícios. Para além disso, e devido à escassez de aulas destinadas ao Atletismo é necessário rentabilizar ao máximo o tempo.

Assim sendo, o primeiro exercício da aula consistiu na realização de sprints, em grupos de dois e reagindo a estímulos variados (apito, bater palmas, deixar cair a caneta). Os alunos revelaram bastante empenho na realização do exercício.

De seguida foram realizados dois exercícios que tinham como objectivo ensinar a técnica de transmissão e a realização da transmissão. No primeiro exercício os alunos tiveram algumas dificuldades em perceber que a transmissão é realizada de uma mão do transmissor, para a mão contrária do receptor. Alguns alunos recebiam o testemunho numa mão, trocavam para a mão contrária e só depois é que efectuavam a transmissão. Após algumas correcções, os alunos demonstraram perceber a técnica de transmissão. Foi importante explicar que uma boa transmissão permite ganhar tempo na corrida. No exercício seguinte, foram marcadas duas zonas na pista com cones (zona de aceleração e zona de transmissão). Após uma corrida breve (10 metros) os alunos ao entrar na zona de aceleração os alunos transmissores avisavam o colega com “vai” e este começava a correr. A transmissão teria que ser efectuada dentro da zona de transmissão. Este exercício decorreu bastante bem, com os alunos a perceberem o que fazer em cada uma das zonas. Para o nível geral desta turma, a forma como decorreu este exercício foi um êxito.

O exercício final da aula consistia na aplicação prática do que foi ensinado durante a aula. Com a realização deste exercício foi dado a perceber que a generalidade dos alunos domina de uma forma consistente a técnica de transmissão. Pensamos que na próxima aula, já poderemos partir para uma prática mais global. Assim sendo, na próxima aula já será realizada a estafeta com 4 alunos.

No final da aula foi eleito o melhor aluno. Esta medida será implementada a partir de agora e tem como principal objectivo motivar os alunos a estarem mais concentrados e aplicados durante a aula. Nesta aula a melhor aluna foi a Érica devido ao empenho que ela demonstrou durante a aula.

Quanto ao meu desempenho, e no seguimento do que vem sendo referido nos relatórios anteriores, ele está melhor. Já consigo controlar de uma forma mais eficaz a turma e isto leva à existência de cada vez menos comportamentos disruptivos. Penso que terei que arranjar uma forma diferente de fazer a chamada, principalmente nas aulas realizadas na Pista e no Exterior, de forma a começar a aula a horas devidas. A aula tem começado bastante tarde porque os alunos demoram bastante tempo a chegar ao local da aula. Este aspecto não tem uma justificação que possa ser considerada como aceitável, pois os alunos não têm aulas no tempo anterior.



## Relatório de Aula 29

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 29	<b>Hora:</b> 15.15h-16h
<b>Unidade Didáctica:</b> Ginástica	<b>Ano/Turma:</b> 7º4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Exercitação	<b>Local/Espaço:</b> Ginásio	
<b>Sessão nº</b> 6 em 8		

Esta aula de Ed. Física foi realizada no Ginásio da escola e teve a presença de 16 alunos. Duas alunas chegaram atrasadas, não dando justificação para o atraso.

Os objectivos da aula foram cumpridos na íntegra e passavam pela exercitação dos elementos técnicos: salto em extensão, engrupado, com  $\frac{1}{2}$  pirueta e de carpa no mini-trampolim.

A aula teve início com a habitual chamada. De seguida os alunos realizaram o aquecimento. Os alunos começaram por realizar corrida continua à volta do Ginásio e ao sinal do professor mudavam de exercício. Nesta parte da aula foram introduzidos alguns elementos gímnicos que depois terão transferência para os aparelhos.

Quanto à parte fundamental da aula, os exercícios foram todos realizados. Adoptou-se uma organização em estações (duas neste caso), em que os alunos foram divididos em dois grupos. Enquanto um dos grupos realizava os elementos de maior grau de dificuldade a partir de um plano elevado (plinto), o outro grupo realizava o salto em extensão e salto engrupado no mini-trampolim. Após algumas exercitações, os alunos trocavam de aparelho.

Pensamos que os alunos conseguiram até ao momento uma boa evolução no que diz respeito aos elementos que serão alvo de avaliação sumativa. Apenas no salto de carpa existem algumas dificuldades na sua execução, muito devido à falta de flexibilidade revelada pelos alunos.

Na parte final da aula o material foi arrumado pelos alunos. Nesta aula, e ao contrário do que sucedeu na aula anterior, esta fase da aula foi realizada com uma boa organização por parte dos alunos. Pensamos que pedir aos alunos tarefas específicas para este momento é muito mais apropriado do que pedir apenas para “a turma arrumar o material”.

Quanto ao meu desempenho penso que ele foi bastante positivo durante a aula, na organização e preparação dos exercícios e no feedbacks emitidos para os alunos antes e durante a realização dos exercícios. Penso que quanto à parte final da aula, e como já foi referido, houve uma evolução em relação à aula anterior em que se tinha registado alguma confusão e alguns casos de indisciplina.

## Relatório de Aula 30/31

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 30/31	<b>Hora:</b> 8.25h – 9.55h
<b>Unidade Didáctica:</b> Andebol/Av. Sumativa	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>º</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Exercitação/ Av.Sumativa	<b>Local/Espaço:</b> Sala 2.5/Pista	
<b>Sessão nº 7 em 8 de Andebol</b>		

Esta aula de Ed. Física foi dividida em duas partes distintas. Nos primeiros 45' os alunos realizaram um teste teórico na sala 2.5. Apenas se registou a falta de uma aluna (a Carla) que terá que realizar o teste noutra aula. No início do teste, os alunos tiveram 5' para o ler e esclarecer as dúvidas. No final deste período os alunos deveriam realizar o teste em silêncio. O tempo de teste foi cumprido. No final os alunos deslocaram-se para os balneários de forma a equipar para realizar a segunda parte da aula. Esta foi realizada nos campos reduzidos. Estava prevista para o Ginásio, mas em virtude de na próxima aula os alunos terem avaliação sumativa prática a Andebol e de o professor que utilizaria a pista, não realizar aula prática foi-nos possível a troca.

Para esta aula prática foram pedidas duas dispensas. Um dos alunos pediu dispensa por escrito na caderneta enquanto a Mariana Gomes não o realizou. Esta situação já foi comunicada à Directora de Turma. Nesta aula, a aluna teve falta de material.

A aula prática teve início com uma breve corrida à volta do campo exterior. De seguida foram realizados alguns exercícios de mobilização articular e muscular. Para finalizar o aquecimento foram executados alguns alongamentos.

O primeiro exercício consistia no jogo 7x7 num dos campos reduzidos em que a bola tinha que passar por todos os alunos, antes que a pudessem introduzir num dos arcos. Os alunos deveriam passar a bola utilizando o passe de ombro. Quem não o realizasse seria penalizado com perda da bola para a outra equipa. Pensamos que este aspecto foi bastante focado durante a realização do exercício, facto que levou a que os alunos no final do exercício já o realizassem de uma forma bastante satisfatória.

De seguida os alunos em grupos de 4 realizavam passe lateral, utilizando a estrutura utilizada no jogo de Andebol e com progressão para a baliza. Ao chegar à baliza os alunos rematavam utilizando o remate em apoio ou em suspensão. Pensamos que de início o exercício não foi bem sucedido muito por culpa do espaço ser reduzido e de os alunos terem algumas dificuldades na realização do passe. Foi este aspecto que levou a um caso de indisciplina. Um dos alunos passou com demasiada força para uma colega e a bola bateu-lhe na cara. Depois ainda chutou a bola para a rede. Após este acontecimento o aluno foi mandado correr à volta do campo exterior, tarefa que o aluno não cumpriu de forma adequada. No final da aula, tivemos uma conversa com o aluno e foi explicado que aquele não era um comportamento adequado para a aula e que deveria ter um comportamento distinto nas próximas aulas senão seria feita participação à Directora de Turma.

O exercício final consistia na realização de jogo. Optei por colocar os alunos todos no mesmo campo, o que provocou alguma confusão devido ao espaço ser bastante reduzido. Pensamos que deveriam ter sido divididos em dois grupos e fazer dois jogos nos dois campos disponíveis.

Quanto ao meu desempenho penso que ele poderia ter sido melhor se tivesse optado por exercícios diferentes, tendo em conta o espaço disponível. Quanto ao caso de indisciplina, penso que ele foi tratado da forma conveniente. Conversamos com o aluno e pensamos que ele vai ter um comportamento distinto nas próximas aulas.

## Relatório de Aula 33/34

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 33/34	<b>Hora:</b> 8.25h – 9.55h
<b>Unidade Didáctica:</b> Ginástica – Aparelhos/ Av. Iniciais	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>º</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Av. Sumativa; Av.Formativa <b>Sessão nº 8 em 8</b> de Ginástica <b>Sessão nº 5 em 7</b> de Av. Iniciais	<b>Local/Espaço:</b> Ginásio	

Esta aula de Ed. Física foi leccionada no Ginásio da Escola Secundária de Maximinos e teve a presença de 16 alunos, tendo todos efectuado a aula prática.

Os objectivos da aula passavam pela avaliação sumativa de Ginástica – Aparelhos e que tem a sua conclusão nesta aula. Para além disso, nesta aula também estava prevista a avaliação inicial de Voleibol. Os objectivos da aula foram cumpridos na sua integra.

De referir que no início da aula, as várias estações que iriam servir para avaliar a prestação dos alunos nos vários exercícios de Ginástica foram montadas com a ajuda da orientadora. De seguida a aula teve início como de costume com a chamada. Nesta aula não se registaram atrasos.

A primeira parte da aula dizia respeito ao aquecimento e foi realizado habitualmente. Começamos por realizar corrida contínua à volta do ginásio (metade do ginásio porque a outra metade estava ocupada com as diferentes estações) ao que se seguiram vários exercícios de activação geral. Pensamos que embora este tipo de organização tenha sido o mais utilizado durante as aulas e dessa forma os alunos estejam bastante rotinados, o que leva a poucas perdas de tempo, esta não era a melhor opção para hoje, visto que o espaço era bastante reduzido o que levou a alguma aglomeração dos alunos.

De seguida passou-se à realização dos exercícios de plinto, bock e mini trampolim para a avaliação dos alunos. Nesta parte da aula estavam preparadas 3 estações diferentes. Em cada uma delas os alunos dispunham de uma tentativa para realizar o exercício que iria ser alvo de avaliação. De seguida eram avaliados. Pensamos que esta foi uma boa forma de organização da aula, pois levou a que este período de tempo fosse o mais proveitoso possível, sendo esta avaliação efectuada em pouco tempo. Os alunos compreenderam as rotações de estação para estação o que levou a um aproveitamento máximo do tempo.

De seguida passou-se à avaliação inicial de Voleibol. Para isso foi colocada a rede comprida a todo o comprimento do ginásio. De um lado do ginásio os alunos efectuaram jogo 2x2 em dois campos de badminton que estão marcados e do outro lado realizavam sustentação da bola em grupos de dois, um de cada lado da rede.

Estes exercícios decorreram de uma forma agradável, sendo notória a dificuldade de alguns dos alunos na realização dos exercícios. No entanto, pensamos que esta organização da turma permitiu uma melhor gestão do tempo e do espaço disponível.

Quanto ao meu desempenho penso que estive bem na organização dos exercícios e na gestão do tempo da aula. Penso que no aquecimento seria ideal a utilização de um aquecimento diferente (em colunas, movimentação no próprio sítio ao som de música, em vagas, etc.) de forma a fazer um melhor aproveitamento do pouco espaço disponível. De resto penso que o meu desempenho foi bastante reduzido em relação a outras aulas, em virtude das características da aula – avaliações.

## Relatório de Aula 35

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 35	<b>Hora:</b> 15.15h-16h
<b>Unidade Didáctica:</b> Atletismo	<b>Ano/Turma:</b> 7º4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Avaliação Sumativa	<b>Local/Espaço:</b> Pista	
<b>Sessão nº</b> 5 em 5		

Esta aula de Ed. Física foi realizada na Pista da escola e teve a presença de 16 alunos, embora apenas 10 tenham efectuado aula prática. Este é um aspecto bastante importante pois esta era a aula de avaliação sumativa da Unidade Didáctica de Atletismo – velocidade e estafetas. Estes alunos não irão ter avaliação prática a Atletismo neste período.

Para além da avaliação sumativa de estafetas e de velocidade também estava prevista a avaliação inicial de salto em comprimento. No entanto esta avaliação não se registou em virtude de estar tempo de chuva e a caixa de saltos estar com água, não permitindo desta forma o cumprimento deste objectivo da aula.

A aula teve início com a habitual chamada. De seguida os alunos realizaram o aquecimento. Este momento da aula foi organizado da forma habitual nas aulas de atletismo de 45 minutos. Em duas colunas os alunos realizavam os exercícios propostos pelo professor. Pensamos que este tipo de organização é o mais adequado para este tipo de aulas, pois permite uma melhor gestão do reduzido tempo de aula.

De seguida passou-se à avaliação sumativa da velocidade e posteriormente das estafetas. Na parte das estafetas foi necessário dar uma volta pela pista com os alunos de forma a relembrar as zonas de transmissão e de aceleração. Penso que o tempo dispendido nesta parte da aula foi demasiado o que na eventualidade de os alunos estarem todos presentes se tornaria complicado de realizar a avaliação nesta aula. No entanto e em virtude de serem poucos alunos esta avaliação foi possível.

Quanto ao meu desempenho penso que ele foi positivo, no entanto poderia ter sido melhor principalmente na explicação da avaliação das estafetas. Penso que não se justifica que os alunos não saibam as diferentes zonas de aceleração e de transmissão na própria aula de avaliação. Penso que este aspecto deveria também ser alvo de avaliação. Na aula de avaliação sumativa de uma Unidade Didáctica não faz sentido estar a explicar a forma de realizar as técnicas. Apenas se justifica a explicação dos exercícios. Neste caso particular não faz sentido andar 5 aulas a explicar a técnica de transmissão e as zonas onde deve ser efectuada e depois na própria aula ter que tornar a explicar para apenas um ou dois alunos.

## Relatório de Aula 42

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 42	<b>Hora:</b> 15.15h – 16.00h
<b>Unidade Didáctica:</b> Atletismo	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Introdução	<b>Local/Espaço:</b> Pista	
<b>Sessão nº</b> 2 em 5 de Atletismo		

Esta aula de Ed. Física foi leccionada no campo Exterior da Escola Secundária de Maximinos e teve a presença de 16 alunos. Duas alunas pediram dispensa – a Mariana Gomes e Marta Silva. Tal como o previsto estas alunas realizaram o relatório da aula.

Em relação à aula prevista verificou-se uma mudança em virtude de estar tempo de chuva e de ser impossível utilizar a caixa de saltos para fazer a introdução ao salto em comprimento. Desta forma e porque o professor que ia dar aula no campo exterior deu orientação, foi possível utilizar o campo exterior e fazer a introdução à unidade didáctica de Basquetebol.

A aula teve início com a realização de corrida à volta do campo exterior. De seguida realizaram o jogo dos 8 passes o que serviu de aquecimento para a aula.

Quanto à parte fundamental da aula os alunos com uma bola cada um realizaram vários exercícios de manejo da bola. Como foi referido na análise da avaliação inicial, esta turma está dividida em dois grupos com um nível bastante diferente. Neste exercício simples notou-se esta divisão pois um grupo de alunos realizava o exercício sem qualquer tipo de dificuldade enquanto o outro tinha bastante dificuldade em manusear a bola. Penso que deveremos ter em atenção este facto e preparar aulas com exercícios com diferente grau de dificuldade para os dois níveis.

Para terminar a aula os alunos realizaram um jogo de lançamento em apoio em que tinham três estações e só passavam para a estação seguinte quando encestassem na que estavam. Pensamos que os alunos gostaram do exercício e poderá ser realizado em futuras aulas, pois para além do carácter lúdico do jogo também apela à melhoria da técnica de lançamento em apoio.

Quanto ao meu desempenho penso que estive bem na explicação e na exemplificação dos exercícios. Penso que também dei os feedbacks mais apropriados em cada momento da aula.

## Relatório de Aula 45

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 45	<b>Hora:</b> 15.15h – 16.00h
<b>Unidade Didáctica:</b> Atletismo	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Introdução	<b>Local/Espaço:</b> Pista	
<b>Sessão nº</b> 4 em 5 de Atletismo		

Esta aula de Ed. Física foi leccionada na Pista da Escola Secundária de Maximinos e teve a presença de 14 alunos. Três alunas pediram dispensa – a Diana, a Mariana Gomes e Marta Silva. Tal como o previsto estas alunas realizaram o relatório da aula.

Ao contrário do previsto na planificação dos sumários para este 2º período, esta aula apesar de ser a 4ª e penúltima de Atletismo deste período é ainda assim a aula de Introdução ao Salto em Comprimento. Teremos que proceder assim a uma alteração na ficha de sumários e aumentar o número de aulas dedicadas a esta unidade didáctica.

A aula teve início com o aquecimento. Este foi realizado em duas filas que realizavam os exercícios propostos pelo professor. Esta foi a forma mais rápida e simples de organizar o aquecimento de forma a rentabilizar ao máximo o tempo útil da aula. Para além disso facilitava a transição para a parte fundamental da aula, pois assim os alunos já estavam organizados em filas.

O exercício inicial da parte fundamental foi uma forma lúdica de introduzir a impulsão como uma das fases fundamentais do salto em comprimento. Pensamos que os alunos aderiram de uma forma excelente e empenharam-se ao máximo no exercício.

De seguida passamos a um concurso de salto em comprimento que motivou bastante os alunos. Pensamos que este exercício poderá ser novamente aplicado em futuras aulas, pois para além da vertente lúdica que os alunos gostam bastante, também tem uma parte importante no ensino do salto em comprimento, visto que pede aos alunos que tentem saltar o mais à frente possível, tentando chegar aos locais que dá mais pontos.

O exercício seguinte da aula fazia referência a uma parte bastante importante do salto em comprimento que é a ligação corrida-impulsão em que se pretende que os alunos não diminuam a velocidade nem travem o movimento. Pensamos que os alunos não perceberam muito bem o exercício pois não o estavam a realizar da melhor forma. Estavam a realizar a impulsão, mas não estavam a procurar recepcionar o mais à frente possível.

Para terminar a aula os alunos realizaram um concurso de salto em comprimento que mais uma vez motivou de sobremaneira os alunos. Pensamos que podemos introduzir sempre estes concursos pois motiva os alunos.

Quanto ao meu desempenho penso que estive bem na explicação e na exemplificação dos exercícios. Penso que também dei os feedbacks mais apropriados em cada momento da aula.



## Relatório de Aula 70

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 70	<b>Hora:</b> 15.15h – 16.00h
<b>Unidade Didáctica:</b> Futebol	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Introdução e Exercitação	<b>Local/Espaço:</b> Pista	
<b>Sessão nº 3 em 13 de Futebol</b>		

Esta aula de Ed. Física foi leccionada na Pista da Escola Secundária de Maximinos. Apesar de a aula ser na pista, a modalidade abordada foi o Futebol, visto que a pista tem dois campos de dimensões reduzidas que permitem uma abordagem a esta modalidade. Nesta aula apenas estiveram presentes 9 alunos. Os restantes pediram dispensa. Pensamos que este pedido se deveu ao muito calor que se fazia sentir. No entanto, este facto não pode servir como desculpa para os alunos não realizarem a aula prática. Vamos informar a Directora de Turma deste sucedido de forma a ela tomar uma posição com os alunos e mesmo com os Encarregados de Educação.

Os objectivos foram todos cumpridos na íntegra e consistiam na introdução dos PBJ ofensivo (cobertura ofensiva) e defensivo (cobertura defensiva) e na exercitação dos aspectos técnicos predominantes desta modalidade colectiva (passe, recepção, drible, remate) e aos PBJ defensivo (contenção) e ofensiva (penetração). A nível táctico foi abordado a defesa individual.

Na parte inicial da aula realizou-se o habitual aquecimento. De seguida fizeram duas colunas e realizaram os habituais exercícios de activação geral do organismo.

De seguida, passamos às actividades relacionadas com a modalidade a ser abordada – o Futebol, dividindo a turma em dois grupos de nível como aconteceu na aula passada. O primeiro exercício consistia num jogo 1x1 em que os alunos deveriam exercitar os PBJ ofensivo e defensivo. Pensamos que este exercício decorreu bastante bem, tendo os alunos cumprido os objectivos pretendidos para o exercício. Do lado do grupo mais fraco, foi pedido que as alunas realizassem determinadas exercícios de adaptação à bola. Pensamos que embora estes exercícios sejam adequados ao nível demonstrado pelas alunas, não estão a ter o devido aproveitamento por parte das mesmas, muito por culpa da falta de empenhamento na sua realização.

O segundo exercício consistiu na realização de jogo 2x1, com finalização numa das balizas. Pensamos que o exercício foi bem realizado pelo grupo, cumprindo mais uma vez o pedido. Do lado do grupo menos evoluído foi pedido para que as alunas realizassem jogo 1x1 com finalização numa das balizas. Pensamos que mais uma vez a falta de aplicação foi uma constante.

O último exercício da aula consistia na realização de jogo 4x4 para ambos os grupos. No entanto e em virtude das muitas dispensas do lado dos rapazes foi realizado jogo 3x3 e do lado das raparigas 2x2 com a presença do professor.

Quanto ao meu desempenho penso que poderei melhorar se conseguir arranjar estratégias que impeçam os alunos de pedirem constantemente dispensa. Se encontrar formas de os penalizar por isto,

eles vão começar a realizar mais vezes a aula prática. Quanto aos alunos que fizeram, deverei encontrar outras estratégias para o grupo mais fraco, de forma a motivar mais as alunas para a prática do Futebol.

## Relatório de Aula 74/75

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 74/75	<b>Hora:</b> 8.25h – 9.55h
<b>Unidade Didáctica:</b> Futebol	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Exercitação	<b>Local/Espaço:</b> Exterior	
<b>Sessão nº 6 em</b> 13 de Futebol		

Esta aula de Ed. Física foi leccionada no campo Exterior da Escola Secundária de Maximinos. Nesta aula estiveram presentes 16 alunos. Apenas dois alunos pediram dispensa, o Rogério e a Carla. Estes alunos não apresentaram pedido de dispensa por escrito na caderneta. Durante a aula realizaram o relatório escrito da mesma.

Os objectivos foram todos cumpridos na íntegra e consistiam na exercitação dos aspectos técnicos predominantes do Futebol (passe, recepção, drible, remate) e dos princípios básicos do jogo defensivo (cobertura) e ofensiva (penetração). A nível táctico foi abordado a defesa individual. No final da aula enquanto alguns alunos realizavam jogo 5x5, os restantes realizavam exercitação da condição física.

A aula teve início com um breve período de aquecimento. Os alunos começaram por realizarem alguns exercícios de activação geral. Estes exercícios foram realizados em duas colunas em que os alunos realizavam dois a dois os exercícios propostos pelo professor. Pensamos que esta forma de aquecimento é a ideal para os alunos, pois para além de os mobilizar para a aula também cria uma outra rotina de aquecimento. Pensamos que ao criar estas rotinas estamos a beneficiar de um aumento de tempo útil de aprendizagem da modalidade pois é realizada de uma forma mais rápida e sem perdas de tempo.

De seguida, passamos às actividades relacionadas com a outra modalidade a ser abordada – o Futebol. Mais uma vez dividimos a turma em dois grupos de níveis, o que na prática consistiu numa divisão por géneros.

O primeiro exercício consistia num exercício de passe em estrutura. Mais uma vez os alunos realizaram este exercício sem dificuldades de maior. Estiveram bastante concentrados na tarefa e retiraram dela um bom aproveitamento. Do lado do grupo mais de menor nível foram realizados alguns exercícios de controlo de bola num curto espaço de campo. Mais uma vez, e no seguimento do registado em aulas anteriores, as alunas não se empenharam na tarefa. A falta de empenhamento na realização das aulas é notória apesar do nosso esforço em diversificar as actividades.

De seguida o grupo mais fraco realizou um exercício de passe em estrutura bastante idêntico ao realizado pelos rapazes. Neste tipo de exercícios já se denota um maior empenhamento das alunas. No entanto é constrangedor ver a sua falta de aplicação quando por exemplo acontece do passe ser mal executado por uma colega. Mesmo que a bola não vá tão distante quanto isso, elas não se preocupam em apanhá-la. Quanto aos rapazes realizaram jogo 2x2 num espaço correspondente a  $\frac{1}{4}$  do campo.

Pensamos que este exercício foi bastante bem realizado pelos alunos. Os princípios de jogo foram executados de forma bastante satisfatória.

De igual forma, houve bastante empenhamento no exercício seguinte. O exercício consistia num jogo 3x3 com 2 alunos a jogarem como Jokers. Mais uma vez o empenhamento foi total, embora a realização deste exercício tenha sido um pouco confusa. Pensamos que a noção dos Jokers jogarem sempre pela equipa com posse de bola não foi bem entendida, ou numa outra explicação, o facto de serem dois os Jokers tenha influenciado negativamente a prática. Do lado das raparigas realizou-se jogo 2x2. Não se pode dizer que se realizou jogo, pois a sua prestação foi bastante má. Pensamos que as raparigas ainda não têm condições para realizar este tipo de jogos. Ainda não adquiriram competências motoras suficientes que lhes permitam a realização deste tipo de jogos.

Na parte final da aula realizamos jogo 5x5 no campo inteiro. Do lado dos rapazes o nível de jogo já é bastante aceitável, ao contrário do lado das raparigas que para além de desconhecerem as regras de jogo, também têm pouca à vontade com o objecto de jogo o que lhes dificulta de sobremaneira a tarefa. Enquanto alguns alunos jogavam os outros realizavam exercitação da condição física.

Quanto ao meu desempenho durante a aula considero-o bastante positivo. Controlei de forma eficaz todas as incidências da aula, embora considere ser bastante difícil ter duas aulas distintas a decorrer durante o mesmo período. A realização de exercícios diferentes para os dois grupos condiciona um pouco o meu trabalho mais individualizado com os alunos. Penso que devo criar ainda mais rotinas de forma a torná-los mais autónomos. Isto poderia permitir esse trabalho mais individual.

## Relatório de Aula 76

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 76	<b>Hora:</b> 15.15h – 16.00h
<b>Unidade Didáctica:</b> Voleibol	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Introdução	<b>Local/Espaço:</b> Ginásio	
<b>Sessão nº 2 em 8 de Voleibol</b>		

Esta aula de Ed. Física foi realizada no Ginásio da Escola Secundária de Maximinos. Esta aula foi a primeira de Voleibol. Até este momento a única modalidade abordada neste período tinha sido o Futebol devido aos espaços que o roulement nos destinou até ao momento. Esta aula revestia-se de um carácter de alguma esperança para os professores no sentido de tornar aulas mais motivantes para as alunas, assim estas o desejassem. Por este motivo era com alguma ansiedade que se aguardava esta aula. Mais uma vez apenas uma aluna faltou (a Carla).

Os objectivos desta aula consistiam na introdução das habilidades técnicas base do jogo de Voleibol (deslocamentos, passe posição fundamental). Os objectivos foram cumpridos na sua totalidade.

A aula teve início com um breve aquecimento. Este aquecimento foi realizado através de um jogo em que os alunos tinham de passar a bola sem a deixar cair para o colega com número superior na pauta. Pensamos que o jogo apesar de ser interessante não decorreu da melhor forma pois alguns alunos não se colocaram da melhor forma estando bastante distantes dos colegas para quem passavam a bola. Assim esta estava sempre a cair o que dificultava a realização do jogo. De seguida os alunos realizaram os alongamentos. Estes alongamentos são específicos da modalidade. Este aspecto é importante pois também é nossa intenção criar uma cultura desportiva nos alunos. Desta forma este conhecimento é bastante importante.

Antes da realização do primeiro exercício da parte fundamental realizou-se uma breve explicação da forma de realizar os deslocamentos e da posição básica a ser adoptada durante a prática desta modalidade. O primeiro exercício da aula consistia na realização do jogo do espelho. Houve um bom empenhamento dos alunos embora alguns não tivessem adoptado a posição fundamental, continuando numa posição alta.

De seguida passou-se a mais um momento de explicação teórica da técnica do passe. Pensamos que foram referidos os elementos chave para uma boa realização desta habilidade tão importante. No exercício que se seguiu foi pedido aos alunos que realizassem esses elementos com uma bola de basquetebol. Pensamos que esta estratégia é importante na aquisição de alguns elementos da técnica de passe. Mais uma vez algumas alunas não realizaram este exercício da melhor forma. Para algumas delas, pedir para realizar o exercício reduz-se a uma execução. Este é um aspecto que pensávamos já ter sido superado mas pelos vistos isto não aconteceu.

Os exercícios seguintes consistiam na aplicação dos elementos referidos durante a explicação. Como foi referido anteriormente mais uma vez as alunas não se empenharam o suficiente.

Quanto à aula em si podemos tirar algumas conclusões:

- a) Os rapazes demonstram condições para que lhes sejam pedidas tarefas mais exigentes;
- b) As raparigas continuam, à semelhança do sucedido em Futebol, a não se empenharem na aula. Para além disso as suas capacidades ainda são bastante limitadas.

Quanto ao meu desempenho penso que foi positivo embora deva referir com mais insistência os critérios de êxito durante a realização do exercício. Penso que não me devo cingir à organização do exercício mas também preocupar-me com a correcção dos alunos. Nesta aula verificou-se uma constante falta de qualidade na manchete o que se deve ao facto de os alunos não conseguirem colocar os braços de forma correcta. Na próxima aula devo corrigir com mais frequência este aspecto. Esta menor atenção com a correcção dos alunos deve-se um pouco à minha excessiva preocupação com as alunas e com o insistente pedido à sua aplicação e empenhamento. Estou a prejudicar alguns alunos em detrimento de outros que provavelmente não o merecem.

## Relatório de Aula 77/78

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 77/78	<b>Hora:</b> 8.25h – 9.55h
<b>Unidade Didáctica:</b> Futebol	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Exercitação	<b>Local/Espaço:</b> Exterior	
<b>Sessão nº 7 em</b> 13 de Futebol		

Esta aula de Ed. Física foi leccionada no campo Exterior da Escola Secundária de Maximinos. Nesta aula estiveram presentes 15 alunos (a Carla faltou). Nenhum dos alunos pediu dispensa.

Os objectivos foram todos cumpridos na íntegra e consistiam na exercitação dos aspectos técnicos predominantes do Futebol (passe, recepção, drible, remate) e dos princípios básicos do jogo. No final da aula enquanto alguns alunos realizavam jogo 5x5, os restantes realizavam exercitação da condição física.

A aula teve início com um breve período de aquecimento. Tal como na aula anterior os alunos começaram por realizar alguns exercícios de activação geral. Estes exercícios foram realizados em duas colunas em que os alunos realizavam dois a dois os exercícios propostos pelo professor. De seguida realizaram os alongamentos à ordem do professor.

Quanto à parte fundamental da aula, mais uma vez dividimos a turma em dois grupos de níveis. Para o grupo mais evoluído primeiro exercício consistia num exercício de passe em estrutura. Mais uma vez os alunos realizaram este exercício sem dificuldades de maior. Estiveram bastante concentrados na tarefa e retiraram dela um bom aproveitamento. Do lado do grupo mais de menor nível foram realizados alguns exercícios de controlo de bola num curto espaço de campo. Mais uma vez, e no seguimento do registado em aulas anteriores, as alunas não se empenharam na tarefa. A falta de empenhamento na realização das aulas é notória apesar do nosso esforço em diversificar as actividades.

De seguida os rapazes realizaram jogo 2x2 num espaço correspondente a  $\frac{1}{4}$  do campo. Pensamos que este exercício foi bastante bem realizado pelos alunos. Os princípios de jogo foram executados de forma bastante satisfatória. Quanto ao grupo mais fraco realizou um exercício de passe em estrutura bastante idêntico ao realizado anteriormente pelos rapazes. Tal como sucedeu no exercício anterior a falta de empenhamento foi total o que torna o nosso esforço um pouco inglório.

O exercício seguinte consistia num jogo 3x3 com 2 alunos mas balizas. Mais uma vez o empenhamento foi total por parte dos alunos. Do lado das raparigas realizou-se jogo 2x2. Embora se denote alguma melhoria por parte das alunas, esta poderia ser bem mais acentuada se o empenho e a motivação para a aula fossem superiores.

Na parte final da aula realizamos jogo 5x5 no campo inteiro. Tal como referi na aula anterior o nível de jogo dos rapazes já é bastante aceitável, ao contrário das raparigas que aliando a falta de empenho à pouca disponibilidade motora torna quase impossível classificar de jogo o que elas praticam. Enquanto alguns alunos jogavam os outros realizavam exercitação da condição física.

Quanto ao meu desempenho durante a aula considero que foi positivo. Dividir-me pelos dois grupos torna-se uma tarefa desgastante mas que poderia ser compensada pelo facto de ambos os grupos evoluírem. No entanto, isto não se verifica do lado das raparigas. Não sei o que posso fazer mais para motivar as alunas, ou pelo menos para lhes ensinar alguma coisa que seja desta modalidade.



## Relatório de Aula 81

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 81	<b>Hora:</b> 15.15h – 16.00h
<b>Unidade Didáctica:</b> Futebol	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup>	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Exercitação	<b>Local/Espaço:</b> Exterior	
<b>Sessão nº</b> 8 em 13 de Futebol		

Esta aula de Ed. Física foi leccionada no campo Exterior da Escola Secundária de Maximinos. Mais uma vez a modalidade abordada foi o Futebol. Nesta aula estiveram presentes 15 alunos (faltou o Miguel).

Os objectivos foram todos cumpridos na íntegra e consistiam na exercitação dos aspectos técnicos predominantes desta modalidade colectiva (passe, recepção, drible, remate) e dos PBJ defensivo e ofensivo.

Na parte inicial da aula realizou-se o habitual aquecimento. Com os alunos agrupados dois a dois realizaram os habituais exercícios de activação geral do organismo. No final fizeram os alongamentos à ordem do professor.

De seguida, passamos às actividades relacionadas com a modalidade a ser abordada – o Futebol, dividindo a turma em dois grupos de nível como aconteceu em aulas anteriores. O grupo de melhor nível começou por realizar um exercício de recepção e passe em estrutura. Pensamos que este exercício já demonstra um excelente nível por parte dos alunos que o conseguem realizar de uma forma rápida e com boa execução. Do lado do grupo mais fraco, foi pedido que as alunas realizassem determinadas exercícios de adaptação à bola. Mais uma vez, e no seguimento do registado em aulas anteriores, pensamos que estes exercícios não estão a ter o devido aproveitamento por parte das alunas, muito por culpa da falta de empenhamento na sua realização.

O segundo exercício consistia num jogo 2x2 em que os alunos deveriam exercitar os PBJ ofensivo e defensivo. Pensamos que este exercício decorreu bastante bem, tendo os alunos cumprido os objectivos pretendidos para o exercício. Do lado do grupo menos evoluído foi pedido para que as alunas realizassem na mesma jogo 2x2 com finalização numa das balizas. Pensamos que mais uma vez a falta de aplicação foi uma constante.

O último exercício da aula consistia na realização de jogo 4x4 para ambos os grupos. Este exercício decorreu de uma forma normal, sendo de notar mais uma vez a falta de aplicação do grupo mais fraco.

Quanto ao meu desempenho penso que poderei melhorar se conseguir arranjar estratégias que motivem mais as raparigas para a prática. No entanto este é um aspecto que já vem sendo hábito ao longo do ano e principalmente neste 3º período. Para além disso não devo continuar a perder tanto tempo com alunas que não querem pura e simplesmente fazer a aula. Isto já foi referido por mais do que uma vez nas reflexões anteriores, mas continua a ser um problema meu. Continuo a beneficiar alunas que não querem aprender em detrimento de alunos que se empenham e se mostram motivados para a aula.

## Relatório de Aula 82/83

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 82/83	<b>Hora:</b> 8.25h – 9.55h
<b>Unidade Didáctica:</b> Voleibol	<b>Ano/Turma:</b> 7º4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Exercitação	<b>Local/Espaço:</b> Ginásio	
<b>Sessão nº 4 em 8 de Voleibol</b>		

Esta aula de Ed. Física foi realizada no Ginásio da Escola Secundária de Maximinos e teve a presença de 14 alunos (faltou a Carla e o Rogério).

Os objectivos desta aula consistiam na exercitação das habilidades técnicas características do jogo de Voleibol: passe, manchete, deslocamentos, posição fundamental e paragem a dois tempos e na introdução do 2x2. Os objectivos foram cumpridos na sua totalidade.

A aula teve início com o aquecimento. Os alunos começaram por realizar o jogo da apanhada em metade do campo. Pensamos que houve uma boa aplicação por parte de todos os alunos. De seguida realizou-se os habituais alongamentos. Desta feita optei por escolher um aluno para demonstrar os alongamentos. Este pedido deveu-se ao facto de eu estar magoado no joelho e não conseguir demonstrar da melhor forma. No entanto, acabou por resultar muito bem pois ao mesmo tempo que o aluno demonstrava eu conseguia corrigir de forma individual cada um dos alunos. Pensamos ser uma experiência a repetir em próximas aulas. Para completar o aquecimento os alunos realizaram diferentes tipos de passe em grupos de dois.

Quanto à parte fundamental da aula começamos por realizar o jogo do espelho com os alunos. Este exercício não é novidade para os alunos que já o haviam realizado em aulas anteriores. No entanto, alguns ainda não adoptam a posição adequada (posição média/baixa) continuando sem flectir os joelhos.

De seguida pedimos aos alunos que realizassem toque controlo/passe após lançamento da bola ao ar e ressalto. Era importante que na realização deste exercício os alunos se colocassem bem debaixo da bola. Isto continua sem acontecer com algumas das raparigas que não se movimentam para ajustar a posição consoante o ponto de queda da bola. Sem este pequeno mas importante pormenor elas não conseguirão evoluir neste aspecto crucial do Voleibol. A grande maioria dos rapazes já o efectuam sem problemas de maior. No exercício seguinte pedimos aos alunos que realizassem dois toques controlo seguido de passe. Este é um exercício com um carácter de maior dificuldade que ficou bem visível na sua execução pois apenas alguns alunos o conseguiram realizar de forma eficaz.

No exercício seguinte foi pedido aos alunos que realizassem manchete em grupos de dois com deslocamento lateral de quem realiza a manchete. Neste exercício houve de início algumas dificuldades na realização dos deslocamentos seguidos de manchete. Alguns alunos não conseguem ainda realizar de forma harmoniosa a ligação destas duas habilidades técnicas.

Tal como aconteceu na aula anterior, o exercício que se seguiu era realizado na rede. Assim era pedido aos alunos que realizassem sustentação de bola com a rede pelo meio. Os alunos deviam dar dois toques (toque controlo/passe). Ao contrário da aula anterior, os alunos nesta já conseguiram manter a bola no ar durante algum tempo.

Para terminar com os exercícios analíticos procedeu-se ao ensino da técnica de serviço. Para a sua execução os alunos colocaram-se metade de cada um dos lados da rede e tentavam através do serviço por baixo colocar a bola dentro dos arcos. De referir que ninguém conseguiu o que é normal visto esta ser a primeira aula em que foi abordado o serviço por baixo.

No final da aula realizou-se jogo 3x3 para os rapazes e 2x2 com ressaltos para as raparigas. Pensamos ser esta a melhor forma de introduzir o jogo nesta turma. Dado o facto de os rapazes já apresentarem um nível bastante aceitável pensamos que a evolução do 2x2 para o 3x3 se ajusta perfeitamente. Quanto às raparigas e depois do que vimos nesta aula talvez seja aconselhável regredir ainda um pouco mais e passar ao jogo 1x1 com ressaltos.

Quanto ao meu desempenho penso ter sido positivo na condução da aula. No entanto devo proceder a algumas alterações na forma como estou a abordar esta modalidade na turma. Na próxima aula devo preparar duas aulas distintas para os dois níveis existentes na turma. Este pode ser um bom meio para que as alunas consigam evoluir.

## Relatório de Aula 88/89

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 88/89	<b>Hora:</b> 8.25h – 9.55h
<b>Unidade Didáctica:</b> Voleibol	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Consolidação	<b>Local/Espaço:</b> Ginásio	
<b>Sessão nº 7 em 8 de Voleibol</b>		

Esta aula de Ed. Física foi realizada no Ginásio da Escola Secundária de Maximinos e contou com a presença de 15 alunos tendo faltado apenas o Leandro. Não houve dispensas.

Os objectivos desta aula consistiam na consolidação das habilidades técnicas características do jogo de Voleibol: passe, manchete, serviço, deslocamentos, posição fundamental e paragem a dois tempos e do jogo 1x1 e 3x3. Mais uma vez os objectivos foram cumpridos na sua totalidade.

A aula teve início com o aquecimento. Este aquecimento foi realizado através de um jogo em que os alunos tinham de passar a bola sem a deixar cair para o colega com número superior na pauta. Este exercício já havia sido realizado numa aula anterior embora não tivesse tido o melhor aproveitamento por parte dos alunos. No entanto, desta vez decorreu de uma forma bastante aceitável.

Mais uma vez, e no seguimento do que vem acontecendo ao longo das aulas dividi a turma em dois grupos. Um dos grupos começou por realizar toque controlo/ passe contra a parede. De seguida realizou na mesma contra a parede apenas sustentação de bola a um toque. Pensamos que o nível dos alunos já é bastante aceitável o que permite realizar o exercício sem grande dificuldade. Neste momento apenas lhes falta corrigir alguns pormenores na execução técnica de todo o movimento do passe. Ganhar a noção de que todo o corpo trabalha na execução do movimento é bastante importante neste momento.

No exercício que se seguia os alunos realizaram manchete em grupos de três. À semelhança do que aconteceu na última aula de Voleibol, dois alunos afastados 2 metros tinham a bola na mão e lançavam-na para a sua frente, tendo um dos alunos deslocar-se para ambos os lados realizando manchete. No exercício seguinte, os alunos iam alternando o gesto técnico utilizado (passe/manchete). Pensamos que os alunos realizaram bem o exercício embora ainda denotem algumas dificuldades nos deslocamentos. A grande maioria ainda não adopta uma posição média que lhes permita realizar os deslocamentos de uma forma mais perfeita.

O exercício que se seguia no plano de aula não foi realizado, passando de imediato à realização de serviço por baixo. Os alunos distribuídos de forma igual pelos dois lados da rede realizavam de forma alternada o serviço por baixo. Quanto a este aspecto os alunos já o realizam de forma bastante satisfatória. Pensamos mesmo que já podíamos passar a realização do serviço por cima, no entanto isto não se verificará em virtude desta ser a última aula antes da avaliação.

Quanto ao último exercício da aula os alunos realizaram jogo 4x4 e não 3x3 como o previsto. Pensamos que este jogo se adequa mais aos alunos e ao nível já demonstrado por eles. Para além disso

este jogo torna mais fácil a sua organização pois o número de alunos permite que todos fiquem envolvidos numa tarefa enquanto o professor dedica mais atenção ao grupo de menor nível.

Quanto a este grupo a parte fundamental teve início com a realização de toque controlo/passe após lançamento da bola ao ar. Pensamos que as alunas evoluíram embora não seja muito significativa esta evolução. A falta de empenhamento e de vontade é bastante notória em todas as tarefas da aula permitindo-lhes grandes progressos. Apenas no serviço por baixo já denotam algumas melhorias. Quanto à situação de jogo esta praticamente não existe. Mesmo permitindo que a bola ressalte no chão uma vez estas não conseguem desenvolver uma jogada de ataque, acabando sempre por não devolver a bola para o campo contrário.

Quanto ao meu desempenho penso que não foi muito positivo por uma razão muito simples e já referida anteriormente: dedico tempo em demasia ao grupo mais fraco. Estou a prejudicar o grupo melhor em detrimento de algumas alunas que só realizam os exercícios com a minha constante presença junto delas. Este aspecto não é benéfico tanto para a aula em si como para os alunos melhores. Estou a beneficiar alunas que não se empenham minimamente em detrimento de outros que se empenham e querem aprender.

## Relatório de Aula 92/93

<b>Professor:</b> José Maia	<b>Aula nº</b> 92/93	<b>Hora:</b> 15.15h – 16.45h
<b>Unidade Didáctica:</b> Voleibol	<b>Ano/Turma:</b> 7 <sup>ª</sup> 4	<b>Nº de Alunos:</b> 16
<b>Função Didáctica:</b> Avaliação Sumativa	<b>Local/Espaço:</b> Ginásio	
<b>Sessão nº 7 em 7 de Voleibol</b>		

Esta aula de Ed. Física foi realizada no Ginásio da Escola Secundária de Maximinos e contou com a presença de 16 alunos. Não houve dispensas.

Os objectivos desta aula consistiam na avaliação das habilidades técnicas características do jogo de Voleibol: passe, manchete, serviço, deslocamentos e do jogo 4x4 para o nível mais elevado e 2x2 para o nível mais baixo. Mais uma vez os objectivos foram cumpridos na sua totalidade.

A aula teve início com o aquecimento. Tal como o referido aos alunos em aulas passadas, este aquecimento foi realizado individualmente pelos alunos e era alvo de avaliação. Pensamos ser este o momento ideal para realizar esta avaliação visto esta parte da aula ter sido realizada em todas as aulas e nomeadamente no início do ano era sujeita a críticas pelo facto de os alunos não terem rotinas de trabalho o que implicava demoras significativas nesta parte da aula. Assim sendo, decidimos realizar este tipo de avaliação no término do ano lectivo de forma a aquilatar dos progressos dos alunos a este nível. Para além disso também era importante esta avaliação para algumas alunas que denotam grandes dificuldades nesta Unidade Didáctica. Desta forma encontramos esta solução para ajudar um pouco na nota final. De referir que esta avaliação terá um peso de 20% na nota final da Unidade Didáctica de Voleibol.

Quanto à parte fundamental os alunos começaram por ser avaliados na realização de sustentação de bola fora da rede. Pretendíamos assim aferir das capacidades dos alunos na execução do passe, manchete, e deslocamentos. Esta parte da aula decorreu bastante bem, denotando a grande maioria dos alunos progressos significativos.

De seguida realizou-se a avaliação do serviço por baixo. Os alunos foram divididos em dois grupos que alternavam a execução do serviço dos dois lados da rede. Mais uma vez foi notória a evolução dos alunos.

Para terminar esta avaliação, os alunos foram avaliados nas competências adquiridas no que diz respeito ao jogo. O nível mais elevado realizou jogo 4x4 enquanto o outro grupo foi avaliado em situação de jogo 2x2. De referir nesta situação que um dos grupos apresentou muito bom nível comparativamente ao apresentado na avaliação inicial. O outro grupo não apresentou melhorias significativas devido em nosso entender ao comportamento das alunas. Este comportamento já foi referido em reflexões anteriores e tornou-se claro nesta avaliação que a falta de empenhamento das alunas as prejudicou na avaliação final desta modalidade.

No final da aula e ao contrário do planeado, realizou-se ainda a avaliação de flexibilidade. Esta avaliação foi realizada hoje devido ao facto de na próxima 6<sup>a</sup>feira (dia da realização da avaliação) não ser possível utilizar o Ginásio. Assim esta avaliação realizou-se hoje.

Quanto ao meu desempenho penso ter estado bem durante a aula, no controlo da turma e organização dos exercícios de avaliação. Penso ter escolhido bem os exercícios de avaliação. Na minha opinião foram os adequados para a turma e para o seu nível de desenvolvimento.

## **Anexo 2 – Relatório final de ano**



## INTRODUÇÃO

Esta reflexão final surge como a última tarefa a realizar no âmbito do Estágio Pedagógico da licenciatura em Desporto, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

Foi um ano longo e árduo, que culminou o meu processo de formação inicial. Foi um ano distinto dos anteriores, pelo seu carácter eminentemente prático, onde o que se propunha era que os conhecimentos adquiridos e as capacidades desenvolvidas fossem aplicados, num contexto real de ensino.

Agora que o estágio está a terminar, considero pertinente fazer uma pequena retrospectiva de todo o percurso realizado até aqui, realçando os aspectos mais significativos (positivos e negativos) em cada uma das áreas de desempenho definidas para análise.

Segundo o Documento Orientador do Estágio Pedagógico de 2007/2008, o estudante estagiário deverá ser capaz de reflectir sobre o seu projecto de formação individual, o percurso da sua realização, os efeitos das decisões tomadas numa perspectiva construtora, tendo como objectivo o reforço do exercício consciente da sua acção profissional. Neste sentido pretendo reflectir sobre todo o caminho percorrido durante este ano lectivo, enquanto estudante estagiário na Escola Secundária de Maximinos.

À semelhança do Projecto de Formação Individual, esta reflexão será organizada nas quatro áreas de desempenho: *Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem, Área 2 – Participação na escola, Área 3 – Relações com a comunidade, Área 4 – Desenvolvimento profissional*, apenas por uma questão de estruturação, uma vez que todas estas áreas mantêm entre si uma relação de interacção.

## ÁREA 1 – ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

Esta área diz respeito à concepção, planeamento, realização e avaliação do ensino, tendo como objectivo a elaboração de uma estratégia de intervenção, orientada por objectivos pedagógicos, que garanta os valores e saberes tidos como válidos no ensino da Educação Física e conduza com eficácia pedagógica o processo de educação e formação integral do aluno na aula.

Uma das primeiras tarefas realizadas no âmbito desta área recaiu sobre a Análise dos Programas de Educação Física do 3º ciclo, nomeadamente do 7ºano de escolaridade. Aqui procuramos reflectir sobre os programas do ponto de vista da articulação das suas componentes: finalidades, conteúdos e indicações metodológicas, assinalando aquilo que nos pareceu incorrecto e propondo soluções para os mesmos. No que concerne a este ponto, considero que o programa por nós analisado é apenas um modelo onde os conteúdos a abordar nos diferentes anos estão estruturados de uma forma algo desadequada. É frequente ouvir dizer que os alunos passam de ano consecutivamente sem terem atingido competências supostamente exigidas em anos anteriores. Esta situação dá azo a uma permanente iniciação das modalidades nos vários anos. No entanto, considero ser papel do professor de Educação Física a adequação dos conteúdos programáticos aos vários contextos que enquadram a escola.

Na condução de todo este processo de ensino-aprendizagem tive em conta os três níveis de planeamento: o Plano Anual, o Plano das Unidades Didácticas e os Planos de Aula. Ao longo do estágio estes revelaram-se a base e de certa forma o guia para colocar em prática toda a bagagem adquirida até aqui, desenvolvendo assim o processo educativo. É de referir que apenas os planos de aula, foram de concepção individual, ao contrário do Planeamento Anual e das Unidades Didácticas, realizados em conjunto com o meu colega de estágio.

O Planeamento Anual da disciplina já se encontrava definido pelo Agrupamento de Educação Física bem como a selecção das matérias de ensino que, por sua vez, encontra a sua lógica na análise dos Programas Nacionais propostos para a disciplina de Educação Física e na conjugação do mesmo com a realidade escolar no que toca aos recursos materiais e humanos.

Do Programa Nacional para o 7º ano ficou em falta a abordagem de alguns conteúdos como a orientação, as actividades rítmicas e expressivas. Fica a ideia que poderiam estas lacunas ser colmatadas com alguma ambição e imaginação, por parte de quem coordena as decisões a este nível, ou, por iniciativa própria por parte de cada professor para as suas turmas, principalmente na orientação e actividades rítmicas e expressivas – dança.

Uma das tarefas iniciais do estágio foi realizar a grelha de planificação dos conteúdos para o 7º ano. Esta tarefa foi realizada pelo Núcleo e através dela, podemos aquilatar para cada uma das matérias de ensino, as competências específicas a atingir, os conteúdos, as estratégias metodológicas a adoptar em cada um dos conteúdos, o tempo dedicado a cada matéria, bem como os recursos materiais disponíveis para a sua leccionação adequada. Posso dizer que esta planificação dos conteúdos serviu como um guia mais específico em relação ao Planeamento Anual. Esta planificação não foi seguida à risca. Teve sim os seus naturais ajustamentos em virtude das características dos alunos e do mapa de rotação das instalações, ferramenta imprescindível na planificação das Unidades Didácticas pois permite organizar as aulas em função de um determinado espaço.

Na mesma linha de pensamento, ou seja, tendo em conta as mesmas preocupações tidas na elaboração do Planeamento Anual, foram elaborados e reestruturados os diferentes Planeamentos de Unidades Didácticas, tendo também em consideração as características individuais dos alunos, materiais bem como os níveis de desempenho demonstrados pelos alunos no decurso das várias situações de exercitação. Desempenhos esses, que fomentaram uma reestruturação quanto à forma e ao momento de introdução de determinados conteúdos que à partida pareceram passíveis de ser abordados mas que posteriormente, demonstrou ser descontextualizada face às capacidades reveladas. Procurámos assim, evitar o insucesso e desinteresse dos alunos por perda da qualidade de desempenho, devido à complexidade das matérias.

As Unidades Didácticas foram construídas no início da abordagem de cada modalidade, de acordo com as avaliações iniciais realizadas na primeira aula de cada Unidade e tendo em conta as características da turma. Estas avaliações iniciais serviram para adequar todo o planeamento à realidade específica da turma.

Uma das questões mais importantes surgidas aquando da realização das avaliações iniciais e mais tarde na realização das aulas foi a constatação do escasso tempo de jogo das várias modalidades. Ora, a adopção de um modelo que não privilegie essas formas jogadas, corre o risco de reduzir a experiência de jogo e comprometer a percepção dos alunos daquilo que é o jogo e as suas particularidades.

Os Planos de Aula procuraram operacionalizar o proposto no Planeamento Anual e nas diferentes Unidades Didácticas.

Uma vez concebido e planeado, o processo chega ao momento da sua realização, materializando e operacionalizando todo o conjunto de intenções até então desenvolvidas.

Tendo como objectivo a condução da aula de acordo com as tarefas didáticas e diferentes dimensões de intervenção pedagógica de forma eficaz, a fase de realização foi perspectivada e operacionalizada recorrendo a mecanismos de diferenciação pedagógica de forma a colmatar e dar resposta à diversidade de alunos, quer ao nível de desempenhos motores e capacidades cognitivas quer ao nível de diferenças particulares de personalidade. Diferenças essas, que carecem de abordagens diferenciadas com vista a existência de um ambiente de “justiça”. Pois justo não é tratar todos de igual forma, mas abordar todos de acordo com aquilo que cada um necessita para a promoção de situações de aprendizagens significativas para o desenvolvimento da noção de competência nos alunos.

Para tal justifica-se não só a análise referente ao nível de desempenho inicial dos alunos mas também os ritmos de aprendizagem e desenvolvimento observados ao longo do ano. A identificação e estabelecimento de grupos de níveis de desempenho diferentes serviu para adequar as situações de aprendizagem bem e as sequências metodológicas a objectivos comportamentais diferentes ou adequar a complexidade das situações de aprendizagem para um mesmo objectivo comportamental.

Tal como o desenvolvimento da noção de competência motora dos alunos, a transmissão de um conhecimento teórico relativo à disciplina de Educação Física, foi também alvo de atenção no processo de ensino-aprendizagem.

Quanto aos planos de aula, à medida que os dias iam passando e com a ajuda e persistência da professora orientadora, considero que a minha capacidade de planificar ganhou bastante consistência e se encontra bem consolidada. Para esta evolução foi importante passar de uma fase inicial em que as aulas eram planeadas segundo critérios unicamente metodológicos, para uma fase de previsão/antecipação do que iria acontecer em cada um dos momentos da aula.

Quanto ao modo como as aulas decorriam penso também ter existido um enorme progresso a este nível. De facto, à medida que as aulas foram decorrendo foi possível encontrar um ritmo harmonioso para a aula. Saber intervir nos momentos certos, não quebrar o ritmo da aula só para dar um feedback específico a um aluno, resolver problemas de organização e gestão dos alunos foram aspectos que foram melhorando de forma significativa, revelando-se fundamentais na melhoria da qualidade das aulas.

No que toca à gestão do tempo de aula, o binómio conhecimento/experiência veio a revelar-se decisivo para que este processo fosse cada vez mais natural.

Também, e porque a qualidade de apreensão de conhecimentos está intimamente ligada à qualidade de instrução, esta careceu de ser reflectida de forma a ser o mais contextualizada e

clara possível, não dando margem para dúvidas. Penso ter evoluído bastante neste aspecto, concentrando-me cada vez mais no essencial beneficiando desta forma a qualidade das minhas instruções.

No que diz respeito a aspectos mais ligados à metodologia utilizada, procurei recorrer a mecanismos de diferenciação pedagógica, de acordo com as avaliações iniciais, individualizando deste modo o ensino. Procurei leccionar a maioria das minhas aulas com tarefas distintas para diferentes níveis de desempenho, o que veio a revelar-se profícuo numa turma de enorme heterogeneidade.

Procurei também utilizar uma terminologia adequada e específica às modalidades nas diferentes situações de aprendizagem, exigindo o mesmo aos meus alunos. No que concerne à aplicação dessa terminologia, penso que revelei elevada evolução na qualidade e quantidade de instrução que forneci e nos feedbacks pedagógicos que emiti, aos grupos diferenciados por níveis de desempenho e também a cada aluno de forma individualizada.

No final de cada aula elaborei reflexões escritas, em que, para além de fazer uma apreciação no que diz respeito à informação transmitida, à organização metodológica, ao clima da aula e ao tempo de empenhamento motor, reflecti também acerca do sucesso obtido ou não em cada exercício realizado, tentando a partir daí encontrar estratégias diferentes para aplicar nas próximas aulas. A realização destas reflexões baseadas na observação e interpretação dos factos ocorridos durante a aula e a procura de possíveis soluções para melhorar a interacção entre professor e alunos, foram bastante importantes para consolidar as rotinas, melhorar a gestão de tempo da aula e avaliar-me quanto à qualidade do processo de instrução.

Este aspecto torna-se uma das minhas principais evoluções ao longo do ano. A reflexão sobre a aula ganha maior importância se for realizada de forma quase contínua com o momento da sua realização. Penso ter evoluído bastante principalmente a partir do momento em que este aspecto foi melhorado. Esta reflexão tem um valor superior à reflexão realizada vários dias depois da realização da aula. Nesta reflexão mais longínqua no tempo perdem-se alguns “sentimentos” sobre a forma como decorreu a aula. Aspectos estes importantes para a melhoria continuada do processo ensino-aprendizagem.

Finalmente, sobre a avaliação, elemento regulador e promotor da qualidade do ensino e da aprendizagem, devo dizer que serviu para ajustar os objectivos traçados (sucesso dos alunos) e o caminho proposto (acção/intervenção do professor). Tal aferição requereu a aplicação de diferentes modalidades e formas de avaliação: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. A reflexão sobre a avaliação permitiu a reformulação de algumas das

estratégias estabelecidas *a priori* quer no planeamento de Unidade Didáctica quer no Planeamento Anual.

Os critérios de Avaliação já estavam definidos em sede de Agrupamento e foram respeitados nas avaliações realizadas de cada uma das Unidades Didácticas.

Na minha opinião estes valores são adequados, pois dão ênfase a um conhecimento mais prático das diferentes modalidades ao mesmo tempo que o conhecimento teórico não é esquecido. Também julgo serem importantes as percentagens dedicadas à assiduidade e às atitudes e valores de forma a compensar os alunos mais empenhados, participativos e cooperativos com os colegas e o professor.

Considero que todo o trabalho desenvolvido nesta área constituiu, sem dúvida, a parte mais significativa de todo este ano de estágio, sendo indiscutivelmente a área preponderante a nível de investimento individual. Da minha convivência com os alunos apercebi-me que as aulas não devem ser apenas um veículo para transmissão de conteúdos, mas igualmente um local privilegiado para a educação, sendo que, sem descaracterizar a disciplina de Educação Física, procurei que a actividade física pudesse, de alguma forma, desenvolver nos alunos não só a sua componente motora, como também a sua componente moral, social e afectiva.

## ÁREA 2 – PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

Tendo em vista a integração na comunidade escolar e contribuir, através de uma atitude cooperativa, responsável e inovadora, para a promoção do sucesso educativo foram desenvolvidos esforços para participar activamente nos projectos disciplinares e transdisciplinares.

De facto ao longo dos anos o Agrupamento criou o hábito de ser um enorme impulsionador das actividades não lectivas que eram organizadas nos tempos livres dos professores. A partir do momento em que todas as horas da componente não lectiva são presenciais na escola, deixou de haver disponibilidade para as organizar, tendo sido reduzidas apenas a uma – a Corrida de Orientação, dirigida a um público-alvo, afecto a todos os graus de ensino (7<sup>a</sup> ao 12<sup>o</sup> anos).

Para além desta actividade, os Torneios da Actividade Interna foram uma constante, realizando-se num horário fixo ao longo do ano.

Tendo sido o único grande evento realizado este ano, a Corrida de Orientação constituiu um momento único de aprendizagem. A organização duma actividade deste calibre toma ainda maiores proporções pelo facto de ser realizado fora da escola.

Penso que esta actividade se traduziu num enorme enriquecimento e numa inesgotável fonte de conhecimentos para mim. A minha experiência neste tipo de actividades era praticamente nula a este nível, considerando por este facto ter sido uma das melhores experiências do estágio.

Esta actividade não foi a única levada a cabo no âmbito da Educação Física. De facto, a existência de um Núcleo de Estágio na escola permitiu que este ano não se tornasse tão pobre a nível da organização de actividades extra-curriculares de carácter desportivo. Assim sendo, coube-me organizar o Curso de Árbitros de Futebol, em três momentos diferentes, tendo cada um deles como destinatários os alunos que iriam exercer as funções de árbitros nos torneios de Futebol da Actividade Interna. Para cada um dos cursos foi realizado a sua divulgação pela escola através da distribuição de cartazes pelos blocos e de desdobráveis para dos professores de cada uma das turmas.

Devido a algum desleixo por parte dos professores a divulgação veio a verificar-se ineficaz, inviabilizando a realização do curso em dois dos três momentos definidos. Para além disso os alunos não se mostraram motivados a participar no curso. Eles encaram esta participação como algo que os iria obrigar a serem árbitros durante todo o torneio, impedindo-os assim de jogar.

A outra grande actividade realizada pelo Núcleo de Estágio foi o Peddy Paper – “Matemática em Movimento”. Esta actividade não referida no Projecto de Formação Inicial surgiu através de um pedido de parceria do Núcleo de Estágio de Matemática para realizar uma actividade interdisciplinar inserida na semana da Matemática. Desta forma surgiu a ideia de realizar um Peddy Paper com enigmas matemáticos combinados com a realização de jogos tradicionais. A organização desta actividade esteve quase por inteiro a cargo do Núcleo de Estágio de Educação Física tendo as colegas de Matemática contribuído com os enigmas matemáticos e a ajuda na organização da actividade no próprio dia. Esta organização implicou bastante dedicação e esforço pois era necessário planear eficazmente toda a actividade. A escolha das provas físicas, dos percursos diferenciados para cada uma das equipas participantes, do programa da prova, dos regulamentos, das fichas de inscrição e do levantamento de recursos humanos e materiais necessários foi uma tarefa árdua mas que no final foi recompensada com o interesse e entusiasmo demonstrado pelos alunos.

Esta actividade foi sem dúvida a que provocou maior impacto na comunidade escolar durante toda a semana, facto bem demonstrado pela participação massiva dos alunos. Quanto a

este aspecto ficamos bastante satisfeitos com a participação de todas as turmas do Ensino Básico e com a participação de várias equipas das turmas do Ensino Secundário.

Numa reflexão aprofundada desta actividade penso ter sido uma das melhores organizações do Núcleo em todas as suas vertentes – planificação, organização, dinamização e consequente reflexão final. Foi sem dúvida nenhuma uma actividade bastante enriquecedora em todos os sentidos. A relação com professores de outras áreas foi consolidada de forma natural à medida que era iam surgindo os problemas de organização e era necessário resolve-los.

Nesta área de desempenho também se inclui a compreensão e acompanhamento do papel do Director de Turma. Quanto a esta área penso ter atingido um entendimento integrado do seu papel enquanto gestor de relações humanas, envolvendo a trilogia aluno-escola-família.

Considero ter conseguido interagir de forma eficaz com a Directora de Turma. No início do ano realizei a Caracterização da Turma, documento entregue à Directora de Turma e posteriormente entregue a todos os professores da turma no primeiro conselho de turma. Este documento reveste-se de uma importância significativa no conhecimento mais aprofundado da turma e dos alunos. Dele podem ser retirados dados relevantes para a prática pedagógica, contribuindo para uma melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Para além desta caracterização da turma, participei de forma activa em todos os conselhos de turma, procurando de forma conjunta com os restantes professores da turma encontrar as melhores soluções para cada uma das situações.

Ainda neste âmbito, acompanhei a turma conjuntamente com a Directora de Turma a uma visita de estudo realizada no dia 22 de Janeiro ao Porto. Desta visita de estudo constava a ida ao Teatro em Perafita para assistir à peça “O Cavaleiro da Dinamarca” e ao Parque Biológico de Gaia. Foi um dia bastante enriquecedor para mim, pois para além de ter colaborado com a Directora de Turma na difícil gestão dos alunos, revestiu-se também para mim, num momento único de envolvimento com a turma. A partir deste momento a relação mantida com os alunos foi bastante mais próxima, permitindo criar nas aulas um clima de aprendizagem bastante mais favorável.

### ÁREA 3 – RELAÇÕES COM A COMUNIDADE

Tendo como objectivo a compreensão e integração das componentes mais significativas da identidade da comunidade onde a escola se insere, cabe ao professor de Educação Física, através do conhecimento do meio envolvente, e mais especificamente do meio desportivo,



promover uma maior autonomia do aluno na prática da actividade física, quer na escola, quer fora dela. Nesse sentido foi desde o início do ano feito um esforço de conhecimento relativo a essa mesma comunidade para que o conhecimento das modalidades praticadas no meio envolvente onde o aluno está inserido pudesse ser um aliado para atrair e motivar o aluno para a prática desportiva.

Neste sentido, foi realizada uma caracterização do meio onde a escola se insere, no sentido de o conhecer ambiental, social e culturalmente. Ainda dentro dessa caracterização foi também importante e necessário caracterizar e conhecer o meio desportivo da comunidade, isto é, o associativismo existente, as modalidades desenvolvidas e as infra-estruturas afins à área da Educação Física e Desporto para que esse meio desportivo pudesse funcionar como um complemento aos ideais e objectivos que a Educação Física na escola acarreta, e proporcionasse aos professores um conhecimento de causa, possibilitando o encaminhamento dos alunos para a pratica de actividades físicas de vários níveis.

Foi ainda objectivo do estudo deste meio, a aquisição de conhecimentos passíveis de proporcionar, conforme descrito no Estudo realizado sobre as matérias de ensino abordadas na escola, o aproveitamento da existência dos recursos humanos e materiais para a definição de estratégias que pudesse atenuar as lacunas de formação e de recursos existentes e apontados como promotoras da não abordagem de determinados conteúdos programáticos contemplados no programa nacional de Educação Física. Este aspecto poderá funcionar como um contributo do Núcleo de Estágio para a escola, mais concretamente para o Agrupamento de Educação Física e para o impulsionamento do mesmo quanto às suas ambições, no sentido de combater algum do acomodamento verificado e para uma crescente melhoria na qualidade de ensino proporcionado aos alunos.

Quanto às actividades realizadas nesta área, foram momentos únicos de transposição para o meio da nossa actividade como docentes. As actividades realizadas, particularmente as ocorridas na Piscina Municipal de Maximinos tiveram em minha opinião um nível muito bom, tanto na planificação como consequentemente na organização e dinamização das actividades.

Começando por analisar a Gincana Aquática realizada no final do 1º período sob o tema “Piratas das Caraíbas”, penso ter sido uma actividade com enorme êxito junto dos alunos e mesmo dos professores que nela participaram. A organização foi bastante boa com a realização de jogos lúdicos bastante cativantes para os alunos participantes. Teve mesmo momentos de enorme espectacularidade, com enorme empenhamento de todos os alunos.

Quanto à outra actividade, embora não tivesse a espectacularidade da primeira, devido às suas características – o Torneio de Pólo Aquático, foi bem organizada e teve uma participação

bastante boa dos alunos. Para esta actividade foi essencial a organização simultânea de uma outra actividade – Voleibol Aquático. Esta actividade paralela tinha o duplo objectivo de aquecimento para as equipas que iriam jogar Pólo de seguida, e de ocupar os alunos durante o tempo de intervalo entre os jogos. Esta actividade requereu uma adaptação do regulamento de jogo, às condições e dimensões da piscina.

Com estas actividades, o Núcleo de Estágio conseguiu mobilizar a comunidade, criando uma enorme satisfação nos envolvidos. A forma criativa como concebemos estas duas actividades, realizadas habitualmente em anos anteriores, foi sem dúvida um tónico importante para cativar os alunos para futuras realizações a este nível.

Ainda dentro desta área acompanhei por duas ocasiões o grupo-equipa de Natação a encontros inter-escolas na Piscina da Rodovia. Estes momentos permitiram uma maior envolvência com o meio envolvente, bem como a aquisição de conhecimentos dentro da organização destes eventos de Desporto Escolar que de outra forma seriam impossíveis de alcançar.

#### ÁREA 4 – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Englobando actividades e vivências que propiciam a construção da competência profissional numa perspectiva de desenvolvimento, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação e tendo como objectivo a percepção da necessidade de reflectir acerca do exercício da actividade, apoiando-se na experiência, na investigação e em outros recursos de desenvolvimento profissional foram elaborados ao longo deste ano diversos documentos. O primeiro foi o Projecto de Formação Inicial, onde foram perspectivadas as acções futuras que procurassem potenciar as capacidades e suprimissem as dificuldades e lacunas iniciais, com base na análise de toda a documentação e legislação que orienta e regula o processo de ensino, no que toca a aquisição de experiências necessárias à formação pessoal no âmbito das 4 áreas desempenho.

O segundo dos trabalhos de grupo levado a cabo pelo Núcleo de Estágio foi a Análise do Sistema Educativo e da Profissão, mais propriamente sobre o Desporto Escolar e a sua relação com a disciplina de Educação Física. A realização deste trabalho permitiu-me aprofundar o conhecimento sobre os objectivos do Desporto Escolar bem como a forma como está organizado e como funciona. Podemos ainda aquilatar a sua relação com a disciplina de Educação Física num contexto próprio – Escola Secundária de Maximinos. A apresentação deste trabalho na faculdade tornou-se também um momento de contacto com outros núcleos de estágio e partilha

de experiências. Foi também um momento importante para nos confrontarmos com um momento mais formal de apresentação oral.

Seguiu-se o Estudo referente às matérias leccionadas em Educação Física e onde foi feito um paralelismo entre aquilo que é a proposta do Ministério da Educação patente no Programa Nacional de Educação Física e a planificação levada a cabo pelo Agrupamento de Educação Física no que toca aos conteúdos a abordar. Procurando desta forma entender a justificação/fundamentação subjacente às diferenças encontradas e criar assim um plano de propostas para a supressão dessas mesmas lacunas, sejam elas a falta de formação especializada ou a realidade escolar quanto aos recursos. A partir deste trabalho, foi elaborado um poster para apresentar nas Jornadas pedagógicas da FADEUP.

Ao longo do ano, de forma sistemática e regular, foram sendo elaborados os dossiers de estágio (individual e de grupo) que constituíram uma boa ferramenta de trabalho e será ainda oferecido ao Conselho Executivo um CD com as actividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estágio durante este ano lectivo.

Dentro da Agrupamento de Educação Física também foram realizadas algumas actividades de enriquecimento profissional. A acção de formação de Dança levada a cabo na escola foi um momento de trocas de experiências com todo o grupo. A reduzida formação dos professores nesta área (mais tarde verificado através da realização do Estudo), levou á necessidade de os professores de juntarem e unirem esforços e estratégias no sentido de melhorar a qualidade da sua intervenção nestes domínios. Apesar de eu nas minhas aulas não dar este conteúdo senti a necessidade de participar nestes encontros tendo a noção dos reduzidos conhecimentos nestes domínios. Aprendi bastante com estas sessões, embora reconheça ainda as minhas fragilidades nesta área. Com esta acção de formação tomei consciência da necessidade de continuar a investir na formação, nomeadamente em áreas pouco abordadas durante o meu percurso escolar.

Finalmente, este relatório crítico que procura mostrar, de forma abrangente, as competências reveladas e adquiridas ao longo do estágio pedagógico, sem excluir sentimentos e emoções vivenciados ao longo deste processo.

## CONCLUSÃO

Tendo presente o P.F.I. foi compilado este documento com o intuito de relatar, o mais reflexiva e avaliativamente quanto possível, todo o percurso realizado no ano lectivo de 2007/2008 referente ao Estágio Pedagógico na Escola Secundária de Maximinos, sob Orientação da Professora Paula Lucas, e todo o trabalho desenvolvido nas quatro áreas de desempenho, no sentido de identificar erros e promover mudanças que se demonstrem adequadas a uma melhoria e desenvolvimento numa perspectiva construtora e com o objectivo de reforçar o exercício consciente de uma futura acção profissional.

A caminhada iniciada nos primeiros dias do mês de Setembro e que se prolongou até ao mês de Junho constituiu um marco fundamental na minha vida pessoal e profissional, dadas as aprendizagens ocorridas e as relações estabelecidas. No decorrer deste percurso, tantas vezes pautado por caminhos sinuosos, aprendi e ensinei, dei, recebi, cresci e vi crescer. Os momentos vividos em contexto de aula, nas reuniões de Núcleo de Estágio, de Departamento, de Agrupamento, nos Conselhos de Turma, na sala dos professores ou nos espaços exteriores da escola contribuíram bastante para a minha formação integral.

Em síntese, gostaria de registar que saio do estágio não só mais confiante e seguro, mas naturalmente mais “rico” do que entrei, pois através da experiência desenvolvida, foram-me facultados instrumentos indispensáveis a uma prática profissional competente.

## BIBLIOGRAFIA

- § *Documento Orientador do Estágio Pedagógico*. Conselho Coordenador do Estágio Pedagógico. Ano Lectivo 2007/2008. Documento não publicado.
- § *Documento de Avaliação do Estágio Pedagógico – FCDEF-UP*. Ano Lectivo 2007/2008. Documento não publicado.
- § *Regulamento do Estágio Pedagógico*. Ano Lectivo 2007/2008. Documento não publicado.